

Sebastião Elias Milani

**Humboldt, Whitney e Saussure:
Romantismo e Cientificismo-Simbolismo
na história da Linguística**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto da Fonseca, na área de *Semiótica e Linguística Geral* do Departamento de Linguística, com vistas à obtenção do grau de *Doutor*.

São Paulo

2000

Sebastião Elias Milani

Humboldt, Whitney e Saussure:
Romantismo e Cientificismo-Simbolismo
na história da Linguística

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto da Fonseca, na área de *Semiótica e Linguística Geral* do Departamento de Linguística, com vistas à obtenção do grau de *Doutor*.

São Paulo
2000

Agradecimentos

A Deus, Pai do Céu.

À Universidade de São Paulo.

A meu Professor Carlos Alberto da Fonseca.

Ao CNPq e à Universidade de Genebra.

RESUMO

Wilhelm von Humboldt, William Dwight Whitney e Ferdinand de Saussure representaram em suas respectivas obras linguísticas a essência do pensamento da época em que viveram.

Humboldt viveu o período clássico e quase todo o período romântico prussianos. Sua obra representa o pensamento desse período: o idealismo, a valorização do indivíduo, o patriotismo e a revolução política, etc. Seus conceitos denotam a valorização da individualidade, que foi uma consciente reação contra o escravismo e o despotismo vigentes nos séculos anteriores. Idealista, em sua obra pesquisou a fórmula ideal de produção da linguagem.

Whitney, apesar de americano, foi educado à moda europeia, sob a égide da Gramática Comparada. Sua principal obra de teoria linguística foi publicada em 1875 e foi marcada pela influência das mudanças sociais, que fizeram o homem mais materialista e racional, e pela composição étnica de seu país. Sua pesquisa ficou concentrada nas necessidades práticas que enfrentava em seu dia-a-dia como professor. Seus conceitos denotam uma busca por soluções práticas para o aprendizado das línguas.

Saussure nasceu em Genebra numa família de cientistas. Suíço, estudou na Alemanha, ensinou em Paris, mas terminou sua carreira em Genebra. A parte mais conhecida de sua obra foi produzida no final do século XIX e início do século XX, um período em que a industrialização alcançava o ápice do desenvolvimento, as cidades já eram sociedades complexas e os valores individuais tornavam-se insignificantes com relação aos valores grupais. Seus conceitos ficaram marcados por esses limites entre a ação do indivíduo e o predomínio da coletividade.

Essas formas de pensamento estão perfeitamente registradas em outros modos da expressão do pensamento. Na produção literária de cada época ficou registrada a mesma essência cultural que cada um desses linguistas registrou em seus conceitos. De qualquer ponto de vista que se estude uma sociedade, o que se observa é que a essência social de uma época é uma só e atinge do mesmo modo a todos os indivíduos que nela tenham vivido.

RÉSUMÉ

Wilhelm von Humboldt, William Dwight Whitney et Ferdinand de Saussure ont représenté dans leur production linguistique l'essence de la pensée de leur temps.

Humboldt a vécu la période classique et presque toute la période romantique prussiennes. Son oeuvre représente la pensée de cette époque: l'idéalisme, la valorisation de l'individu, le patriotisme et la révolution politique, etc. Ses concepts révèlent la valorisation de l'individualité, qui a été une réaction consciente contre l'esclavage et le despotisme dominants aux siècles précédents. Idéaliste, dans son oeuvre il a cherché la formule idéale de la production du langage.

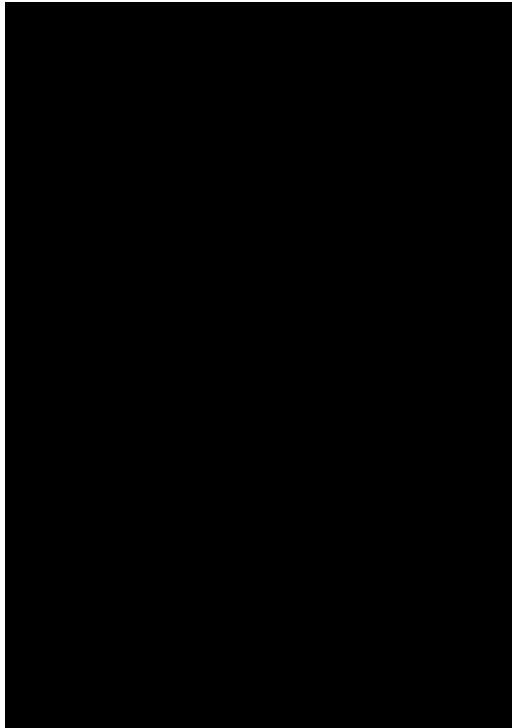
Whitney, tout en étant américain, a été élevé à la façon européenne, sous l'égide de la Grammaire Comparée. Son principal ouvrage dans le domaine de la théorie linguistique a été publié en 1875. Ce volume a été marqué par les influences des changements sociaux, qui ont rendu l'homme beaucoup plus matérialiste et rationnel, et par les caractéristiques ethniques de son pays. Sa recherche s'est concentrée sur les nécessités pratiques qu'il affrontait toujours en tant que professeur. Ses concepts dénotent une recherche vers des solutions pratiques pour l'apprentissage des langues.

Saussure, lui, est né à Genève au sein d'une famille de scientifiques. Suisse, il a étudié en Allemagne, a enseigné à Paris, mais a fini sa carrière à Genève. La partie la plus connue de son oeuvre a été produite à la fin du XIX^e siècle et au début du XX^e, une période où l'industrialisation arrivait au sommet de son développement, les villes étaient déjà des sociétés complexes, et les valeurs de l'individu devenaient insignifiants face aux valeurs du groupe social. Ses concepts sont empreints par les limites entre l'action de l'individu et la primauté de la collectivité.

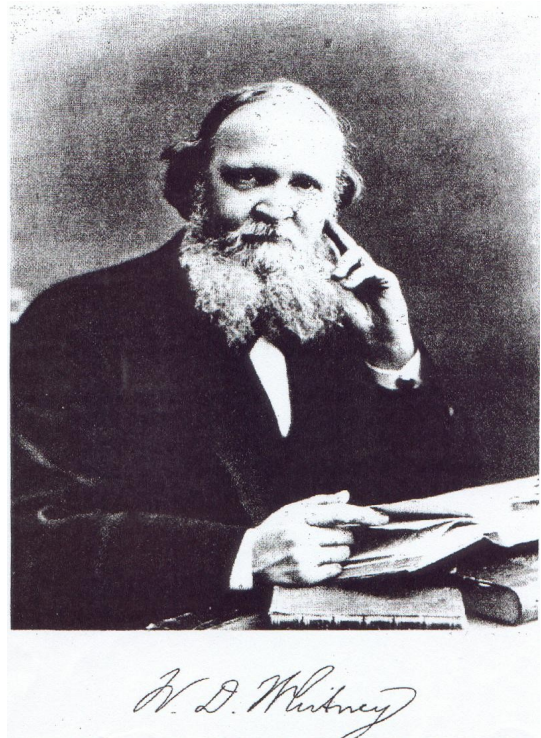
Ces façons de la pensée ont été parfaitement enregistrées par d'autres manières de l'expression de la pensée. Dans la production littéraire dans chaque époque a été délimitée la même essence culturelle que chacun de ces linguistes a saisi à travers leurs concepts. Cependant, l'essence sociale d'une époque est seule et se produit de la même façon pour tous les individus qui ont vécu tout au long d'une même période.

SUMÁRIO

Apresentação	8
Introdução	15
Capítulo 1: Breve panorama cultural do século XIX	26
1.1. A primeira metade do século	26
1.1.1. O tema da liberdade	26
1.1.2. Marcas da evolução literária	38
1.1.3. A evolução da religiosidade	57
1.2. A segunda metade do século	63
1.2.1. As cidades: industrialização, expansão e transportes	63
1.2.2. A simbolização na arte linguística	68
1.2.3. O Nacionalismo	74
Capítulo 2: A linguística de Humboldt	79
2.1. Humboldt em seu tempo	79
2.2. A obra e o idealismo	81
Capítulo 3 : Os estudos de Whitney: <i>La Vie du langage</i>	95
3.1. Whitney em seu tempo	95
3.2. A lei do menor esforço	97
Capítulo 4: Ferdinand de Saussure: o discurso semiológico	110
4.1. Saussure em seu tempo	110
4.2. A obra e a sociedade	113
Capítulo 5: A evolução social e o discurso	127
5.1. O discurso literário na Era Romântica	127
5.2. A evolução do discurso linguístico: língua e linguagem	135
5.3. Outros conceitos	142
5.3.1. Humboldt e o conceito de geração linguística.....	142
5.3.2. Whitney e as mudanças nas línguas	144
5.3.3. A sistematização linguística na obra de Saussure	148
Conclusão	151
Bibliografia	164



Wilhelm Karl von Humboldt



William Dwight Whitney



Ferdinand de Saussure

APRESENTAÇÃO

A sociedade se comporta como se fosse um organismo vivo, em que todas as partes estão interligadas. Assim, todos os setores da vida humana participam dessa organização e, acima de tudo, são influenciados por todos os outros setores coexistentes. Desse modo, acontece uma sobreposição na mente dos indivíduos de todos os elementos culturais envolvidos na organização da sociedade, que incidem em todas as novas manifestações culturais científicas ou artísticas, de modo que qualquer manifestação que surja numa determinada época é sempre a materialização de algum conceito sob a perspectiva dos outros fatores que integram a mesma época.

Este trabalho pretende exemplificar essa evolução em alguns conceitos de três autores de momentos diferentes do pensamento linguístico e pretende demonstrar que esses conceitos foram determinados pela organização do contexto sociocultural em que foram produzidos. Esses três momentos são: a) o livro *uber die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*,¹ escrito por Wilhelm von Humboldt entre os anos de 1830 e 1835 (ano de sua morte); b) o livro *Cours de Linguistique Générale*,² de Ferdinand de Saussure, publicado em 1916; nesse caso, será considerado material de estudo também a edição crítica dessa obra, feita por Rudolf Engler em 1969; e c) o livro *The Life and Growth of Language*,³ de William Dwight Whitney, publicado em 1875, considerado aqui como ligação entre os outros dois por apresentar relações conceituais com ambos.

A escolha desses textos para objeto desta tese obedeceu, prioritariamente, ao fato de seus autores serem reconhecidamente fundamentais para o desenvolvimento dos estudos linguísticos; depois, porque, nos três casos, no conjunto da produção dos respectivos autores, são sem dúvida aqueles textos a obra mais importante e a que melhor demonstra o pensamento do autor sobre o tema “teoria da linguagem”. Essa afirmação, evidentemente,

¹ “Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana e sua influência sobre o desenvolvimento espiritual da humanidade”. Texto ainda inédito em português; foi utilizada aqui uma tradução espanhola; nas citações e referências, será indicado como *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano*.

² Será aqui referido pela tradução para o português *Curso de linguística geral*.

³ *A vida e o desenvolvimento da linguagem*. Texto ainda inédito em português; foi utilizada aqui a tradução francesa, *La Vie du langage*, feita pelo próprio Whitney.

deve ser considerada com cuidado: há, em cada caso, esclarecimentos a fazer. No caso de Humboldt, todos os textos que ele escreveu sobre teoria da linguagem antes de produzir seu *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano* foram nele retomados, e os temas, por ele abordados antes, são aí novamente apresentados e expandidos. Logo, não há outro material que seja substancialmente importante, ou que seja linguisticamente significativo, que esteja fora da obra escolhida.

Com relação a Whitney, o texto *La Vie du langage* foi a única obra que publicou em forma de livro sobre teoria da linguagem. De qualquer forma, seu trabalho deve ser visto aqui como uma ponte entre Humboldt e Saussure e, apesar de ter sido estudado com cuidado e extensão, não é objeto básico do projeto, que visa a demonstrar a evolução da ciência Linguística no estágio em que Humboldt e Saussure a pensaram, sem estudar ou demonstrar os estágios intermediários.

Quanto a Saussure, deve-se ter em mente que o livro *Curso de linguística geral* não foi organizado por ele. Isso é amplamente conhecido: foram seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger, que o organizaram a partir das aulas dadas pelo professor Saussure e anotadas por eles e seus colegas no curso de Letras da Universidade de Genebra. Portanto, o que vai ser tomado como pensamento de Saussure é o texto organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, como representante do conhecimento linguístico do início do século XX. Paralela-mente, entretanto, serão utilizadas as anotações de sala de aula feitas por Émile Constantin, transcritas por Rudolf Engler em sua edição crítica do *Curso de linguística geral*, e que estão disponíveis para leitura no original na Biblioteca Pública e Universitária da Universidade de Genebra. Discussões sobre a pertinência do texto e sobre a fidelidade ao pensamento de Saussure muito pouco interessam: foi o texto organizado por Bally e Sechehaye que revolucionou o pensamento linguístico e trouxe avanços importantíssimos para a ciência; é ele o representante máximo da forma em que se encontrava a Linguística na virada para o século XX.

Deve ficar claro para qualquer leitor deste trabalho que não seria possível analisar os três livros inteiros. Assim, foram escolhidos alguns temas — os mais comuns e aqueles que mais demonstram a presença e a interferência no pensamento do autor do momento cultural em que os textos foram escritos. Também serviu de critério para a seleção desses temas o interesse básico do autor em produzir sua obra. Por isso, temas como “língua“ e “linguagem” aparecem nas três análises — mas o tema “gerações linguísticas” só aparece em Humboldt, bem como a “fala” só aparece em Saussure, e “mudanças nas línguas” só aparece em Whitney. No caso de Whitney, particularmente, é importante prestar atenção no objetivo central de seu

trabalho, que era o de demonstrar o processo de aprendizagem pelo ser humano da língua materna e de línguas estrangeiras. Fica o leitor deste trabalho alertado para certa flexibilidade adotada na escolha dos temas, considerando-se, sempre, que o critério que presidiu a seleção foi o de apresentar os pensamentos mais significativos dos autores e aqueles que melhor demonstram a influência cultural que possam ter exercido e/ou recebido.

Esses são os recortes relativos ao material de estudo; faltam ser demonstrados os objetivos exatos que levaram à organização deste trabalho.

No segundo, terceiro e quarto capítulos, em que se expõe o pensamento de Humboldt, Whitney e Saussure, faz-se uma busca de elementos culturais que influenciavam o pensamento dos indivíduos na época e local em que viviam. No caso de Humboldt, na Europa; mais especificamente, na Prússia e na França. No caso de Whitney, nos Estados Unidos e na Europa, por causa de sua formação europeizada. No caso de Saussure, na Europa.

O texto de Humboldt foi escrito entre 1830 e 1835, em pleno período romântico. Humboldt viveu o mais extremado idealismo do Romantismo, em que se buscava uma valorização para os sentimentos e as perspectivas individuais. O período foi marcado por intensas variações políticas, derivadas, principalmente, dessa redefinição dos valores morais e estéticos para o indivíduo. O texto de Whitney foi publicado em 1875, nos Estados Unidos, um país cheio de contrastes culturais e com os problemas e as vantagens de ser uma nação em organização. O momento cultural era de valorização da racionalidade e de solucionar dificuldades sociais relacionadas à evolução dos espaços urbanos e à competição pelos bens materiais. Saussure produziu seus estudos sobre teoria da linguagem entre 1907 e 1911. A Europa estava em franco processo comercial e industrial. O indivíduo, naquela sociedade moderna e urbanizada, tinha muito pouco poder por si mesmo, na prática, um indivíduo sozinho era “desprezível”. Naquele momento, eram imperativos os valores da razão materialista e da exclusão do mais fraco.

Humboldt nasceu em Potsdam, na Prússia, em 1767 e, a despeito de ter viajado muito, de ter vivido em Paris entre 1788 e 1793 e de ter sido profundamente influenciado pelos acontecimentos da Revolução Francesa e pela literatura e filosofias desenvolvidas na França, sua formação foi amplamente marcada pela orientação e pelos pensamentos do Classicismo e do Romantismo alemães, que viram Goethe, seu mais importante autor, morrer em 1832. Assim, numa palavra, os alemães buscavam um idealismo revolucionário centrado numa filosofia do comportamento, ou seja, uma revolução estética para o ser humano, repudiando a violência. A obra de Humboldt, tanto a de caráter político quanto a de estudo sobre a

linguagem, apresenta a necessidade de liberdade para o indivíduo e o idealismo por um mundo melhor, recriado por um ser humano esteticamente mais perfeito.

William Dwight Whitney nasceu em 1826, em Northampton, Massachussets, nos Estados Unidos. Seu desempenho como estudante de sânscrito em Yale fez que se mudasse para Berlim em 1850 e ali permanecesse por três anos. Naquela cidade foi aluno de, entre outros, Franz Bopp. De volta aos Estados Unidos, dedicou-se ao ensino do sânscrito e do inglês, fazendo de seu próprio ato de ensinar seu campo de pesquisa sobre o processo de aprendizagem da língua. Por ter conhecido claramente a Gramática Comparada e ser um neogramático, Whitney alcançou, como uma ponte, o mundo romântico, idealizado e de estudo do indivíduo em que viveu Humboldt, e o mundo simbolista, racional e de estudo dos fatos sociais em que viveu Saussure.

Saussure nasceu em 1854 e morou até os 14 anos em Genebra, na Suíça. Em Leipzig, na Alemanha, cursou a faculdade, concluiu o Mestrado e o Doutorado; com 23 anos foi morar e ensinar filologia e sânscrito em Paris. Voltou para Genebra para ensinar na Faculdade de Letras local, primeiro filologia românica e depois linguística geral. É a produção dessa segunda fase das aulas de Saussure em Genebra que interessa neste trabalho. Viveu toda a segunda metade do século XIX, uma fase em que as transformações sociais foram muito aceleradas e marcantes na Europa. A industrialização, que começara na Inglaterra no final do século XVIII, era cada vez mais intensa e já se espalhara por todo o continente europeu, tendo atingido, ainda na primeira metade do século, centros de grande importância social na França e na Alemanha.

Não é segredo que a industrialização mudou o panorama sociocultural e econômico do mundo e fez as cidades da Europa crescerem muito. Uma revolução nos meios de transporte, que se tornaram muito mais velozes, foi a mola propulsora que se transformou num dos elementos fundamentais para o progresso dessa indústria. Dessa maneira, no final do século, as cidades eram já muito grandes e criavam necessidades típicas de grandes agrupamentos humanos. Dessa forma, toda a sociedade, principalmente suas lideranças, tinha que pensar no progresso da coletividade — ou seja, a posição do indivíduo só podia ser significativa em função da coletividade de que fazia parte.

Ao comparar dois desses momentos culturais, representados na vida de Humboldt e de Saussure, pode-se dizer que o período em que Humboldt viveu e escreveu o texto *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano* foi marcado pelos desejos de liberdade e de perfeição moral, desenvolvidos e apregoados pelos pensadores e filósofos e incutidos no pensamento do povo pelo Iluminismo e pelo cansaço da exploração praticada pelo regime

político feudal que imperava há vários séculos. A Revolução Francesa foi, por assim dizer, o principal resultado político da evolução desses fatos sociais. Por sua vez, no final do século XIX e início do século XX, período em que Saussure estudou e produziu sua obra, a condição política era a de encontrar soluções para os problemas da coletividade urbana; nessa época, as cidades eram apenas grandes aglomerações humanas cheias de problemas, e uma discussão intensa no mundo inteiro revia o planejamento social e urbanístico.

Na sociedade em que Humboldt viveu, o indivíduo ansiava pela dignidade e o respeito que a escravidão, o regime político e a divisão do poder lhe haviam negado desde antes da Idade Média. A Revolução Francesa foi uma reação a tudo o que significava opressão, incluindo aí a Igreja, detentora de grandes riquezas. A obra de Humboldt reflete esse estado moral dos indivíduos e a busca que a sociedade europeia fazia por um ser humano melhor esteticamente e mais pleno de solidariedade. Essa necessidade de deixar aflorar os desejos e os sentimentos humanos criou uma valorização do indivíduo e de seus sentimentos e um idealismo estético para os sentimentos e as capacidades individuais, que estão na base de todas as criações estéticas realizadas nos séculos seguintes.

Por seu turno, Saussure viveu num estágio da evolução dessa sociedade em que o indivíduo integrava um sistema coletivo dividido em pequenas partes. Nesse contexto, anseios individuais eram sempre de grande importância dentro daquela sociedade, não para progredir individualmente, mas para progredir coletivamente. Dessa forma, qual-quer atitude assumida pelo indivíduo era sempre de participação, de anulação de sentimentos individualistas e de satisfação de sentimentos individuais que fossem para o bem coletivo. Ao contrário do período monarquista totalitário e feudal, no qual só um indivíduo tinha tudo, nessa sociedade industrial e urbana o poder era predominantemente parlamentar, tanto nas repúblicas quanto nas monarquias restantes, estando, dessa forma, um pouco mais distribuído. Nas letras, a literatura do Simbolismo, predominante nesse período, constituiu-se de uma reação a essa massificação do indivíduo e de uma revalorização dos sentimentos e valores espirituais, esquecidos na literatura desde o final do Romantismo.

A obra linguística de Saussure demonstra que a participação do indivíduo na língua é de colaboração para a perpetuação do sistema. O indivíduo fala a língua de seu povo, que é coletiva, como foi ensinado por seus antepassados. Dificilmente ele colabora linguisticamente para o coletivo; se vier a acrescentar algo, serão melhorias que reforçam o coletivo. Humboldt demonstrou que o indivíduo pode controlar a perfeição da língua que fala: quanto mais exercício intelectual ele fizer, uma língua melhor ele falará. Em Humboldt, o controle da língua é do indivíduo, que pode explorar como quiser os recursos que a língua oferece. Se um

indivíduo tiver muitos recursos intelectuais, pode modificar o pensamento e a língua de uma nação. Em Saussure, o indivíduo é responsável somente por sua atuação linguística, ou seja, pelo seu discurso/fala.⁴

Assim, este trabalho parte da ideia já bastante comum de que toda obra humana só é possível num determinado tempo e espaço para explicar que os conceitos das três obras apontadas estão intimamente relacionados e refletem os diversos elementos culturais do tempo em que seus autores viveram. A conceituação de Humboldt pode ser explicada na síntese do pensamento do Classicismo e do Romantismo prussiano: é a idealização da fórmula individual da construção da linguagem. Saussure foi produto de uma sociedade massificada e industrial, cujos valores predominantes eram os de proteção da coletividade. Sua obra foi composta num período em que as ciências já estavam metodologicamente definidas. O período tinha como modelos científicos definidos a psicologia e a sociologia. A obra de Saussure recriou, do ponto de vista do estudo da linguagem, o Cientificismo e o Simbolismo, num modelo linguístico em que os valores sociais, de caráter coletivo, predominavam como objetivo para evolução.

Whitney toca esses dois extremos do trabalho. Ele nasceu durante o auge do Romantismo e foi educado pelo pensamento da Gramática Comparada. A parte mais importante de sua obra está situada entre 1850 e 1875, período em que o Cientificismo como fato social atingia todos os pensadores e, na literatura, o Realismo ganhava forma repudiando a fantasia e a ingenuidade idealizada dos românticos, preocupando-se essencialmente com o presente e o materialismo. Como neogramático, Whitney teve todos os comparatistas como fonte de pesquisa. Sua obra teve como uma das fontes básicas a obra linguística de Humboldt. Se, por um lado, Whitney estudou Humboldt e os comparatistas, por outro foi uma das mais importantes fontes de pesquisa de Saussure.

⁴ Joaquim Mattoso Câmara Jr., *Princípios de linguística geral*, p. 24, propõe como melhor tradução do termo francês “parole” o termo “discurso” e não “fala”, uma vez que esse termo francês pode significar as duas ideias.

INTRODUÇÃO

O século XIX é geralmente chamado nos textos que explicam os eventos que nele ocorreram de “o século das revoluções”. Estudar esse contexto não é simples, por-que tudo parece ser revolucionário. Na verdade, o século XIX se caracteriza, acima de tudo, pela aceleração do desenvolvimento da sociedade, que sofreu transformações em todos os níveis. Um mecanismo de renovação e distribuição, sobretudo do conhecimento acumulado, fez daquele século um tempo em que as sociedades europeias vivenciaram um processo de mudanças mais intenso e constante que nos séculos anteriores.

Para iniciar qualquer reflexão sobre o século XIX é preciso antes ter em mente a importância, para os fatos daquele século, do conhecimento acumulado ao longo dos séculos anteriores e o comportamento social e político do homem em todas as sociedades da Europa e do mundo, principalmente no século XVIII. Parece muito redundante afirmar que as mudanças sociopolíticas e socioeconômicas efetivadas a partir de 1789 são consequências do comportamento humano no século XVIII. Por certo, não interessa criar justificativas nem relação de causa e efeito, mas é evidente que no contexto do século XVIII está a fórmula da criação do século XIX; para simplificar a compreensão dessa afirmação, basta levar em conta a sequência dos fatos da história.

É necessário tornar explícito que qualquer fórmula de pensamento ou princípio de conhecimento que tenha sido materializado em discurso ou em ação no século XIX foi regido pelas correntes de pensamento do século XVIII. Esse fato não se restringe necessariamente à sequência cronológica dos eventos, mas está vinculado à marcante presença do pensamento filosófico frutificado no século XVIII. A essência do pensamento moderno, que permanece como esteio do pensamento humano ainda no final do século XX, foi inaugurada no século XVIII. As correntes filosóficas aqui referidas são o Racionalismo⁵ e o Empirismo⁶. Também compõem esse quadro os modelos de pensamento do final do século XVIII: o Criticismo⁷ de

⁵ Corrente filosófica do século XVIII que afirmava a lógica da razão como o verdadeiro elemento para o progresso humano.

⁶ Corrente filosófica do século XVIII oposta ao Racionalismo. Compreende que na natureza e em sua experimentação estão as respostas para a existência humana.

⁷ Conjunto de obras filosóficas de Immanuel Kant que analisam pelo crivo da razão, de forma crítica, todos os fatos da natureza corporal e espiritual humana; em todas as circunstâncias estão os fatos racionais como os elementos fundamentais dessa filosofia.

Immanuel Kant e o Idealismo⁸ romântico. Essas fórmulas de pensar deram início à sociedade moderna e criaram uma capacidade intelectual que permitiu a transformação geral sem que tudo se deteriorasse pelo choque ou pela incapacidade de compreensão do novo.

O século XIX caracterizou-se pela conscientização dos indivíduos sobre sua aptidão de serem donos de si mesmos e de controlarem aquilo que os cercava. Essa foi a principal transformação, que geraria todas as outras. É bem possível que o termo “revolução” seja o conceito básico para o período, porque foi a Revolução Francesa, um evento armado como muitos do período, que marcou, por assim dizer, o início dessas transformações. Desde a Revolução Francesa, que abriu amplas possibilidades de mudanças, cada vez mais elas aconteceram mais aceleradamente durante o século XIX, e muito mais ainda no século XX.

Em 1800, na literatura, iniciava-se o Romantismo, que colocou em questão a estratificação social e os efeitos que os valores sociais tinham sobre os indivíduos. Nesses textos, a religião e as mulheres assumem o primeiro plano das análises. Moralistas e religiosos tornaram as mulheres e a religião motivo de discussões continuadas — uns como determinadores da moral social e, os outros, da íntima relação existente entre a Igreja e Deus — duas circunstâncias que os indivíduos eram induzidos a aceitar. Desse modo, o século XIX foi marcado pelo estudo do indivíduo, porque é no indivíduo que estão sempre os valores morais e religiosos. As mulheres estavam em primeiro plano, porque, em qualquer tempo, são o principal alvo da moral crítica e da religião.

A literatura descobriu existir também na Índia uma concepção divina nos moldes daquilo que a filosofia da época procurava para o homem, ou seja, a busca da perfeição estética. Foi por obra de William Jones⁹ que o sânscrito foi conhecido na Europa. A cultura indiana, sobretudo seus valores religiosos, era em muitos pontos atraente: a suavidade e a sensibilidade do ser humano, aspectos ressaltados nos indianos, podiam ser entendidas como valores cristãos — Cristo é o deus da suavidade e da sensibilidade e prega a igualdade pelo amor e pela sabedoria. Os românticos, tenham sido eles ficcionistas ou cientistas da linguagem, identificavam-se plenamente com a língua e a cultura sânscritas.

A questão religiosa era de suma importância para as sociedades europeias do final do século XVIII. A Igreja sempre teve uma relação de absoluto domínio sobre o

⁸ Recriação do comportamento humano segundo valores idealizados, a visualização de um ser humano mais próximo da construção paradisíaca.

⁹ Sanscritólogo inglês (1746-1794). Fundador dos estudos de literatura em sânscrito no Ocidente e primeiro editor europeu de textos nessa língua. Sua divulgação de escritos budistas teve influência notável sobre Friedrich Schlegel e Schopenhauer. Suas traduções da *Ākuntalī*, de Kālidāsa (1789), e das *Leis de Manu* (1794) influenciaram as literaturas ocidentais. Foi o primeiro a reconhecer as semelhanças entre o sânscrito e as línguas latina, grega e gótica, o que abriu o caminho para o reconhecimento da comunidade linguística indo-germânica por Wilhelm von Humboldt e Bopp.

comportamento de todos os regentes e, em consequência, dos povos. A questão é que, na sociedade europeia de então, existia uma religiosidade que, sendo assentada no Catolicismo ou no Protestantismo, pregava Deus como punitivo e vingativo, o que conformava um direcionamento religioso completamente oposto aos anseios da revolução moral necessária contra o despotismo dos reis e da Igreja. A religiosidade da Índia mos-trava um mundo espiritual diferente desse quadro de punição e com um sentido revolucionário para os padrões europeus da época, bem de acordo com os desejos e pensamentos daquele movimento social, que acreditava numa sociedade mais justa e que estava propondo a revolução no sistema administrativo das nações.

O sânscrito foi amplamente divulgado nos meios intelectuais da Europa na primeira metade do século XIX e estaria completamente conhecido na segunda metade, por europeus e não-europeus. Uma perfeita simbiose de necessidade e pontualidade aconteceu entre a cultura e a língua da Índia antiga e a espiritualidade e a intelectualidade do Romantismo. Essa colaboração cultural abriu uma passagem imensa para os europeus na direção do auto-conhecimento histórico-linguístico. Esse conhecimento reformulou e revolucionou a metodologia do estudo linguístico: dessa nova metodologia surgiu a Gramática Comparada.

Os liberais organizaram a Revolução Francesa e, a partir dela, o povo passou a ter direitos que não possuía. A Revolução colocou em dúvida os valores da Monarquia e expôs seus defeitos. No lugar da aristocracia, no poder com o regime monarquista, assumiu o posto uma burguesia que só era liberal enquanto estava fora do poder.

No fim do século XVII a burguesia se tornara a classe econômica dominante em quase todos os países da Europa ocidental. Dela faziam parte os comerciantes, os banqueiros, os proprietários de navios, os principais acionistas e os empresários de indústrias. Essa subida ao poder deveu-se principalmente ao aumento da riqueza e à tendência de se aliarem aos reis contra os remanescentes da aristocracia feudal. Mas o poder da burguesia, por enquanto, era puramente econômico. Foi só no século XIX que a supremacia política da classe média se tornou realidade.¹⁰

Essa nova classe, a burguesia, assumiu e continuou no poder mesmo depois da Restauração, ainda no século XIX, do regime monárquico por toda a Europa.

¹⁰ E. M. Burns, *História da civilização ocidental*, p. 505.

A austeridade e a flexibilidade manteriam a burguesia no poder e fariam dela um modelo de comportamento a ser seguido e difundido. No entanto, o termo “burguesia” sugere muitas possibilidades de entendimento se o ponto de vista para seu enfoque for cultural, econômico, social ou político. A burguesia é, antes de mais nada, o símbolo do século XIX, porque ela fez, pelo poder individual, na organização das classes, a revolução que ocorreu em todos os níveis nesse século.

*Salvo breves intervalos, e ainda assim de maneira muito limitada, foram os burgueses que, na França, a partir de 1815, controlaram e dirigiram os principais setores da atividade nacional, com exceção do setor agrícola, que por muito tempo continuou sendo dominado pelas tradições camponesas e influenciado localmente por notáveis de origem nobiliária. No século XIX, o caráter burguês da sociedade francesa opunha-a ao “espírito aristocrático ... que invadia todas as classes da sociedade inglesa”...*¹¹

*Apegados ao que detêm – haveres materiais ou bagagem intelectual —, os burgueses são por essência conservadores, mais acorrentados ao presente que ligados ao passado, ou, ao contrário, apoiados em sua posição social, são os vetores da inovação e do progresso? Trata-se, pois, de saber se a burguesia, cuja influência se afirmou com o triunfo do Terceiro Estado depois de 1789, tendeu a imobilizar-se, com o risco de aparecer como nova casta de privilegiados, ou se permaneceu fiel a tendências reformistas ou revolucionárias, lembrando-se que reformas e revolução tanto podem ser reacionárias como progressistas.*¹²

*Em todos os graus da hierarquia burguesa, conservantismo e ousadia inovadora não cessaram de dividir os espíritos e as consciências. (...) A sociedade burguesa era igualitária e hierarquizada. “De todas as mudanças extraordinárias que temos visto em nossos dias”, escrevia Mignet em 1844, “a mais profunda e sem dúvida a mais completa é a que renovou na França a constituição da sociedade civil. Essa revolução ... tornou iguais perante a lei os homens que o cristianismo tornara iguais perante Deus”.*¹³

A burguesia francesa surge, pois, como uma sociedade de elites. Ela aposta na competência e nas capacidades individuais. Ela repousa na vontade de confiar

¹¹ A. Daumard, *Os burgueses e a burguesia na França*, pp. 2-3.

¹² *Idem, ibidem.*, pp. 4-5.

¹³ *Idem, ibidem*, p. 266, *passim*.

no espírito crítico – mais exatamente, na razão individual apoiada na imaginação criadora. Isso tende a esmaecer em virtude das modas às quais devemos submeter-nos sob pena de ficarmos marginalizados e devido à inserção da maioria das pessoas em numerosos agrupamentos e em múltiplos compromissos de fidelidade.¹⁴

Com a Revolução Francesa iniciou-se um período em que o povo ganhou vantagens importantes, tais como o sufrágio universal em 1848. Porém, a grande maioria da população era formada por camponeses que tinham o direito ao voto mas ainda desconheciam em grande medida os valores políticos e não conseguiam se livrar das amarras que o feudalismo impusera. Eles continuavam presos à hierarquia social que existia desde a Idade Média. Essa grande massa de eleitores não-politizados manteve a mesma elite aristocrática e conservadora no poder. Tanto pelo ângulo do desconhecimento quanto pela crença no poder hereditário, esses eleitores iriam se constituir numa enorme dificuldade para as pretensões dos liberais.

A industrialização da Europa provocou duas grandes transformações: aumentou o consumo e as cidades. Ela colocava à disposição do mundo uma grande quantidade de novidades em condições acessíveis para um número muito maior de pessoas, mas essa indústria precisava de mão-de-obra. Assim, os camponeses eram atraídos para as cidades, que dispararam a crescer. Com as cidades se tornando muito grandes, os problemas sociais, sobretudo relacionados à saúde, tornavam-se muito graves. Intimamente relacionado ao crescimento das cidades estava o crescimento da população da Europa, que em cem anos aumentou seu número em cinco vezes.

Com a industrialização e a urbanização surgiram as grandes corporações bancárias, outro grande esteio das sociedades modernas. Os bancos, que até então eram atividades familiares, tornaram-se grandes redes e são um exemplo perfeito do imenso crescimento dos elementos sociais, principalmente a partir da segunda metade do século.

O continente europeu, entretanto, não era mais, por obra dos próprios europeus, o mundo inteiro. O mundo naquele século compreendia também a África, o Oriente e, principalmente, as Américas. O final do século XVIII e o início do século XIX marcaram o final do período da colonização nas Américas e, apesar de o extrativismo continuar a existir, o interesse pelas florestas era progressivamente menor. Os europeus do século XIX estavam fascinados com sua própria capacidade de inventar. *A ciência e suas novidades eram os*

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 433.

*elementos que norteavam a curiosidade dos indivíduos e jogavam os fantasmas da floresta desconhecida para o rol das fantasias.*¹⁵

O Romantismo colocava a imagem da mulher em primeiro plano. O que importava não eram os valores femininos: importantes eram os valores relativos ao comportamento feminino, então colocados em primeiro plano. Desse modo, as personagens masculinas do Romantismo são sempre muito estranhas ao universo da agressividade de macho e de guerreiro das muitas guerras do século. Essas personagens masculinas são frágeis e sensíveis, carentes de afeto e com profundos problemas existenciais e de relacionamento com o mundo que as cerca.

No século XIX aflorou a sensibilidade dos seres humanos. Consequentemente, foi o século da primeira rajada de emancipação da mulher, mais sensível por natureza. Na demonstração da sensibilidade levada a efeito pela literatura do Romantismo, a religiosidade permanecia ligada às personagens. O Cristianismo perdurava nos corações dos românticos, mesmo que a Igreja, enquanto instituição, tivesse seu poder reduzido.

Em nenhum período na história da humanidade foram travadas tantas guerras e revoluções armadas. A Europa, em nome do patriotismo, teve suas fronteiras modificadas muitas vezes durante o século XIX. O período mais intenso das invasões das fronteiras começou com Napoleão, que expandiu o território da França pela Península Itálica, pelo Norte, pelo Leste e pelo Oeste da Europa. A Península Itálica era formada por uma constelação de pequenos reinos, que, antes do final do século, se fundiram numa só nação; o mesmo ocorreu com os reinados germânicos, que se fundiram basicamente em torno da Prússia, formando a Alemanha.

Em nome de uma supremacia racial ou bélica, ou por causa de uma ganância sem limites, nações se lançaram umas contra as outras. Muitas dessas guerras foram travadas apenas para testar quem era mais forte ou superior. Pode-se dizer que, de certa forma, o Nacionalismo causou inúmeras guerras durante o século XIX e continuou sendo fonte e causa das desavenças entre os povos no século XX, durante o qual foi um dos elementos responsáveis por imensos genocídios, como as duas guerras mundiais.

Todas essas transformações estão vinculadas, como causa ou como consequência, às modificações no quadro educacional no continente europeu. Pouco a pouco, a população foi tendo acesso às informações, que antes estavam restritas, num primeiro momento, à aristocracia e, depois, à burguesia. Foram a educação e a imprensa mais livre que tiraram o povo do domínio dos senhores das terras e fizeram do sufrágio universal a moeda forte do povo contra a submissão e a escravidão.

¹⁵ Robert Darnton, *O lado oculto da Revolução*, p. 27.

No final do século XVIII e início do XIX, existia um descontentamento generalizado no povo. Ao lado dessa aparente decepção política, que parece estar no seio da sociedade e que geraria o movimento da Revolução Francesa e das modernizações do século XIX, os europeus descobriram muitas novidades no campo da ciência, da política e do bem-estar social.

Esse clima de descobertas sociais e de esclarecimento dos povos possibilitou os mais diversos estudos. Uma vez que o expansionismo territorial acabara com muitas dúvidas dos homens em relação a sua presença na Terra, surgiram estudos que demonstram que a atmosfera de dúvida sobre a origem do ser humano no mundo perdurava na mente dos povos. Entre esses estudos está o *Magnetismo Animal*, de Mesmer, que pode ser visto como uma das primeiras incursões feitas pelo homem na tentativa de descobrir e entender a capacidade de sua mente. Segundo Mesmer, que era médico, essa energia (o magnetismo animal) está nos seres humanos, e ele passou a usá-la como tratamento curativo para todo tipo de doenças. Mesmo sendo rejeitado pela comunidade médica, muito rapidamente Mesmer se tornou conhecido e teve uma porção de seguidores e praticantes do Magnetismo.¹⁶

O processo de magnetização consistia na transferência de energia cósmica para pessoas doentes através de uma corrente humana. O magnetismo de Mesmer só foi esquecido depois de 1837, quando o Conselho de Medicina francês conseguiu, através do relatório de uma pesquisa por ele encomendada, criar dúvidas sobre as curas feitas pelo magnetismo animal. Porém, desde 1780, quase todos os cidadãos de Paris praticaram o Mesmerismo. Escritores como Johann Wolfgang von Goethe, François-René Chateaubriand, Victor Hugo, Honoré de Balzac e Ernst Theodor Amadeus Hoffmann foram mesmerizados. Segundo Darnton, o Mesmerismo se constituiu, na época, numa filosofia e até numa religião.

O sortilégio com que Mesmer encantou os franceses nos anos 1780 manteve homens de letras e cientistas políticos sob sua influência durante a primeira metade do século XIX. Mesmer podia ser considerado o primeiro romântico alemão a atravessar o Reno; certamente abriu o caminho para dois dos mais importantes agentes alemães entre os românticos franceses, Madame de Staël e dr. D.-F. Koreff. O baron de Staël (...) praticou o Mesmerismo com os fundadores do magnetismo animal. Sua influência sobre a esposa talvez tenha

¹⁶ Franz Anton Mesmer chegou a Paris em 1778 e anunciou sua descoberta: um fluido invisível que cercava e penetrava todos os corpos. Mesmo que esse fluido não pudesse ser visto; Mesmer chegou à conclusão de que ele devia existir como o meio para a ação da gravidade, visto que os planetas não poderiam se atrair num vácuo. Como era médico, Mesmer passou a aplicar o novo medicamento nos parisienses. Cf. Robert Darnton, *O lado oculto da Revolução*, pp. 13 e 14.

sido tão frágil quanto seu casamento, mas outros mesmeristas – a duchesse de Bourbon e Mme. de Krudener, para citar apenas os mais famosos – provavelmente afetaram sua concepção do romantismo. Embora Mme. de Staël, assim como Chateaubriand e Benjamin Constant, conseguisse conviver com mesmeristas sem ser convertida por eles, o respeito dela pelas suas ideias parece ter contribuído para o tratamento favorável que deu ao misticismo alemão em De l'Allemagne [Sobre a Alemanha]. Koreff, médico mesmerista ale-mão, também ajudou Mme. de Staël a se afastar da filosofia iluminista de sua juventude. Durante uma visita ao seu retiro em Coppet, é certo que ele mesmerizou A. G. de Schlegel, o mentor místico de Mme. de Staël que se encontrava enfermo, encantou-a e ganhou a recompensa de um elogio seu em De l'Allemagne. Koreff atuava como uma espécie de agente literário mesmerista. Conhecia os escritores românticos mais importantes da França e da Alemanha, e mesmerizou muitos deles. (...) Koreff ajudou a criar e comandar a grande voga francesa dos contos de Hoffmann, seu amigo e colega mesmerista: apresentou Heine aos círculos literários de Paris, difundiu o fantástico entre Nodier, Hugo, Balzac, Stendhal, Delacroix e Chateaubriand, e até atuou como médico – sem êxito – de Marie Duplessis, a Dame aux Camélias. A marcha triunfal de Koreff pelos salões parisienses é apenas uma medida tosca da influência do Mesmerismo, pois, embora ele se encontrasse com todo mundo, não convertia a todos com quem se encontrava. Ele medicou seu bom amigo Benjamin Constant sem ganhá-lo para a causa, e os que ganhou nem por isso expressavam necessariamente em suas obras a crença no Mesmerismo. A produção literária romântica francesa está cheia de choques elétricos, forças ocultas e fantasmas, mas não é fácil determinar o número de escritores inspirados pelo Mesmerismo.¹⁷

Em seu ensaio sobre Balzac, Gautier declarou que suas versões literárias do Mesmerismo e formas aparentadas da ciência romântica pretendiam ser levadas a sério. O ensaio mostra que ele e Balzac selaram sua amizade com a sua crença em comum no Mesmerismo. Até planejaram fazer uma busca ao tesouro, que seria dirigida por um sonâmbulo, e fizeram experiências com o

¹⁷ *Idem, ibidem*, pp. 127-128 e 129, *passim*.

*sonambulismo sob a orientação de Mme. Emile de Girandin, companheira deles em assuntos literários e ocultistas.*¹⁸

A partir do Mesmerismo, novas teorias surgiram relacionando o poder espiritual dos seres humanos e a capacidade de curar. Usava-se a hipnose. Padres faziam magnetização durante missas. Outros modos de energizar os doentes, diferentes dos que foram criados por Mesmer, foram adaptados por diferentes energizadores em muitos lugares. Essas filosofias buscavam na relação com o espírito a explicação para os males dos seres humanos, desenvolvendo assim um conhecimento religioso diferente e paralelo ao da Igreja instituída. Por outro lado, podem ser visto no Mesmerismo fundamentos de estudos psicológicos. Supostamente, Mesmer se aproveitava da sensibilidade das pessoas para receber sugestões psíquicas e as fazia reagir de modo a configurar a presença do magnetismo animal. Supõe-se que Mesmer buscava a cura para doenças e o fazia com os recursos que acreditava serem os melhores. A ausência de uma distinção exata entre o que era mistificação e metodologia científica é que o coloca numa posição duvidosa, mas que não invalida seus esforços.

O Mesmerismo não é apenas um representante das tentativas de encontrar soluções para os males dos seres humanos, é também uma demonstração do estado em que estava a sociedade de Paris. O Mesmerismo floresce na França de Luís XVI, num momento em que o povo passava fome e os nobres viviam abastadamente dos privilégios da corte. A sociedade estava ávida por soluções. Nesse contexto, experimentos não menos absurdos que o magnetismo animal eram feitos em praça pública. Esses experimentos em geral eram usados como diversão para o povo, mas também eram aceitos como científicos.

O século XIX foi o período em que o homem fez uma grande revolução no conhecimento e alcançou o *status* de centro das atenções dos homens. Deus continuava sendo a maior e a melhor fonte de poder dos seres humanos, mas eles então sabiam que Deus só existe para o homem e por força de sua fé. É desse ponto de vista que a Igreja deixou de ser o próprio Deus e passou para o rol das coisas humanas. Ela foi tornada apenas um símbolo de Deus — passando a ser, desse modo, facilmente questionável. Os homens que faziam a Igreja não eram mais como deuses. Assim, a Igreja perdeu uma grande parte de seu poder, deixando um enorme vazio na mente das pessoas, que buscavam novas respostas em outras filosofias.

A evolução social que é sentida no decorrer do século XIX, que foi iniciada na segunda metade do século XVIII, foi fruto da revolução que aconteceu no pensamento do indivíduo. Esse novo pensamento causado pelo Iluminismo, que discutiu filosoficamente

¹⁸ *Idem, ibidem*, pp. 130-131.

todos setores da vida social e humana, acendeu a discórdia no coração passivo do povo, oprimido durante séculos pelas instituições oficiais do Estado e da Igreja. O sentimento de revolta, fermentado pelo crescimento intelectual, principalmente entre os franceses, modificou a relação do povo com seus líderes; modificou sobretudo o tipo de respeito que deveria existir entre o povo e seus líderes. Acima de tudo, diminuíram as distâncias sociais que separavam as classes.

A razão seria, progressivamente, mais usada para decidir o que era certo ou errado, útil ou não, necessário ou não. Dessa forma, ao longo do século XIX, o indivíduo vai sendo avaliado de duas formas básicas: no início, buscava-se a beleza estética e a perfeição moral; no final do século, eram métodos quantitativos e qualitativos que serviam de base para classificar tudo na sociedade, inclusive o indivíduo.

Capítulo 1

Breve panorama cultural do século XIX¹⁹

1.1. A primeira metade do século

1.1.1. O tema da liberdade

Em 1791, Humboldt, então com 24 anos, escreveu, em forma de artigos, quinze textos que foram enviados para amigos em cartas. Os temas abordados eram, principalmente, os da Constituinte francesa, com vistas à elaboração de uma nova Constituição para aquele país. Na verdade, Humboldt comentou a posição do Estado em relação ao cidadão, ou o que ele entendia ser o dever do Estado em sua relação com o povo. Para ele, a garantia da liberdade do cidadão era o principal elemento que justificava a existência de qualquer organismo governamental. A liberdade, nesse caso, é muito mais que um conjunto de direitos assegurados: ela é a razão pela qual um indivíduo deve viver e que o incentiva a viver.

Humboldt estava em Paris naquele ano de 1789. Presenciou os acontecimentos da Revolução Francesa e apontou que somente naquele país a revolução seria possível — *porque o Iluminismo teria tornado o povo francês o mais esclarecido dos povos ocidentais e o governo monárquico de Luís XVI era o mais descuidado nos assuntos relativos ao bem-estar do povo e de sua situação política.*²⁰

A grande preocupação de Humboldt ao escrever esses textos era saber se, na Constituição que estava sendo elaborada, seriam mantidos os direitos de liberdade que deveriam ser assegurados pelo Estado ao povo. Isso deve ficar claro: Humboldt não acreditava que o Estado devesse tomar conta da vida dos indivíduos, porque, caso o fizesse, estaria tolhendo a liberdade dos cidadãos.

A Constituinte em questão estava empenhada em fazer uma Constituição atrelada exclusivamente aos propósitos da razão. Fato esse marcadamente relacionado com a filosofia predominante no período: o Racionalismo, que iria cada vez mais, no curso do século XIX,

¹⁹ Este capítulo tem duas partes, que são complementares e fazem parte da mesma concepção discursiva. Na primeira, o material usado foram os ensaios *Escritos políticos*, de Humboldt, nos quais descreve com muita riqueza o movimento cultural em que ele mesmo estava inserido. Na segunda parte, que trata dos assuntos afeitos ao final do século, foi utilizado material diverso.

²⁰ Humboldt, *Escritos políticos*, p. 83.

dominar a forma de pensar e de agir dos seres humanos. Para Humboldt, uma Constituição completamente racional excluiria a presença da sensibilidade e seria uma censura aos direitos de liberdade do homem, que não é, jamais, exclusivamente racional. É difícil determinar o alcance da influência das filosofias do século XVIII nessa Constituinte, porque, no texto de Humboldt, é clara uma divisão nas opiniões sobre a orientação filosófica ali atuante. A posição de Humboldt, mero espectador dos fatos, é evidente: nitidamente kantiano e idealista, ele demonstra ter pensamentos intermediários entre o uso da razão absoluta e da experimentação absoluta. Nesses textos, Humboldt se mostra influenciado pelos pensamentos sobre o Estado de Christian Wolff.²¹

Na abordagem do tema, Humboldt seguiu os princípios críticos da filosofia de Immanuel Kant. São os mesmos elementos que Schiller apresentou em suas *Cartas sobre a educação estética da humanidade*: a visão do homem como sensível e racional.

*O espírito passa da sensação ao pensamento por uma postura intermediária, em que sensibilidade e razão coexistem ativamente e por isso mesmo desfazem mutuamente seu poder de determinação, alcançando uma negação pela contraposição.*²²

*O impulso sensível precede na atuação o racional, pois a sensação é anterior à consciência, e nesta prioridade do impulso sensível encontramos a chave de toda a história da liberdade humana.*²³

*Para conduzir o homem estético ao conhecimento e ao elevado empenho moral, basta dar-lhe boas oportunidades; para obter o mesmo do homem sensível é preciso modificar-lhe a própria natureza.*²⁴

Humboldt analisou a sociedade e criou uma amostra do comportamento do ser humano do final do século XVIII. Fez naqueles textos uma descrição da sociedade da época da Revolução Francesa, mostrando os sentimentos em relação ao conjunto de transformações que estavam sendo instaladas. Seu discurso era o de defensor dos cidadãos contra a ação repressora do Estado. Muito importante nos textos é a amostra que o conteúdo possibilita, proporcionando uma visão sincronizada com os fatos e dos sentimentos em torno dos fatos. Por serem tão descritivos eles podem ser usados como um ponto de partida para uma

²¹ Christian Wolff nasceu em 24 de janeiro de 1679 e morreu em 9 de abril de 1754. Matemático e físico, tornou-se professor qualificado da Universidade de Leipzig em 1703. Faz-se referência neste trabalho ao texto *Le philosophe roi et le roi-philosophe*.

²² Schiller, *Cartas sobre a educação estética da humanidade*, p. 110.

²³ *Idem, ibidem*, p. 108.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 121.

discussão da evolução dos temas que seriam básicos nos segmentos intelectuais no século XIX.

O que deve ser dito sobre esses textos de Humboldt é que eles descrevem uma Revolução Francesa plena de elementos filosóficos. A visão comumente encontrada nos livros de história sobre esse evento, geralmente descrito como uma ação de força bruta contra uma reação de força bruta, está completamente ausente das observações de Humboldt. O que é legível nesses textos são as imbricações políticas e teóricas na atitude reformista do movimento. A luta armada e a aparente vingança contra a aristocracia não estão presentes na análise do contexto feita por Humboldt. Dessa forma, pode-se inferir que a revolta armada que destruiu a Bastilha não foi o evento mais importante da realização da Revolução Francesa. Certamente, a parte mais importante da renovação política estava no discurso criado: a educação do povo recriando os valores teóricos referentes ao bem-estar social e a funcionalidade política do Estado.

Assim, são temas naqueles textos a posição social da mulher, as atitudes sexuais humanas e as possibilidades e vantagens nas relações heterossexuais e homossexuais, a educação e o dever do Estado para com a educação do povo, a segurança, o uso da Igreja e das religiões como veículo de formação de opinião, etc. Todos esses assuntos existiam como unidade de vida e de intencionalidade relativa à liberdade de viver que deve ser direito inalienável dos indivíduos, ou melhor, dos cidadãos. O Estado tem e deve ter como objetivo e finalidade assegurar a liberdade aos cidadãos: a guerra, a segurança policial, a delimitação do dever entre os indivíduos são razões que devem existir para o Estado somente com o objetivo de assegurar o direito à liberdade de seus cidadãos.

Não é difícil perceber que Humboldt desejava um Estado controlado pelos desejos dos cidadãos. *A mesma lei que controlava o cidadão comum devia controlar o cidadão com poder.* Para ele era importante verificar quem na sociedade exercia qual papel: *qual parte da nação devia ser chamada a mandar e qual devia ser chamada a obedecer. Desse modo, ficariam determinados os objetivos a que o governo devia estender e circunscrever suas atividades.*²⁵ Esse é com certeza um discurso permeado pelos pensamentos que nortearam o movimento político da Revolução Francesa.

Os resultados da Revolução Francesa demonstram que a principal reconstrução do Estado já havia acontecido e a ação destrutiva do evento armado não introduziu alterações. O evento armado foi síntese e definição e deu o impulso final para que fosse colocada em prática a forma de pensar que estava interiorizada e assimilada na cultura europeia e, em específico,

²⁵ Humboldt, *Escritos políticos*, p. 88.

na cultura francesa. Esse elemento de revolução espalhou-se pela Europa e eclodiu em todos os países. Em quase todos os casos eles eram profundamente filosóficos, mas começaram e terminaram colocando armas nas mãos do povo.

Certo é que o poder exerce mais atração sobre os humanos que a liberdade.

*Del mismo modo, ejerce más tentación sobre el hombre el poder que la libertad, o, por lo menos, le fascina más el cuidado por conservar la libertad que el disfrute de ella. La libertad no es, en cierto modo, más que la posibilidad de ejercer una acción múltiple e indeterminada; el poder, en cambio, y el gobierno en general, constituye una acción real, aunque concreta. Por eso la nostalgia de libertad sólo se produce, con harta frecuencia, como fruto del sentimiento de la falta de ella.*²⁶

A liberdade era, para Humboldt, a possibilidade de exercer uma atividade múltipla e indeterminada. Por outro lado, o poder constituía uma ação real e concreta. Juntando-se esses conceitos, pode-se observar que o poder, para quem o tem, gera a liberdade de fazer e concretizar qualquer atividade. Para quem o delega, no entanto, é fonte de muitos riscos.

O poder e a liberdade são parceiros e contrários de um mesmo panorama social. O poder permite o fazer — por isso é a liberdade. Ele constitui prestígio, que pode existir em função de muitos fatores. Evidentemente, esses fatores não são de ordem muito diferente entre o final do século XVIII e o final do século XX; porém, como Humboldt estava tratando do assunto Estado, o poder em questão é a atitude dos governantes da época.

O assunto Estado foi tema de muitos textos filosóficos durante o século XVIII. Os racionalistas defendiam um Estado mais aberto e mais voltado para o interesse dos cidadãos comuns. Esse tema foi profundamente explorado por Christian Wolff no texto *O filósofo-rei e o rei-filósofo*. Nesse texto, Wolff explicou as vantagens para uma nação se ela tiver um rei que conheça a filosofia. Wolff acreditava que a intelectualização dos reis faria deles indivíduos melhores, claramente, num sentido estético. Assim, se o rei fosse um indivíduo conhecedor dos valores humanos, ele seria um sábio e poderia servir à nação e aos cidadãos de modo mais adequado aos interesses coletivos.

Il s'agit de démontrer à priori, par nos principes, que les peuples ne seront jamais plus heureux, que lorsqu'ils auront pour rois des philosophes, ou que

²⁶ *Idem, ibidem*, pp. 88-89.

*leurs rois seront philosophes. Pour cet effet, recherchons d'abord, en quoi doit consister la félicité des peuples, afin de ne pas supposer une félicité imaginaire, et purement idéale.*²⁷

*J'ai montré dans ma Politique, ce que constitue le bien public. Il suffira de dire ici en peu de mots, qu'il renferme la plus grande félicité dont chaque homme puisse jouir sur la Terre, conformément à son état. Mais n'entrons pas même dans cette discussion, et supposons simplement, que le bien public s'obtient toutes les fois que l'on atteint le but que l'on a eu en vue, en se réunissant en société. Il est constant que toute république doit avoir un but; que c'est vers ce but, qu'elle doit diriger toutes ses démarches, et qu'elle n'est heureuse que lorsque toutes ses démarches tendent à l'acquisition de ce but.*²⁸

A instituição *Estado* foi objeto de reflexão também em outras áreas. Adam Smith, por exemplo, que nasceu em 1723 e morreu em 1790, teorizou em sua obra *A riqueza das nações* sobre a não-intervenção do Estado no mercado. Publicada na segunda metade do século XVIII, sua obra instala-se numa interessante situação histórica. Evidentemente, Adam Smith teorizava sobre a indústria nascente. Um de seus pensamentos mais significativos é a teoria da divisão do trabalho. Adam Smith apregoava um Estado mais brando e menos autoritário, que deixasse o próprio mercado decidir sobre os rumos da produção e do consumo. Segundo ele, numa indústria um trabalhador não deveria executar todas as tarefas, devendo, ao contrário, ser treinado para executar tarefas específicas: essa divisão do esforço aumentaria a produção e reduziria a fadiga.

*A quantidade de materiais que o mesmo número de pessoas pode processar aumenta em grande proporção, na medida em que o trabalho se subdivide cada vez mais; e já que as operações de cada trabalhador são gradualmente reduzidas a um maior grau de simplicidade, inventa-se uma variedade de novas máquinas para facilitar e abreviar essas operações.*²⁹

Segundo as teorias de Adam Smith, a relação do indivíduo com o trabalho estava desorganizada. Na verdade, o trabalho estava mal dividido e a força de trabalho sendo mal aproveitada. Nem o trabalhador e nem sua força de trabalho estavam sendo utilizados

²⁷ Christian Wolff, *Le philosophe-roi et le roi-philosophe*, pp. 3-4.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 5.

²⁹ Adam Smith, *A riqueza das nações*, p. 244.

corretamente. Para ele, uma vez que todas as terras estivessem incluídas nas posses de alguém, elas tornariam seus proprietários os detentores de todas as riquezas nelas existentes, sentindo-se no direito de explorar e ter lucros sobre tudo o que estivesse ou fosse proveniente dessas terras. O que Adam Smith estava questionando era a distribuição das riquezas: o trabalhador executa uma tarefa, um trabalho, que gera uma riqueza; essa riqueza constitui-se num bem que o trabalhador utiliza para sua sobrevivência e reprodução, mas ele produz mais que o necessário para sua sobrevivência e reprodução, ele gera um excedente que se constitui num lucro: a existência desse excedente na sociedade criava a necessidade de um mecanismo para sua distribuição e seu gerenciamento.

A posição do Estado, sob a ótica dessa organização de bens econômicos, fica bastante clara. Ao mesmo tempo em que ele não devia intervir na ordem dos valores de produção e consumo, deixando para o mercado a decisão sobre seus rumos, o Estado devia gerir a força excedente do trabalhador. O ponto-chave estava na distribuição das riquezas: o trabalhador estava à mercê da desordem relacionada ao poder — devendo o Estado, então, por um lado, controlar a exploração do trabalho e da terra, porque desse modo estaria protegendo o produtor, e, por outro, deixar o mercado decidir sobre seus rumos, porque, interferindo no mercado, estaria protegendo o dono das terras e não o trabalhador. Ao que parece, Adam Smith, como todos os pensadores do Iluminismo, voltava-se para a posição incômoda e submissa do cidadão comum subserviente que salta aos olhos em todos os pensadores do Racionalismo. A ausência de liberdade do indivíduo incomodava a todos os que queriam, na estrutura da sociedade, uma relação de poder menos totalitária e escravagista.

*Os clássicos buscavam os fundamentos do valor (de troca) no trabalho. Os trabalhadores, no processo produtivo, conseguem não apenas o necessário para sua reprodução e de sua família, mas também criam um excedente.*³⁰

O Estado, nessa ordem de valores e posições políticas, deveria preocupar-se em proteger a sociedade contra os ataques externos, estabelecer a justiça e manter obras assistenciais e instituições pelas quais a iniciativa privada não se interessasse. Assim, a posição do Estado, na ótica de Adam Smith, era a de servir ao povo, protegendo-o e garantindo a ele os bens e serviços que ele não pudesse comprar. Ao mesmo tempo, deveria se eximir do controle do mercado, porque esse era de interesse privado, bastando que ele gerenciasse os casos em que fosse necessária a intervenção legal.

³⁰ Pedro Cezar Dutra Fonseca, “Evolução da ciência econômica”, p. 44.

Para Humboldt não havia, de forma concreta, nenhuma possibilidade de liberdade sem uma concomitante preparação cultural. A liberdade, como qualquer outro elemento social, é um fato de cultura; logo, o povo deve ser instruído a ser livre e a respeitar a liberdade do outro. A função do Estado, nesse sentido, é realizar a transformação cultural que concretize o desejo de liberdade. O Estado deve, então, realizar o intento de construir o elemento lei; criar no povo o conhecimento dessa lei; instruir o povo a acreditar nela e, acima de tudo, ser exemplo de respeito às leis que instituiu. Pode-se notar que existe, no povo, uma intrínseca relação entre o grau de conhecimento, o respeito à lei e o desejo de liberdade, porque a liberdade não existe sem o respeito aos limites da lei.

Se não existir um devido equilíbrio entre esses elementos, certamente a liberdade se constituiria num grande problema para a manutenção dos direitos dos cidadãos. Assim, a conclusão óbvia é que a educação do povo é o melhor meio de lhe assegurar a liberdade. A relação entre lei e comportamento norteou todo o pensamento filosófico do período. Indiscutivelmente, a sociedade moderna nasceu do exercício institucional e político vingado no final do século XVIII. A evolução da humanidade nas fases subsequentes demonstram que, após essa ideação, o que se fez foi colocar em movimento, de forma acertada ou não, as propostas sociointelectuais idealizadas na ebulição do Iluminismo e do Romantismo. De certa forma, a humanidade continua presa aos mesmos ideais desse período: a necessidade de cultivar na intelectualidade humana uma capacidade superior de compreensão de tudo que o cerca.

Humboldt, no entanto, não estava discutindo o elemento cultura como fator de respeito à liberdade. Existe em seu texto uma discussão sobre a razão de se insistir no direito à liberdade que todo cidadão tem. O grau de cultura que Humboldt disse existir no meio social do final do século XVIII permitia ao povo exigir mais liberdade: com a razão a liberdade podia ser exigida e, com a razão, ela devia ser concedida. Esse grau de conhecimento alcançado pela sociedade, que gerou no povo o desejo de ser mais feliz, era motivo de orgulho de si mesmos entre os iluministas.

El tesoro de conocimientos acumulado de este modo, la difusión más amplia de las luces, se encargaron de ilustrar nuevamente a la humanidad acerca de sus derechos e hicieron renacer en ella la nostalgia de la libertad. De otra parte, la obra de gobernar se tornó tan artificiosa que exigía una suma indescriptible de inteligencia y previsión. Y fué precisamente en el país en que la ilustración había convertido a la nación en el enemigo más temible del

*despotismo donde más se descuidó el gobierno y dejó al descubierto brechas más peligrosas. Este país era, necesaria-mente, el primero en que tenía que producirse la revolución, tras la cual no podía venir más sistema que el sistema de una libertad moderada y, sin embargo, completa y absoluta, el sistema de la razón, un régimen de estado ideal.*³¹

*(...) Y la posibilidad de elevarse a un grado más alto de libertad exige siempre un grado igualmente alto de cultura y una menor necesidad de actuar, por decirlo así, en masas informes y vinculadas, mayor fuerza y una riqueza más variada, por parte de los individuos actuantes. Por tanto, si es cierto que nuestra época es una época aventajada en lo tocante a esta cultura, a esta fuerza y a esta riqueza, será necesario concederle también la libertad que reivindica con razón (...).*³²

Humboldt apregoa, em todos os textos, uma forma ideal para as coisas: uma evidente marca da cultura idealista que caracterizava as formas de pensar do Classicismo e do Romantismo prussianos e do Romantismo francês. Seu conceito de linguagem está sempre relacionado a uma capacidade ideal de seu exercício — o que não significa, no entanto, o desconhecimento da real capacidade de produção linguística dos indivíduos. É certo que o idealismo estético do movimento romântico apresenta uma unidade em todos os setores do conhecimento então produzido. Entretanto, Humboldt explicou a formulação do discurso de um ponto de vista de idealização da capacidade de produção do discurso. Por outro lado, a produção literária de ficção do período criou um idealismo estético para as formas humanas, ou seja, as personagens. A perfeição para os sentimentos do indivíduo que a literatura procurava é moral e estética. Humboldt afirmou que um indivíduo alcançaria um discurso mais perfeito a partir do aperfeiçoamento estético, moral e filosófico. Ele associava claramente o aperfeiçoamento estético, moral e filosófico ao exercício continuado da educação através, acima de tudo, da escola.

São exemplos dessa forma idealista de pensar na literatura os discursos de Goethe em *Fausto*, de Chateaubriand em *Atalá e René*, de Schiller em *Maria Stuart*, de Hoffmann em “O Vaso de ouro”, de Stendhal em *Le Rouge et le Noir*, etc. Nas personagens desses autores, sobretudo nos heróis, está a perfeição moral, mas elas são sempre superiores às outras também por qualidades como inteligência, bondade, esperteza, pureza, beleza, etc.

³¹ Humboldt, *Escritos políticos*, p. 83.

³² *Idem, ibidem*, p. 89.

Fausto, a personagem de Goethe, é um indivíduo que superou o conhecimento terreno e tenta alcançar, apesar de suas limitações, o espaço desconhecido da espiritualidade. É a obra perfeita que, feita à semelhança de Deus, não suporta não O conhecer.

*Fausto — (...) J'ai quitté les champs et les prairies qu'une nuit profonde environne. Je sens un religieux effroit éveiller par des pressentiments la meilleure de mes deux âmes. Les grossières sensations s'endorment avec leur activité orageuse; je suis animé d'un ardent amour des hommes, et l'amour de Dieu me ravit aussi.*³³

Chateaubriand, em *Atala*, pela personagem Padre Aubri, revela a imagem do verdadeiro Cristianismo, que é pleno somente nos humildes e pobres de espírito. Nesse caso, também nos outros, o sentido criado é de pura contestação. Os sentimentos despertados no texto criam uma imagem muito negativa do modo como era conduzido o Cristianismo dentro do texto de Chateaubriand. A ilusão e o sofrimento das personagens são deflagrados e destruídos pelo falso conhecimento do Cristianismo que Chateaubriand inclui na representação ensejada por suas personagens. Fica clara nesse texto, no entanto, uma distinção entre um bom e um mau Cristianismo; logo, uma forma perfeita e uma forma deformada do mesmo objeto.

*Hélas! Vous avez raison, mon cher enfant: je suis venu faire bien peu de chose dans ces forêts, et Dieu n'a pas de serviteur plus indigne que moi. Mais, mon fils, le ciel, le ciel, voilà ce qu'il ne faut jamais accuser!*³⁴

*La religion n'exige point de sacrifice plus qu'humain (...) Les trésors du repentir vous étaient ouverts: il faut des torrents de sang pour effacer nos fautes aux yeux des hommes, une seule larme suffit à Dieu.*³⁵

Em “O vaso de ouro”, de Hoffmann, a natureza fala com os mais sensíveis. A personagem Anselmo, por ser muito sensível, ouve e vê manifestações da natureza que estão ocultas para outras personagens.

³³ Goethe, *Faust*, pp. 66-67.

³⁴ Chateaubriand, *Atala*, pp. 120-121.

³⁵ *Idem, ibidem*, pp. 123 e 124.

*Subitamente Anselmo foi interrompido em seu monólogo por um estranho ruído que ora se erguia bem junto dele, do gramado, ora provinha dos galhos e folhas do sabugueiro, que o protegia. Era como se o vento da tarde balançasse as folhas, como se passarinhos cantassem nos galhos, batendo as asinhas num esvoaçar travesso. Mas não, eram sussurros e murmúrios, como se as flores ressoassem sininhos de cristal.*³⁶

Stendhal, através da personagem Abbé Pirard, descreve Julien Sorel como um ser evidentemente superior aos outros. Nesse caso, é bastante claro o fato de a perfeição interna refletir na forma externa. Julien Sorel tem nos olhos uma força que atrai e afasta os outros. Ele também tem uma capacidade intelectual muito especial, inteligência que fica evidente em seu contato com as outras personagens. Stendhal criou um ser que estava num plano espiritual superior aos outros, e dessa superioridade nasce a rejeição.

*Eh bien! Oui, mon enfant, je te suis attaché. Le ciel sait que c'est bien malgré moi. Je devrais être juste, et n'avoir ni haine, ni amour pour personne. Ta carrière sera pénible. Je vois en toi quelque chose qui offense le vulgaire. La jalousie et la calomnie te poursuivront. En quelque lieu que la Providence te place, tes compagnons ne te verront jamais sans te haïr; et s'ils feignent de t'aimer ce sera pour te trahir plus sûrement. A cela il n'y a qu'un remède: n'aie recours qu'à Dieu, qui t'a donné, pour te punir de ta présomption, cette nécessité d'être haï; que ta conduite soit pure; c'est la seule ressource que je te voie. Si tu tiens à la vérité d'une étreinte invincible, tôt ou tard tes ennemis seront confondus.*³⁷

Para Humboldt, há uma relação lógica entre a diminuição da atuação do Estado e o aumento da ação dos cidadãos, ou seja, a diminuição da influência da vida pública na sociedade aumentaria na mesma proporção a liberdade privada. Todo idealismo parece ser sempre muito ingênuo, apesar de ser criado por seres humanos e estar relacionado com eles. Evidentemente, essa proposta de maior respeito ao cidadão é resultado da assimilação pela sociedade do Romantismo dos pensamentos filosóficos iluministas.

³⁶ Hoffmann, *Contos fantásticos*, “O vaso de ouro”, p. 10.

³⁷ Stendhal, *Le Rouge et le Noir*, p. 213.

Vivendo num Estado cuja lei fosse perfeitamente respeitada, nenhum cidadão se sentiria perturbado em seus direitos. Porém, *caso fosse perturbado, não temeria o descaso da justiça e teria como fazer valer sua razão. Não há como não relacionar segurança e liberdade: a segurança é a certeza da liberdade concedida pela lei.*³⁸

A lei, porém, tende a ser um princípio que danifica o equilíbrio natural entre os indivíduos. Esse dano causado pela lei é devido ao julgamento feito do comportamento do outro. Não há, segundo Humboldt, melhor condicionamento de vida que aquele que esteja de acordo com os elementos da natureza. Regularizar o comportamento dos seres humanos é agir contra sua natureza e seu instinto, contrariando os elementos de equilíbrio natural. No entanto, o comportamento deve ser regularizado em função da necessidade de viver coletivamente que está no comportamento dos homens. Logo, o papel do Estado é regulamentar os agrupamentos para que haja liberdade.

Nesse ponto das reflexões de Humboldt pode-se observar uma evidente mistura entre as filosofias racionalista e empirista. Ele desejava um Estado que fosse organizado pelos princípios da razão, mas argumentou que a natureza e a atitude independente da natureza humana deveriam ser preservadas. A forma racional tendia a predominar, mas, na opinião de Humboldt, se ela predominasse completamente, não deixaria espaço para a liberdade individual.

Parece lógico pensar que *nenhuma indústria ficaria parada por causa alguma se os homens fossem livres.*³⁹ Mas, para que os homens sejam realmente livres, os argumentos de Humboldt devem ser completados: os homens deveriam se tornar “perfeitos”, ou seja, “deixarem de ser humanos”.

O fio que liga todos esses fatores relativos à liberdade fecha um círculo — ou seja, os cidadãos devem estar livres de todos os vínculos opressivos para que possam procurar uma sociedade em que exista um número cada vez maior de acordos livres e espontâneos. Esse equilíbrio social é necessário e deve existir por causa do hábito dos seres humanos de viver em agrupamentos. Ao Estado, fazendo uso de leis, caberia inter-mediary aqueles casos em que o acordo espontâneo entre as partes não fosse possível.

Quando il cittadino godrà di una libertà così grande, come si propugna in queste pagine, il suo benessere ne sarà accresciuto: il suo spirito sarà più sereno, la sua fantasia più aperta, la pena potrà perdere del suo rigore, senza

³⁸ Humboldt, *Escritos políticos*, p. 137.

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 134.

*perdere di efficacia. Il bene morale e le cause di benessere sono fra loro in perfetta armonia, e la pratica dell'uno è anche il possesso dell'altro.*⁴⁰

1.1.2. Marcas da evolução literária

O Romantismo, especificamente, não foi um movimento de ideias estéticas só para a literatura, mas abrangeu todas as vertentes artísticas e científicas, ou de outra natureza, que faziam parte daquela época. É por ser tão abrangente que sua definição é tão complexa. Ele transcende o campo literário e até mesmo artístico e atinge o âmbito da convivência total do ser humano. Em síntese, a literatura do Romantismo europeu reflete a estrutura total da sociedade da primeira metade do século XIX, período marcado por mudanças políticas que podem ser consideradas como a inauguração do pensamento moderno.

O Romantismo é marca da mudança de atitude do homem em relação ao homem. Desde esse movimento não houve mudança de pensamento tão significativa. Por isso, é possível afirmar que os seres humanos ainda estão vivendo a Era Romântica,⁴¹ ou, ainda, que só acontecerá outra mudança tão significativa quando o homem se tornar espacial — ou seja, a Era Romântica só será substituída pela Era Espacial.

O Romantismo foi um movimento de muitos estilos. Pode-se dizer que foram muitos os Romantismos, que cada nação teve seu Romantismo. Em cada uma das nações em que floresceu o pensamento romântico, as características que o movimento assumiu o identificam como um movimento de estilos localizados. Porém, o Romantismo, como movimento de ideias e fatos sociais, tem características universais. Assim, a literatura mundial posterior a 1780 apresenta características comuns, frutificadas e amadurecidas a partir do movimento iluminista do século XVIII. Toda essa literatura traz as marcas das filosofias desenvolvidas nesse século: o Racionalismo, o Empirismo, o Idealismo e o Criticismo de Kant etc. De uma forma geral, todo o pensamento produzido a partir de 1780 foi marcado pelo conjunto dessas ideias, por afirmação ou por negação, seguindo uma ou outra corrente, mas todos os pensadores desse período estiveram fortemente influenciados por todas elas.

⁴⁰ Humboldt, “Lo Stato e le leggi penali”, p. 126.

⁴¹ Período iniciado no último quarto do século XVIII e que ainda perdurou até o final do século XX. Neste trabalho, refere-se mais especificamente ao período pré-romântico e romântico da literatura francesa e, na literatura alemã, aos movimentos chamados *Sturm und Drang*, clássico, romântico e jacobino. Deve-se compreender que não é uma referência exclusiva à literatura, mas compreende toda a cultura produzida em forma de arte, política, economia, ciência etc.

É difícil, sobretudo quanto aos alemães, colocar toda a literatura posterior a 1780 num mesmo grupo de características comuns. Toda essa literatura, porém, pode ser lida indistintamente como literatura revolucionária: tanto com intenções de fomentar a revolta e fazer a transformação política, à moda da Revolução Francesa, quanto do ponto de vista das ideias e da transformação do indivíduo. Mas, se é difícil agrupá-la pura e simplesmente, nela pode ser vista uma evolução clara e contínua, numa mesma direção, de alguns temas, o que demonstra a coerência dos anseios e desejos de todos os indivíduos da época.

Na Alemanha, o período 1789-1830, aproximadamente, é chamado de *Kunst-periode* (“período da arte”). Nele estão incluídas a literatura do Classicismo, Romantismo e Jacobinismo. Interferem nessa classificação alguns fatos históricos de cultura, economia e política, entre os quais a influência de Goethe, que morreu em 1832. Esse período, porém, foi caracterizado de forma geral por transformações significativas no plano político, no sentido de instigar ou repudiar a revolução armada na Alemanha. Por outro lado, foi caracterizado pelo impulso da indústria, e conseqüentemente pelas mudanças urbanas e pela criação de uma nova classe, a classe trabalhadora. Como nos outros países da Europa, foi o período da substituição política da aristocracia monarquista pela burguesia industrial e urbana.

Do ponto de vista histórico, o período compreendido entre 1789 e 1830 foi não só uma época dilacerada entre os pólos da revolução e da restauração, como um período caracterizado por confrontos militares espetaculares (partilhas da Polônia, guerras de coligação, guerras napoleônicas, guerras de libertação contra a ocupação napoleônica) e pelo chamado “período de arranque da industrialização”. O início da libertação dos camponeses, a introdução gradual do livre empreendimento, a transformação das antigas manufaturas em unidades fabris, o aparecimento de empresários e fabricantes livres e a proletarização de camadas populacionais cada vez mais vastas são partes de uma reestruturação da economia e da sociedade que apenas pode ser parcialmente descrita em termos de “modernização” ou “dinamização”.⁴²

Essa literatura, aqui chamada genericamente de Romantismo, revela-se como um movimento intelectual em direção aos desejos dos indivíduos. Os pensadores criaram formas e construíram sentidos que revelam uma ânsia por uma renovação no caráter dos homens. Em muitos textos, a reforma está na virtude particular de algumas personagens que são capazes de se entregar à morte para manter a pureza da alma; em outros, a redenção e o perdão dos erros

⁴² Inge Stephan & Peter Stein, “O período da Arte (*Kunstperiode*)”, p. 238.

são a transformação que as personagens devem fazer acontecer em si e no mundo para que haja a paz. Muitas obras dão forma a esses sentimentos, representando um ser que, comparado a outros, é vitimado por não ser destruidor; quando esse indivíduo causa destruição, isso acontece sempre por ingenuidade, e nunca por maldade. O herói, no entanto, quase sempre é destruído pela maldade (egoísmo, ambição, inveja, maledicência, etc.) da inteligência humana.

Quando se estabelece uma relação de interdependência entre, por um lado, a representação artística literária, a criação de personagens e de efeitos significativos e, por outro, a sociedade e seus fatores concretos, pode-se entender e encontrar relações de profunda interferência, sobretudo de parte da sociedade e seus fatores na criação e representação artística. Assim, a mulher é muito frequentemente tema dos textos do Romantismo. Ela, que naquela sociedade se encontrava em situação de submissão, era, por isso, sempre objeto de expiação social. Essa característica de levar as personagens à expiação de pecados nem sempre seus é elemento básico da obra literária do Romantismo. A exploração de personagens femininas tem fundamentação na sociedade, e a revolta dessas e outras personagens a elas relacionadas dentro do texto está perfeitamente concatenada com o desejo de liberdade e com a elevação dos indivíduos para o centro das atenções sociais que a filosofia pós-Iluminismo do Romantismo anseia ver realizada.

Existia nesse período, na sociedade em geral, uma clara insatisfação com tudo o que cercava os indivíduos. Historicamente, sabe-se que, no período antecedente, o homem e cidadão comum, elemento básico da composição do Estado, estava em segundo plano social. Essa condição dos cidadãos acontecia sempre por força do despotismo político, comum nos regimes totalitários, aristocráticos e centralizadores da época, nos quais a Igreja tinha participação e colaboração intensas, pregando um Deus vingativo e tão déspota quanto os imperadores. Esses regimes legavam ao povo o nível mais baixo da escala dos bens sociais.

Foi contra esse despotismo político, que gerava a desigualdade social, que nasceu o homem da Era Romântica — perfeitamente iconizado na Revolução Francesa, que, desse ponto de vista, é o marco básico do resultado da transformação que o ser humano sofreu no Século das Luzes e que o tornou muito mais atuante e consciente de seu direito à liberdade.

Essa literatura, em todo o seu desenvolvimento, em todos os países e em todas as suas características, apresenta uma tentativa consciente de fazer uma comparação entre os seres humanos. Em todos os seus aspectos, as personagens sempre estão em oposição a outras personagens. Essa característica é muito clara entre os autores do Romantismo alemão e francês, mas estão também na consciência dos autores do Classicismo alemão, quando eles construíram personagens que são exemplos de perfeição, ou mesmo quando demonstraram

que o indivíduo pode e deve melhorar e pode e deve ser melhorado esteticamente. Humboldt deixou esses conceitos em seus estudos políticos e linguísticos e Schiller os deixou nos seus estudos filosóficos e nos textos de ficção, por exemplo em *Maria Stuart*.

Pode-se dizer que a Era Romântica, iniciada pelos movimentos pré-românticos, é o período da ascensão política da mulher. A Igreja Católica, durante toda a sua existência, distinguiu a posição das mulheres em relação à posição dos homens: as mulheres têm papéis diferentes dos papéis dos homens, o que é compreensível pela natureza física dos dois sexos; porém, os cargos que as mulheres exercem na hierarquia religiosa são infinitamente inferiores aos dos homens.

Foi nesse modelo filosófico cultural que se tomou consciência da capacidade de criação das mulheres, como mostrou Humboldt quando analisou as possibilidades desperdiçadas pela sociedade ao colocar a mulher, em quase todas as circunstâncias, em posição inativa. Desse modo, pode-se perceber que, na sociedade ocidental, tinha início uma abertura para as mulheres mostrarem sua capacidade criativa e intelectual. Foi no tempo dessa literatura que a possibilidade de evolução sociopolítica começou a ser dada à mulher. Assim, o papel feminino, no início da Era Romântica, ganhava uma ampliação e, cada vez mais, a mulher assumiria uma parte maior do controle da humanidade.

La mujer, totalmente exenta de muchísimas ocupaciones externas y entregada casi exclusivamente a aquellas en las que el ser interior vive só-lo para sí mismo; más fuerte por aquello que es capaz de ser que por lo que es capaz de hacer; más elocuente por las sensaciones calladas que por las expresadas; dotada más ricamente de todo lo que sea capacidad para expresar directamente y sin signos sus sentimientos; de un cuerpo más flexible, una mirada más viva y una voz más penetrante; más dis-puesta, en comparación con el outro sexo, a esperar y recibir que a dar; más débil de por sí y, sin embargo, no por esto, sino por admiración de la grandeza y la fuerza ajenas, presta a entregarse a una unión más es-trecha; dentro de esta unión, inclinada siempre a recibir del ser con ella unido, a moldear dentro de sí lo que recibe y a devolverlo moldeado; animada al mismo tiempo, en más alto grado, por el valor que infunde el cuidado del amor y el sentimiento de la fuerza, pero incapaz de desafiar en la resistencia y en el sufrimiento a la derrota; la mujer se halla real-mente más cerca que el hombre del ideal de la humanidad, y si es cierto que lo alcanza más rara vez que él, ello se debe, seguramente, a que siempre es más difícil escalar de frente la montaña

*que alcanzar la cima dando un rodeo. Huelga insistir en lo expuesto que se halla a verse per-petuado por las desproporciones exteriores un ser como éste, tan sensible a toda influencia, que forma una unidad tan grande consigo mismo, que nada pasa sobre él sin dejar huella, y el que toda influencia afecta, por tanto, no a una parte, sino al total. Sin embargo, el desarrollo del carácter femenino en la sociedad es infinitamente importante. Y aunque es cierto que cada género de excelencia se expresa — por decirlo así — en una especie del ser humano, no cabe duda de que el carácter feme-nino es el depositario de todo el tesoro de la moralidad.*⁴³

Não é difícil deduzir que a mulher estivesse em condições bem menos favoráveis que os homens no final do século XVIII; no entanto, nesse período surgiram discursos em favor da mulher. No caso de Humboldt, o discurso não é completamente isento de razões masculinas; porém, ele realçou as qualidades e procurou explicações para os defeitos femininos na condição de ser humano, sem estar baseado numa suposta inferioridade feminina.

Para Humboldt, nenhum ser que fosse sábio desprezaria a força em razão da intelectualidade, nem desprezaria a intelectualidade em razão da força: ele, *esse verdadeiro sábio, encontraria um equilíbrio entre essas qualidades dos seres humanos.*⁴⁴ Ambas as qualidades têm seu lugar assegurado no mundo e jamais uma poderia prescindir da outra, porque muito dificilmente as duas poderiam habitar o mesmo indivíduo.

Na visão dessa filosofia a mulher estava muito mais próxima da idealização sensível que o homem. Segundo Humboldt, a condição de submissão gerava a sublimação de desejos e ansiedades, criando uma capacidade muito maior de observação e aceitação do outro.

Humboldt citou Goethe: “O homem tende a ser livre, a mulher, a ser moral”.⁴⁵

Nessa frase, verifica-se um comportamento relativo ao fator físico determinando o comportamento moral. Na sociedade humana, como nos agrupamentos de animais irracionais, o macho (condição física de macho) sempre é mais volúvel que a fêmea — independentemente do treinamento para a volubilidade que o macho (ser humano) recebe da sociedade. Valeria dizer que na sociedade do final do século XVIII, provavelmente, esse comportamento fosse uma prática comum: os homens muito mais livres do que as mulheres.

Segundo Humboldt, o homem preocupa-se com o acerto das fronteiras externas a si mesmo, procura cada vez mais expandir o espaço físico e moral a sua volta. *A mulher, por*

⁴³ Humboldt, *Escritos políticos*, pp. 108-109.

⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. 80, tradução nossa.

⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 109, tradução nossa.

*sua vez, ao contrário, está ocupada com as fronteiras internas, essas que são de altíssima importância para o desenvolvimento das características humanas.*⁴⁶ As mulheres são capazes de delinear com maior precisão os limites existenciais porque são mais sensíveis e raciocinam através da sensibilidade. Por isso, invariavelmente, os relacionamentos sentimentais são muito mais afeitos às mulheres, porque elas estão mais capacitadas que os homens para relacionar fatos e comportamentos com situações.

É importante notar que, em termos de descrição dos papéis femininos e masculinos dentro da sociedade, não houve mudança no condicionamento arbitrário imposto pela sociedade nem para as mulheres nem para os homens até o final do século XX. A realidade demonstra que os papéis cumpridos socialmente continuam sendo de caráter específico, sendo esses papéis cumpridos por um homem ou uma mulher. De qualquer forma, ao longo dos séculos XIX e XX, indubitavelmente muitos homens executaram tarefas antes exclusivamente femininas e mulheres executaram tarefas antes exclusivamente masculinas.

Deve-se ressaltar que, nos textos românticos, as personagens masculinas estão muito próximas da sensibilidade característica das figuras femininas. E isso é importante porque essas características são sempre qualidades — o que confirma a existência de um sentimento, entre os pensadores dessa fase, de que a mulher deveria ser mais bem integrada na sociedade. Então, pode-se dizer que a Era Romântica é a era da sensibilidade e, como a mulher é muito mais sensível, é o período da “valorização” das qualidades da mulher.

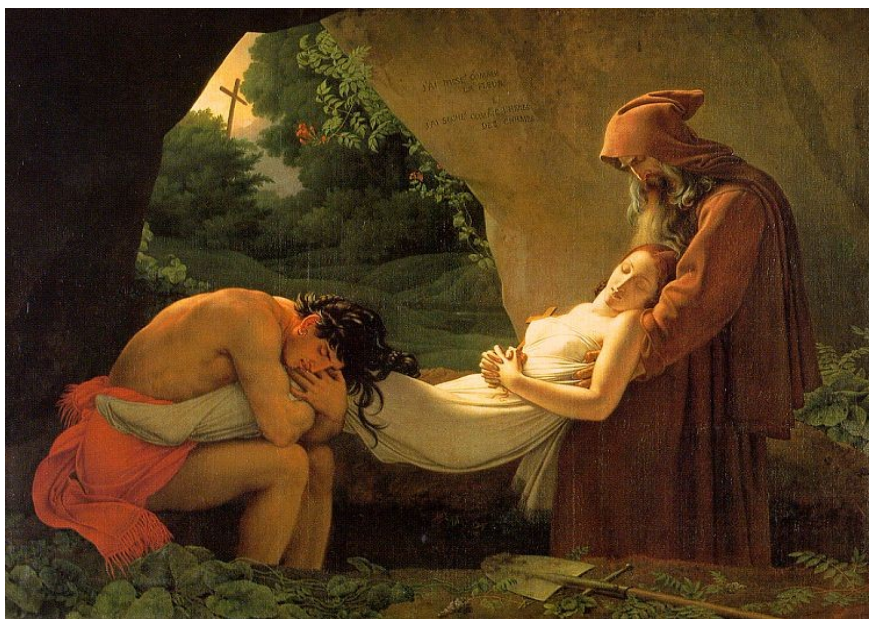
O sentimento de elevação dos valores da mulher na Era Romântica pode ser observado na criação das personagens femininas. O efeito criado representa os sentimentos e as angústias que, provavelmente, o artista depreendia do meio social. Obviamente deve-se crer, com relação a esse ponto, numa maior capacidade, nos artistas, de observação e valorização dos seres oprimidos, para que se possa confiar numa refração do mundo dos sentimentos reais no mundo dos sentimentos fictícios. Assim, a evolução do papel da mulher na literatura pode ser representada com uma comparação dos modelos de personagens femininas desenvolvidos entre 1780 e 1850. Começando com a *Virginie* de Bernardin de Saint-Pierre (*Paul et Virginie*, 1780), passando pela *Atala* de François-René Chateaubriand (*Atala*, 1801), pela *Senhora de Rênal* de Stendhal (*Le Rouge et le Noir*, 1830), a *Senhora de Bargeton* de Honoré de Balzac (*Les Illusions perdues*, 1840) e terminando com a *Senhora Bovary* de Gustave Flaubert (*Madame Bovary*, 1850).

A mulher representada no texto de Stendhal é a mesma mulher que apareceria no Realismo de Flaubert. A mulher romântica do texto de Stendhal é traidora, artilosa, falsa,

⁴⁶ *Idem, ibidem, loc. cit.*, tradução nossa.

déspota e sobretudo hipócrita, mas é religiosa e ingênua — enquanto a mulher realista de Flaubert só tem defeitos. O que na verdade aparece de realista no texto de Stendhal não é propriamente uma antecipação do Realismo, mas um processo natural de incorporação à literatura de fatores que caracterizam a sociedade. Os fatores socioculturais que no tempo de Flaubert estariam no centro da discussão literária, porque eram os temas predominantes naquele momento, em 1830 eram fatos sociais nascentes.

Então, a representação da mulher, que demonstra o foco de interesse do artista e cria o efeito de sentido que iconiza os desejos e as fantasias da sociedade, estava muito diferente desde Bernardin de Saint-Pierre. *Virginie* (1788) é apenas uma mulher perfeita, virginal e virtuosa. Ela é uma branca que emigrou para as regiões de exploração colonial — porém, é muito ingênua e nada questiona. *Atala* (1801), de François-René Chateaubriand, é a mulher religiosamente virtuosa, mas, por desconhecer a verdadeira natureza da virtude, sua religiosidade a mata, como matou *Virginie*. Ela é filha da mistura de branco-espanhol com índio — portanto, metade selvagem e metade civilizada, fruto da descoberta e da colonização de novas terras. *A Senhora de Rênal* (1830), em Stendhal, é tão falsa quanto virtuosa, tão desapegada quanto materialista e déspota, tão apegada aos valores do marido quanto aos do amante; é completamente urbana e civilizada. *A Senhora Bovary* (1850), de Flaubert, é somente falsa, cruel e traidora. É bem-nascida, porém, infeliz, interesseira e apegada aos prazeres que só a matéria pode oferecer; é completamente apegada aos valores do amante e, como a *Senhora de Rênal*, gosta do meio social urbano. Enquanto a *Senhora de Rênal* ainda mantém uma imagem de pureza santa, a *Senhora Bovary* é plena dos defeitos dos seres humanos.



Anne-Louis Girodet de Roucy-Trioson, *Os funerais de Atala* (1808).

Virginie morreu para não deixar de ser pura virgindade. Atala encontra a morte quando se apaixona por Chactas. A Senhora de Rênal conduz o homem que a ama para a guilhotina. A Senhora Bovary é forte e superior; tem amantes e assume sua culpa; por ser dona de si, não permitiria que alguém a condenasse e por isso prefere o suicídio. Entre as duas últimas está a Senhora de Bargeton (1840) de Honoré de Balzac: ela é da sociedade, é fina e rica, casada, e todos esperam que tenha amantes; se os tiver, deverá ser discreta e manter as aparências a qualquer custo. Assim, a Senhora de Bargeton prefere ser casada com um homem igual a ela e ter amantes a casar-se com um de seus amantes. Não há condenações de morte em Balzac, como não há em Flaubert — desde que as aparências sejam mantidas. A Senhora de Bargeton é fraca e deixa a sociedade conduzir sua vida; ainda é uma mulher romântica em comparação com a Senhora Bovary, que conduz a própria vida e a própria morte.

Através dos textos de ficção escritos durante os períodos clássico e romântico alemães e o romântico francês pode ser percorrido o processo de evolução de alguns setores da sociedade. Além da criação da mulher ideal e da relação idealizada entre os seres humanos, pode-se observar, em alguns desses textos, a importância dada à Igreja dentro da literatura. O conceito de religiosidade na sociedade europeia se modificava e possibilitava novas explicações do ponto de vista espiritual para a presença do homem na Terra. Assim, os textos apresentam a religião sob pontos de vista variados: a literatura inventou ou reorganizou uma Igreja que possibilitaria a existência confortável na sociedade daquele ser humano. Inevitavelmente, demonstrando certo questionamento sobre o comportamento da Igreja e dos religiosos, o Romantismo criou uma imagem, sobretudo do cristão, que questionava a forma real desse componente da sociedade.

Nenhuma questão escapa ao Romantismo. Hoffmann, de 1812 em diante, criou uma atmosfera fantasiosa sobre a mente humana e a relação que se começava a ter com a ciência que pode ser tomada como representação do interesse e do desconhecimento do ser humano sobre essas questões. Essa capa psicopatológica dada às personagens cria um efeito de sentido que poderia ser relacionado ao pensamento e principalmente ao interesse dos europeus no tocante ao misticismo - que parece ter sido característica importante do europeu da época, e arrefeceu durante o século XIX com a evolução do racionalismo. Exemplos dessas concepções psico-religiosas são o *Magnetismo Animal* de Franz Mesmer e, mais tarde, já em meados do século, o *Espiritismo* de Allan Kardec.

O Espiritismo revisou o Cristianismo de maneira muito semelhante à revisão a que foram submetidas as religiões orientais, que chegavam à Europa por causa dos viajantes dos mares e que trouxeram para o conhecimento dos europeus novas culturas, dentre as quais a

cultura da Índia antiga em sânscrito. Completamente concebido dentro das filosofias do Romantismo, o Espiritismo de Allan Kardec apresenta um ideal de perfeição estético-moral que exige do indivíduo o aperfeiçoamento pelo exercício do pensamento, ou seja, a evolução estética e moral acontece pela experiência. Nesse sentido, a experiência é o exercício de análise das atitudes próprias, dos outros e de Jesus.

O amor resume inteiramente a doutrina de Jesus, porque é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso realizado. No seu início, o homem não tem senão instintos; mais avançado e corrompido, só tem sensações; mais instruído e purificado, tem sentimentos; e o ponto delicado do sentimento é o amor — não o amor no sentido vulgar do termo, mas aquele sol interior que condensa e reúne em seu foco ardente todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei do amor substitui a personalidade pela fusão dos seres e aniquila as misérias sociais. Feliz aquele que, ultrapassando sua humanidade, ama com amplo amor seus irmãos em dores! Feliz aquele que ama, porque não conhece nem a angústia da alma, nem a miséria do corpo; seus pés são leves, e vive como que transportado para fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou esta palavra divina — amor —, ela fez estremecer os povos, e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo. / O Espiritismo, a seu turno, vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino; estai atentos, porque esta palavra ergue a pedra dos túmulos vazios, e a reencarnação, triunfando sobre a morte, revela ao homem maravilhado seu patrimônio intelectual; não é mais aos suplícios que ela o conduz, mas à conquista do seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito, e o Espírito deve hoje resgatar o homem da matéria.⁴⁷

Toda a construção literária do Romantismo prisma por representar simbolicamente os sentimentos dos seres humanos a partir de uma análise profundamente subjetiva. Esse elemento de expressão do conteúdo, por meio de sugestões materializadas em personagens e fatos, perduraria no contexto literário do Realismo e do Simbolismo.

No Realismo, os elementos literários são instalados no discurso como metonímias da realidade e do próprio discurso. Na literatura realista, a forma ou o tipo articulam uma imagem do todo. Esse processo não é de tradução do real, mas o afastamento total do

⁴⁷ Allan Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, p. 146.

subjetivo da pena do escritor, professando o respeito pelos fatos materiais e objetivos. A composição das personagens do Realismo era sempre inspirada na observação obstinada da realidade. A construção dos sentidos é feita pelo destaque de fatos muito próximos do real, isto é, a verossimilhança da narrativa com a natureza das coisas é a mais detalhista que se possa imaginar. Essa veracidade, sob a perspectiva psicológica, faz imaginar, com uma perfeita objetividade, sentimentos, ideias, hábitos linguísticos e formas físicas. Dessa forma, o percurso das ocorrências na história das personagens apresenta lógica perfeita de causas e consequências. Trazem marcas em sua personalidade, em sua história e em sua educação que determinam qual será seu fim.

A elaboração das personagens do Realismo, por sua precisão, complexidade, e muito mais pela perfeita objetividade de seus atos individuais, transcende o plano da simples individualidade para o plano do universalismo mimético. Assim, são sempre tipos universais, completamente comuns entre os seres das sociedades de que nasceram.

Quando o artista se cansou do real absoluto e desgostou do mundo massificado e racional que o cercava, o símbolo e a metáfora ganharam a arte. Nessa nova expressão artística, o idealismo do pensamento desenvolvido na arte do Romantismo e o próprio processo de simbolização da linguagem tornaram-se os objetivos da arte literária. Nesse momento, ela passou a se chamar Simbolismo. O Simbolismo é a exploração da forma concreta como representação idealizada da relação do indivíduo com o real.

O Simbolismo surgiu da reação contra o materialismo e o objetivismo do Realismo. Nele o artista buscava, na relação com o mundo, elementos que justificassem a existência humana, donde valorizar e recuperar valores individualistas e idealizados, rejeitados pelos realistas e característicos nos românticos. Em verdade, o Simbolismo explora os recursos da própria linguagem; age na forma pura e simples do discurso, exercitando a metáfora.

Na pintura, o Simbolismo resultou na mistura das cores básicas que forma imagens do real sob o ângulo que levou o artista a registrar aquela forma. Impressionistas, como são chamados, esses pintores queriam a forma do real misturada aos sonhos, aos desejos e às decepções dos seres humanos. Nessa pintura existe uma insistente busca por uma renovação na forma de instalar a imagem na tela: o que melhor caracteriza o exercício da pintura impressionista é a pesquisa que os artistas empreendiam para criar um discurso novo na linguagem da pintura.



Eugène Delacroix, *La Liberté guidant le peuple* (1830).

Depois de Eugène Delacroix, no início, e Gustave Courbet, em meados do século XIX, o Impressionismo, que surgiu da arte de Edouard Manet, é mais uma página do caráter revolucionário que a arte da pintura assumiu durante todo o século. Manet e seu grupo estudavam as formas de pintar e redefiniam como fazê-las, eliminando aquelas que não atendiam aos anseios da pintura impressionista. A principal mudança foi o completo abandono do estúdio. Dessa mudança, outros elementos tornaram-se as personagens centrais, tal como a luz. Além disso, buscando os motivos ao ar livre e no efeito que a luz tinha ao incidir nas coisas, tudo poderia ser motivo para uma pintura.



Gustave Courbet, *Peneiradoras de trigo* (1854).

Os impressionistas não pintavam as cenas do mundo ambiente como se lhes apresentariam depois de um estudo cuidadoso ou de uma análise atenta. Pelo contrário, procuravam transmitir as impressões imediatas dos seus sentidos, deixando que o espírito do observador preenchesse os detalhes adicionais. Resultava daí, muitas vezes, um gênero de pintura que, à primeira vista, parecia nada ter de naturalista. As figuras eram comumente deformadas; representavam-se objetos inteiros por meio de alguns detalhes significativos, e pinceladas de cores primárias eram colocadas lado a lado, sem a menor transição. Convencidos de que a luz é o principal fator determinante da aparência dos objetos, os impressionistas abandonavam os ateliers pelos campos e florestas, buscando captar as fugidias alterações que cada

*deslocamento momentâneo das luzes e das sombras introduzia nos cenários naturais.*⁴⁸

*É interessante ler algumas das notícias da imprensa com que as primeiras exposições dos impressionistas foram recebidas. Um semanário humorístico escreveu em 1876: “a rue Le Peletier é uma rua de desastres. Depois do incêndio da Ópera, aí está acontecendo agora mais um desastre. Acaba de ser inaugurada uma exposição na galeria Durand-Ruel que supostamente contém pinturas. Entrei e meus olhos horrorizados de-pararam com algo terrível. Cinco ou seis lunáticos, entre eles uma mulher, reuniram-se para exhibir suas obras. Vi pessoas sacudindo-se de riso diante dessas pinturas, mas meu coração sangrou ao vê-las. Esses pretensos artistas intitulam-se revolucionários, ‘impressionistas’. Tomam um pedaço de tela, cor e pincel, besuntam meia dúzia de manchas sobre ela ao acaso, e assinam o nome nessa coisa. É uma manifestação delirante da mesma espécie que leva os internos de Bedlam a apanharem pedras do caminho e imaginarem que são diamantes.”*⁴⁹

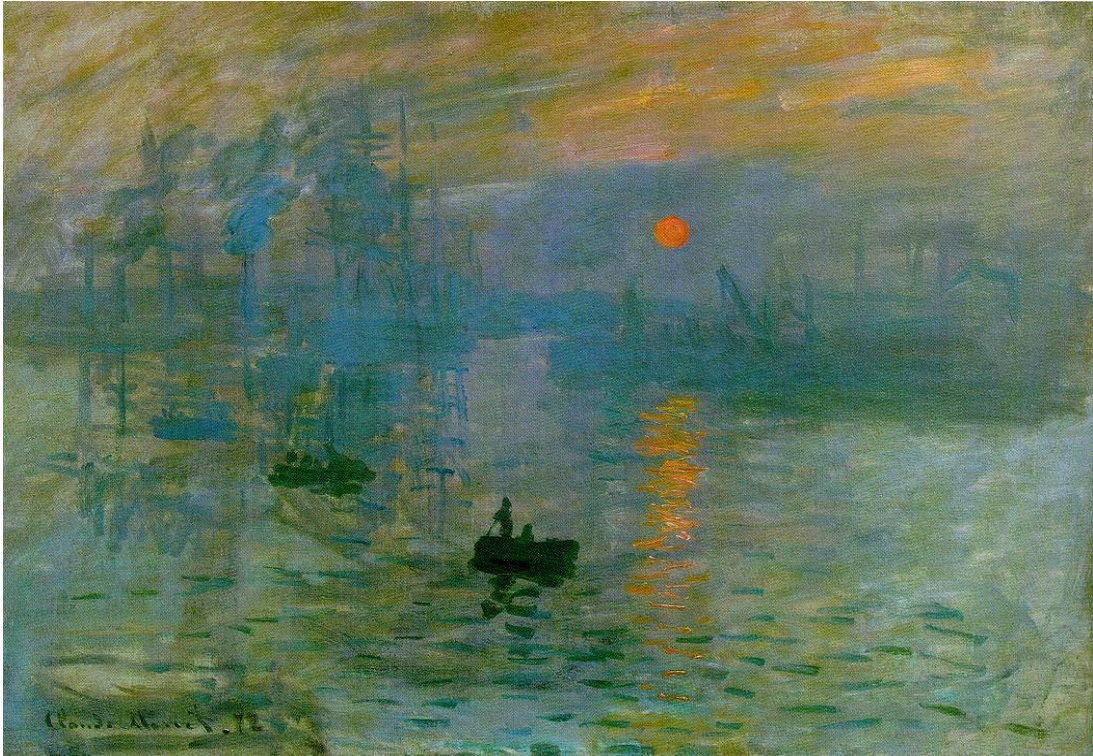
Claude Monet, por exemplo, representa bem a necessidade de converter a pintura em algo novo. Estava cansado da forma extremamente definida da pintura e passou a exercitar uma forma que pudesse demonstrar a força do olhar humano. A partir desse princípio, passou a fazer o registro do espaço — motivo da pintura — da forma como o olho humano captaria a imagem num único lance. Esse seu exercício de estudar o efeito da luz sobre as coisas valeu a homenagem de Manet. Essa técnica de Monet exigia o abandono completo do estúdio; ele acreditava que a pintura sempre devesse ser terminada em frente ao motivo, o que exigia um esforço a mais e eliminava o conforto de pintar num recinto fechado.

*A natureza ou o motivo muda de minuto a minuto, quando uma nuvem passa sob o sol ou o vento quebra o reflexo na água. O pintor que espera captar um aspecto característico não dispõe de tempo para misturar e combinar suas cores; ele tem que fixá-las imediatamente em sua tela, em pinceladas rápidas, cuidando menos de detalhes do que do efeito geral do todo.*⁵⁰

⁴⁸ E. M. Burns, *op. cit.*, p. 817.

⁴⁹ E. H. Gombrich, *História da arte*, pp. 410-411.

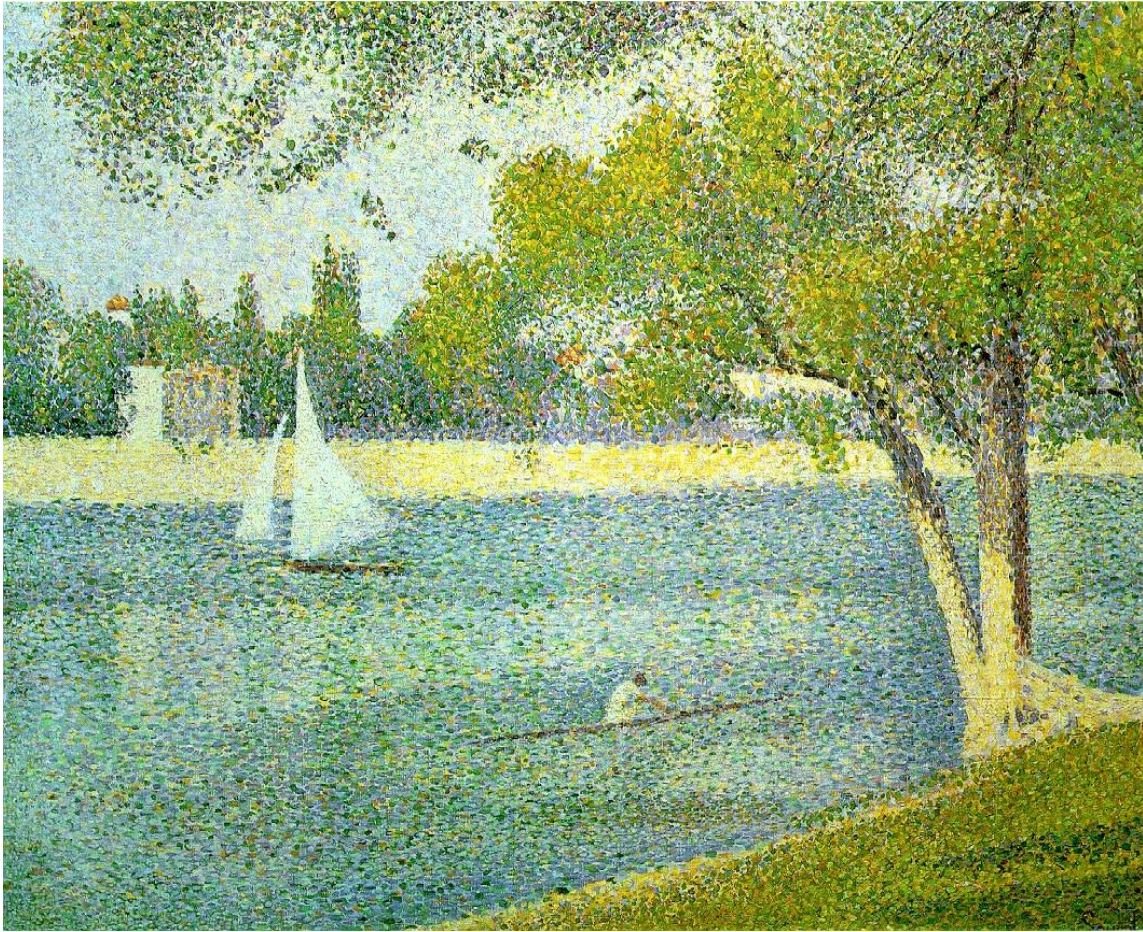
⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 410.



Claude Monet, *Impression, soleil levant* (1872).



Jean-Claude Renoir, *Le Moulin de la Galette* (1876).

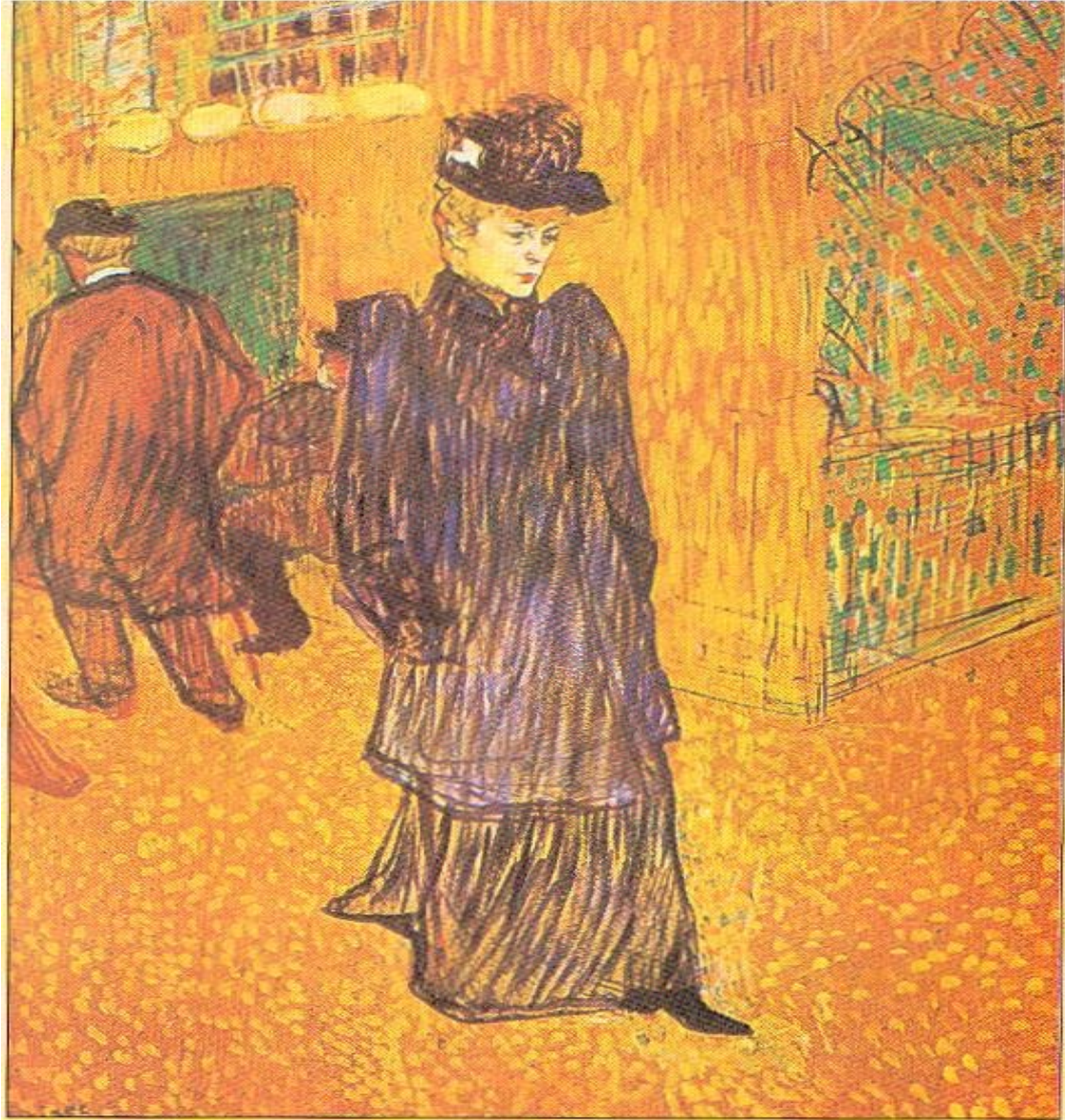


Georges Seurat, *La Seine à La Grande Jatte* (1888).

Os impressionistas tinham duas grandes fontes inspiradoras para procurar uma nova forma de pintura que incluísse um jogo de luz e cores diferentes do modelo tradicional do estúdio. A *fotografia*, por um lado, tornava o retrato feito pelo pintor um luxo e um desperdício de tempo e dinheiro: uma máquina fotográfica fazia com maior perfeição e em poucos instantes aquilo que ocuparia o artista durante muito tempo. Por outro lado, chegava à Europa a *litografia japonesa*, extremamente colorida e com um modo despojado de representar a natureza e as coisas; suas formas e sua leveza inspiraram muitos artistas, entre eles Van Gogh e Toulouse-Lautrec, no exercício de procurar novos motivos para pintar e novos recursos para representar o motivo. Tais exercícios caracterizam bem o fundamento intelectual da pintura no final do século XIX; os artistas se caracterizam predominantemente pela pesquisa e pelo exercício da forma de pintar, mas sempre mantendo o olho humano e suas impressões como o alvo e recurso para a composição.

Foi a descoberta dos impressionistas de que as sombras escuras do gênero usado por Leonardo para modelar não ocorrem à luz do sol e ao ar livre que

*interditou para eles o recurso a essa saída tradicional. Por conseguinte, tiveram que ir ainda mais longe do que qualquer geração anterior na dissipação de contornos claros e definidos. Sabiam que o olho humano é um instrumento maravilhoso. Basta fornecer-lhe a sugestão certa e ele se encarrega de construir para nós a forma total que sabe estar ali.*⁵¹



Henri de Toulouse-Lautrec, *Jane Avril saindo do Moulin Rouge* (1892).

⁵¹ E. H. Gombrich, *op. cit.*, p. 412.



Vincent van Gogh,
La chambre de l'artiste à Arles (1889).

Das aventuras inovadoras que os impressionistas criaram ao estudar a arte resultou uma variação infinita de exercícios de criação na pintura. Os vanguardistas europeus favoreceram-se da descoberta impressionista e, fazendo uso do exercício da linguagem do “papel e tinta”, definiram seus próprios caminhos. Assim, artistas como Paul Cézanne, Vincent van Gogh e Paul Gauguin resolveram suas dificuldades com essa linguagem usando do desejo de ver a natureza representada tal como fosse vista pelo olho humano. Dessas inovações, outras inovações surgiriam: da arte de Paul Cézanne, o Cubismo; de Paul Gauguin, o Primitivismo; e de Van Gogh, o Expressionismo. Dessa “experimentação” característica do final do século XIX nasceram todas as formas modernas de arte. O Modernismo artístico niilista, caricatural e livre, representado na pintura e na literatura, tem suas raízes na forma simbolista da arte. Nessa esteira de criatividade, na pintura e na literatura, estariam o Futurismo, o Dadaísmo, o Expressionismo, o Surrealismo, etc. São exemplos na literatura a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, o “nouveau roman” e, na poesia, o verso livre, que redefiniu a forma do poema e até mesmo o conceito de poeta.

*Sartre deriva a sua filosofia do existencialismo alemão de Heidegger, levado até às mais extremas consequências, isto é, à nulidade e à insignificância da experiência, ao absurdo da existência. Analisando o mundo humano, que é o nosso mundo, a náusea toma o lugar da angústia de Heidegger: náusea da sociedade humana; náusea da natureza cuja beleza é ilusória; náusea de nós mesmos. (...) Cada qual, portanto, pode agir como quiser; pois, todos os modos de vida se equivalem.*⁵²

A grande descoberta que o homem fez no final do século XIX e início do XX foi que os valores antes claros da filosofia moralista-religiosa que predominaram até antes do Romantismo foram completamente negados, durante o século XIX, com a evolução da sociedade para um sistema de agrupamentos muito grandes. Dessa destituição dos limites para a filosofia, ou melhor, com a negação da existência de Deus, o indivíduo ganhou “amplos poderes”, ou perdeu os limites. Dessa descoberta filosófica surgiram, na arte e na filosofia, as criações aparentemente sem forma, ou que são a negação da forma, e também o indivíduo do século XX, essencialmente como uma negação da Criação. É nessa linha de experimentação altamente individualizada que se poderia colocar, por exemplo, no campo dos exercícios literários mais radicais, o *Ulysses* do irlandês James Joyce, o *À la recherche du temps perdu* do francês Marcel Proust, o *Grande Sertão: Veredas* do brasileiro João Guimarães Rosa e tantos outros inovadores (sem seguidores) do discurso literário.

Toda a arte do final do século é classificada pelos historiadores da arte e da literatura como Simbolismo: simbolista era a forma como o material e os motivos empregados nas artes, bem como a linguagem aplicada, eram desenvolvidos. Assim, o Impressionismo é o nome como a arte simbolista da pintura ficou conhecida. Porém, tanto na literatura quanto na pintura os anseios e sentimentos são sempre muito semelhantes: essas artes, nessa época, reconstruíram uma representação dos motivos/personagens que recuperava o ponto de vista subjetivo, esquecido naquela sociedade materialista, mecanicista e massificada, nascida da industrialização da Europa.

O Simbolismo atesta que a arte e a sociedade giram em ciclos, de certa forma em torno a si mesmas, porém redefinindo e reorganizando velhos elementos ao lado dos novos. No início do século XIX, a arte do Romantismo parte do subjetivo e do ideal, valorizando o indivíduo e o espiritual. Em meados do século surgiu o Realismo. A industrialização e o Cientificismo fizeram que a arte desejasse ser materialista, objetiva e racional, rejeitando

⁵² Humberto Padovani & Luís Castagnola, *História da Filosofia*, p. 433, *passim*.

completamente a fórmula artística anterior. Perto do final do século, cansados do materialismo, descontentes com a massificação da sociedade e decepcionados com os rumos da sociedade industrial, os simbolistas recriaram os sonhos e as fantasias, dando sentido nessa arte despojada e pura que valorizava outra vez o ponto de vista individual e idealizado.

Assim, a expressão artística no século XIX apresentou três momentos que englobam todas as manifestações em todos os cantos da Europa. No início do século, o Romantismo retratou um novo ser humano, para uma sociedade liderada por uma nova classe social e com novas bases econômicas. Esse ser humano romântico era moderno, atuante e, de certa forma, consciente de seus direitos e deveres. Por volta da metade do século, e estendendo-se até seu terceiro quarto, o Realismo/Naturalismo – Parnasianismo na poesia — representou uma sociedade forte e em pleno gozo da industrialização em que as personagens eram criações exatas da vida objetiva e sem fantasias das agita-das cidades. No último quarto, o Simbolismo – Impressionismo na pintura – devolveu ao ser humano a liberdade de criar e de sentir, bem como de sonhar, redescobrimo valores românticos e negando valores realistas. O Cientificismo, marca dessa fase, abriu caminho para o estudo da forma e da linguagem em que se exprimia essa forma. A arte do final do século, e isso não foi diferente na ciência, voltou-se para si própria, estudou a si mesma, e criou modelos que eram metáforas ou metalinguagens de si mesmas.

1.1.3. A evolução da religiosidade

Como acontecia desde a Idade Média, a religião foi um dos assuntos que nortearam a existência dos seres humanos no século XIX. Ela era quase sempre a causa principal da dificuldade de existir naquele mundo, em que os indivíduos estavam sempre errados em função de uma perfeição que nunca poderia ser alcançada. Desse modo, o indivíduo estava sempre condenado à morte e à destruição. Eram alguns homens que criavam e propagavam esses conceitos, porém, essa atitude não era negativa, porque, ao conceituar a imperfeição, eles estavam alertando para a necessidade de alcançar a perfeição.

O grande problema do ser humano do século XVIII com relação à religião parece ser o fato de a moral do indivíduo estar ligada a sua religiosidade. Humboldt, nos *Escritos políticos*, argumentou que a religiosidade de uma pessoa não deve estar ligada a sua moral. A discussão desses conceitos existia na sociedade europeia desde o início do Iluminismo, e tanto a moral como todos os conceitos relativos à religião, sobretudo Deus, foram amplamente discutidos

pelos filósofos.⁵³ De qualquer corrente de pensamento que fossem, era a existência e a presença de Deus entre os seres humanos que impulsionava as discussões. O que parece estar claro para os pensadores e filósofos do final do século XVIII é que nenhum ser humano, inclusive os religiosos e os monarcas, sabia a vontade de Deus.

O que se percebe, examinando-se a literatura e a filosofia, é que a perfeição de atitudes, na sociedade do final do século XVIII, previa uma religiosidade sem limites, completamente contrária à natureza humana animal, pressuposta como componente da natureza de todo ser humano. O certo é que o ser humano tem uma perfeição de atitudes relativa a seus instintos animais. Porém, para que os seres humanos possam alcançar a perfeição estética e moral, os instintos que os ligam à condição animal devem ser combatidos. Esse pensamento dos românticos está registrado na criação de personagens idealizadas, que simbolizam esse conceito da filosofia dominante.

Especificamente segundo a visão do período romântico, nesse mundo, em que a corrupção era parte das atitudes dos líderes, os monarcas, embasados nos dogmas religiosos, diziam-se herdeiros do poder, que lhes fora dado por Deus. Os religiosos pregavam o desapego da matéria, inclusive dos desejos sexuais, mas não eram exemplos perfeitos. Num mundo como esse, pode-se pensar que os seres humanos comuns e sem recursos intelectuais, certamente, não sabiam e nem teriam recursos para saber em que e em quem acreditar. Logo, com certeza, esses indivíduos comuns eram vítimas da imprudência de religiosos inescrupulosos, como demonstrou François-René Chateaubriand com a personagem Atala.

J'entrais dans ma seizième année lorsque je perdis ma mère. Quelques heures avant de mourir, elle m'appela au bord de sa couche. "Ma fille, me dit-elle en présence d'un missionnaire qui consolait ses derniers instants; ma fille, tu sais le voeu que j'ai fait pour toi. Voudrais-tu démentir ta mère? O mon Atala! Je te laisse dans un monde qui n'est pas digne de posséder une chrétienne, au milieu d'idolâtres qui persécutent le Dieu de ton père et le mien, le Dieu qui, après t'avoir donné le jour, te l'a conservé par un miracle. Eh! Ma chère enfant, en acceptant le voile des vierges, tu ne fais que renoncer aux soucis de la cabane et aux funestes passions qui ont troublé le sein de ta mère! Viens donc, ma bien-aimée, viens; jure sur cette image de la mère du Sauveur, entre les mains de ce saint prêtre et de ta mère expirante, que tu ne me trahiras point à la face du ciel.

⁵³ Deus como objeto de discussão para os Racionalistas e os Empiristas e para Immanuel Kant.

*Songe que je me suis engagée pour toi, afin de te sauver la vie, et que si tu ne tiens ma promesse, tu plongeras l'âme de ta mère dans des tourments éternels.*⁵⁴

Invariavelmente, todos os Estados da história da humanidade se valeram do recurso do condicionamento pela religião para controlar ou obter dos cidadãos o controle de seus desejos. O grau de inter-relacionamento e interpenetração entre Estado e Religião varia muito de cultura para cultura. Em muitos casos, essas duas instituições são uma mesma unidade, controlada pelos mesmos indivíduos. De uma forma genérica, a religião é um elemento que intensifica a sensibilidade dos indivíduos e, se o Estado fizer de seu objetivo social o objetivo social pregado por uma Igreja radicalizada numa única direção, ele pode, por meio da crença, obter aprovação total de suas atitudes. O relacionamento entre Igreja e Estado sempre é motivo de cuidados. Não é de má sorte para o povo que essas forças estejam separadas e que uma seja “polícia” da outra.

Para Humboldt, o Cristianismo foi benéfico para o desenvolvimento da raça humana. Essa religião aponta para o fato de todos os homens serem criação de um único Deus. Assim, ela coloca todas as raças no mesmo nível, destacando o fundamento da verdadeira virtude, do progresso e da união dos homens. Essa fórmula solidária de viver produz frutos maravilhosos como o civismo e o progresso científico pela colaboração, sem o qual a ciência teria permanecido muito tempo como patrimônio de poucos.

Quando la religione cristiana venne a collocare al luogo delle divinità proprie d'ogni singola Nazione, una divinità universale e comune a tutti gli uomini, cadde una delle più funeste barriere che separavano l'una dall' altra le razze umane, e fu posto così il fondamento d'ogni vera virtù, pro-gresso e unione fra gli uomini; senza dei quali beni, la civiltà, il progresso, le scienze stesse sarebbero rimasti assai più a lungo, se non sempre, il patrimonio esclusivo di pochi. Da quel momento, il legame fra la costituzione dello Stato e la religione fu sciolto. Ma più tardi, quando le invasioni bar-bariche si abatterono sulla civiltà, questa religione, male intesa, suscitò un cieco ed intollerabile proselitismo; la forma degli Stati fu modificata; i cittadini divennero sudditi, appartenenti al principe più che allo Stato. E i principi, immaginando che la difesa della religione fosse ad essi affidata da Dio stesso, vollero con ogni mezzo mantenerla ed estenderla, come per de-bito di coscienza. Nei tempi moderni tale pregiudizio è caduto; ma

⁵⁴ Chateaubriand, *Atala*, pp. 116, 117 e 118.

*l'appoggio alla religione per mezzo delle leggi e delle istituzioni dello Stato, fu più che mai mantenuto, ai fini della sicurezza interna e della moralità.*⁵⁵

O Estado pode se servir da Religião como meio de estabelecer valores morais para vigiar o comportamento do cidadão. Deve existir, porém, uma diferença entre o sentimento religioso geral e o relacionamento que o Estado estabelece com uma determinada religião. Em outras palavras, mesmo sendo aquela religião a que melhor se adapte ao intento organizacional do Estado, ele não deve impor aos cidadãos a escolha religiosa. No entanto, o Estado deve sempre estabelecer com uma única religião a incumbência da organização moral dos cidadãos.

Do ponto de vista da liberdade dos cidadãos, qualquer relacionamento entre o Estado e a Religião é danoso de muitas formas. Para Humboldt, o Estado e a Religião não deveriam associar seus interesses sociais para que não houvesse uma limitação da liberdade individual. Essas ideias eram comuns nos pensadores do século XVIII, todos os racionalistas desenvolveram longas preleções sobre a atuação da religião e do Estado. Os pensadores românticos do século XIX tinham uma evidente e clara visão do *status* da religião no contexto social e político de cada nação. No entanto, pode-se observar que, nos textos dos escritores românticos franceses, diferentemente dos clássicos e românticos alemães, a religião é apresentada como o principal elemento de preservação da moral, sobretudo das instituições sexuais. Certamente, existe uma mistura, nesse comportamento do Romantismo francês, entre uma realidade concreta, que incidia sobre o comportamento dos cidadãos, e a demonstração de um caráter aperfeiçoado para a instituição religiosa. De qualquer forma, é mais evidente a crítica; além do predomínio da crítica na estética literária entre os românticos, a Igreja estava sendo forçada a uma reorganização de seus valores, sobretudo politicamente.

São exemplos Virginie de Bernardin de Saint-Pierre e Atala de François-René Chateaubriand, que são criações do início do Romantismo francês. O texto *Le Rouge et le Noir* de Stendhal também apresenta distorções no caráter das personagens causadas pela ação moralizadora da religião. No texto de Stendhal, o casamento, por ser uma instituição religiosa, não pode ser dissolvido. E é por ser indissolúvel que ele se transformava numa prisão, que obrigava as personagens femininas à traição sexual com amantes contra o marido e, assim, a terem uma vida de riscos morais. Essa mesma construção e visão religiosa aparece no texto *Les Illusions perdues* de Honoré de Balzac. Nesse texto, a presença dos padres e bispos é sempre como testemunhas da fidelidade e da moral inatacável para uma senhora da sociedade:

⁵⁵ Humboldt, “Lo Stato e la religione”, p. 61.

sempre que essa personagem estiver sozinha na companhia de um suposto amante, um religioso estaria presente para preservar sua imagem de fidelidade.

Balzac criou uma representação da sociedade plena dos elementos que chamam para a vida materialista. Nessa obra, Deus não está à disposição para atender clamores individuais e, nas poucas vezes em que é invocado como a última esperança, Ele não atende. O sentido criado por Balzac é que Deus não faz acontecer segundo os pedidos humanos, mas cabe aos seres humanos encontrarem seu caminho por sua inteligência. Essa proposta fica clara na relação entre as personagens que têm Fé, e ficam esperando que Deus resolva seus problemas, e as personagens que tomam para si o mundo que está a sua volta, fazendo uso da própria inteligência e dos recursos da Lei. A vitória dos materialistas demonstra que, em Balzac e sua concepção social, Deus ajuda quem se esforça para conquistar o que deseja e que Ele nada faria para impedir que os acontecimentos se realizassem. Nessa forma de pensar, a justiça social e o mérito material entre os seres são alcançados por aqueles que lutam inteligentemente para os conquistar.

A conclusão sobre o pensamento de Balzac nesse texto é que, naquele momento da sociedade, não havia espaço para o idealismo e para as sutilezas ingênuas das criações dos primeiros românticos. Apesar de esses seres existirem e ainda predominarem na literatura, eles eram sempre vítimas do sistema. Balzac iconizou em seu texto o sistema vigente naquela sociedade, que era cada vez mais racional e estava mais presa ao contexto da própria realidade em que o homem estava inserido. O texto de Balzac representa que o homem, a partir daquele momento, cada vez mais iria estar a serviço da própria máquina social criada por ele mesmo.

Assim, o efeito criado por Balzac demonstra que um sonhador, um poeta que não soubesse violentar e dominar o espaço social, terminaria por ser subjugado e inferiorizado pelos materialistas. Apesar de serem seres considerados mais perfeitos e bondosos, até mesmo superiores, seriam desprezados pelo contexto social no qual estivesse em jogo quem mandava e quem obedecia. O idealista romântico ainda sobrevive no contexto balzaquiano, mas é humilhado e destituído de sua força, tendo seu idealismo desfeito como ilusões inúteis.

Toda a literatura subsequente vai tratar a religiosidade como uma instituição eminentemente figurativa. Obviamente, também nesse conceito de religiosidade existe uma reação realista ao modelo literário do Romantismo. Como exemplo pode-se observar o romance *Madame Bovary* (1850), de Gustave Flaubert. Nesse texto, os elementos que lembram religião só aparecem como construtores de instituições religiosas, como o casamento, o batizado e a defesa de bons costumes. Em todos os casos, o papel da religião se resume na defesa dessas instituições. Esse é o papel que estaria reservado para a religião na

literatura na representação da sociedade que era firmada naquele momento. A simulação literária realista, o sentido que ela cria, faz pensar que nessa sociedade industrializada, preocupada com a higiene e o bem-estar das cidades e aglomerações humanas, não havia mais pessoas com a mente desocupada para sofrer ou ser ocupada com os elementos da religiosidade. Assim, pensando-se no modelo ou na representação literária como mimetismo dos cidadãos de uma sociedade — isso é absolutamente hipotético — dentro do Realismo, essa reação à condição de dominante típica da religião no Romantismo e a diminuição da interferência da Igreja na vida das personagens demonstram o avanço dos valores racionais e objetivos e a conseqüente redução na importância dos elementos espirituais e subjetivos dentro daquela sociedade.

1.2. A segunda metade do século

1.2.1. As cidades: industrialização, expansão e transportes

A Revolução Industrial caracterizou-se de início pela produção em escala industrial e pelo desenvolvimento das comunicações. Essas evoluções iniciais alcançaram desdobramentos importantes em muitas áreas da sociedade, provocando alterações estruturais, tanto na Europa quanto nas regiões a ela relacionadas. Esse processo começou na Grã-Bretanha, nos anos entre 1750 e 1830, e em seguida espalhou-se por outros países. Seus efeitos podem ser resumidos, no final do século XX, como o impulso inicial para a organização da base econômica da sociedade mundial moderna.

Durante o século XIX, as cidades, arrastadas pela industrialização, passaram por uma intensa expansão. Somente dados estatísticos podem demonstrar e fazer compreender a verdadeira intensidade e a rapidez desse processo. As cidades europeias, e também de outras partes do mundo, multiplicaram muitas vezes de tamanho no século XIX e, por causa dessa explosão demográfica, os problemas organizacionais se acumularam.

En poco más de un siglo, la población de Londres y de París se multiplicó por cuatro; la de Viena, por cinco; la de Berlín, por nueve; la de Nueva York, por ochenta. Y éstas eran solamente las grandes capitales. Además, Lancashire, la Black Country, el Ruhr, la Francia septentrional, por no hablar de ciertas partes de Estados Unidos y Japón, se transformaron en vastas aglomeraciones de ciudades que se tocaban unas con otras. El hecho de la conurbación se produjo mucho antes de que se inventara la palabra. Manchester, tranquila ciudad-mercado, tenía 75.000 habitantes en 1800, saltó a 400.000 en 1850 y alcanzó los 720.000 en 1910. Estocolmo, que en 1800 dormitaba con sólo 6.000 habitantes, en 1914 tenía 350.000. La población de Dusseldorf aumentó desde 10.000 en 1800 hasta 360.000 en 1910; la de Essen, desde 6.000 en 1850 a 300.000 en 1900. El caso de una ciudad relativamente nueva como Odesa, que pasó de 6.000 habitantes a 480.000 entre 1800 y 1914, es similar al de ciertos centros urbanos pequeños pero muy antiguos, como Oslo, que pasó de 10.000 a 250.000 en el mismo período, o Budapest (de 50.000 a 900.000). El destino de las ciudades antiguas siguió la misma curva. Entre 1800 y 1910, Lyon pasó de 110.000 a más de 500.000; Rotterdam, de

*50.000 a 400.000; Amberes, de 60.000 a 300.000, y Hamburgo, de 150.000 a más de un millón.*⁵⁶

A história do século XIX colocou em evidência alguns elementos de ciência e tecnologia, descobertos no século XVIII, que seriam básicos para a sociedade do século XX na sua procura pelos limites da racionalidade: a máquina a vapor (1769), os teares mecânicos de fiação (Jenny, 1767; Cartwright, 1768; Jacquard, 1801), a máquina de despoldamento do algodão (1793), finalmente a locomotiva e a estrada de ferro (1829).

Esses elementos de ciência e tecnologia são, como salientado, de produção humana. Desse modo, nessa questão, toda a atenção deve ser voltada para o comportamento do ser humano, que só é altamente produtivo quando incitado a produzir. Para isso, devem ser oferecidas as condições necessárias, que são relacionáveis e margeiam os limites da educação tecno-moral e a existência da competição entre indivíduos. Essas condições são mais propícias quando os seres humanos se aglomeram, e são levadas ao extremo quanto maior for a aglomeração. O fator que interfere diretamente nesse comportamento é a intensidade da comunicação.

As cidades, nessa circunstância, eram as grandes provocadoras do avanço técnico e do aperfeiçoamento social. Por essa razão, ao mesmo tempo, eram causa de si mesmas, porque intensificavam o próprio círculo de necessidades e melhorias. Nessa esteira de necessidades e melhorias estavam a indústria e o transporte, principais elementos responsáveis pela aglomeração de indivíduos nas cidades. Não é difícil, através da literatura de ficção, fazer um diagnóstico das dificuldades relacionadas com o transporte no século XIX. Também não é difícil apontar a profunda transformação causada pela propulsão a vapor. Essa grande modificação na velocidade dos transportes interferiu em todo o círculo social, porque aproximou as pessoas pela diminuição do tempo para se percorrer distâncias.

Na literatura do século XIX há inúmeras reclamações sobre as dificuldades de viajar e, até mesmo, da feiúra das máquinas de transporte, quase todas movidas por tração animal. Nessa engrenagem de causa e consequência, vivida nas cidades e estabelecidas pela indústria, pelo transporte e pela própria cidade, não há um limite exato do que seja causa, consequência, necessidade e/ou interesse. De certa forma, todos esses elementos são partes de uma única coisa que não pode ser dividida. Essa grande massa chamada humanidade constrói o mundo por impulsos que sempre se interligam. Uma dificuldade humana pode ser o elo necessário

⁵⁶ F. Bédarida, “Las ciudades. Población y explosión urbana”, pp. 148 e 149.

que faltava para fazer a superação de dificuldades e realizar a evolução do caráter de cada ser humano e da sociedade.

*El modesto ciudadano independiente se ve obligado a ingresar en una grandiosa organización, donde puede ganar más a cambio de perder su independencia. Es algo tan inevitable como la introducción de la maqui-naria y las consecuencias que la misma acarrea.*⁵⁷

O trecho mostra a modificação ocorrida no plano social e cultural pela elevação dos objetivos e das necessidades coletivas ao centro das atenções em detrimento dos objetivos e desejos individuais. Necessariamente, numa sociedade formada por aglomerações humanas (cidades), que são instituídas e existem como indivíduos, transformando seus participantes em agentes de sua própria existência, o indivíduo, num contexto tão extenso e amplo, tem pouca atuação. Ele só atua de modo amplo quando é responsável e corresponde ao poder delegado a ele por muitos indivíduos.

Nesse contexto, seria lógico pensar na desvalorização do ser humano. Porém, não se trata da destruição do indivíduo, porque não havia oposição ao indivíduo; ao contrário, havia uma valorização dos bens que atingiam a coletividade e facilitavam a vida dos indivíduos. Como mostrou Émile Durkheim, projetava-se “uma divisão do trabalho” em todos os setores da sociedade. Nesse caminho foi que a modernização dos espaços urbanos, a melhoria nos transportes públicos e a maior eficiência e qualidade nos produtos industrializados atuavam diretamente no bem-estar de toda a sociedade.

*On peut cependant trouver au XIX^e s. la genèse de cette discipline (Urbanisme), à la fois comme pratique de l'aménagement et comme théorie cherchant à se formaliser. L'accélération de l'industrialisation de l'Europe à partir de la deuxième moitié du XIX^e s. entraîna en effet une remise en cause de l'espace urbain, sous la poussée conjointe du développement des techniques, et en particulier du chemin de fer, de la croissance démographique, des exigences nouvelles en matière de confort, de salubrité et de problèmes sociaux inédits.*⁵⁸

⁵⁷ Asa Briggs, “Perspectivas. El siglo XIX ante el futuro”, p. 492.

⁵⁸ Bertrand Lemoine, “Urbanisme”, p. 1208.

É evidente que, numa sociedade concentrada em objetivos coletivos, um indivíduo com astúcia e ganância tentará criar, em torno de si, um volume de recursos valorizados na sociedade para, desse modo, acumular poder. Exemplo no século XIX desses fatos da cultura socioeconômica humana é o chamado *trust* — empresas que, com um objetivo exacerbado de lucro, monopolizavam todo o mercado de um tipo qualquer de produto ou serviço, sufocando com seu poder de negociação todas as tentativas menores de concorrência.

Balzac, em seu *Les Illusions perdues*, criou um excelente exemplo da ação sufocadora de uma empresa sobre outra. Trata-se da ação dos negócios dos irmãos Cointet sobre os de David Séchard. É evidente que, nesse caso contado por Balzac, o que se tem é a eficiência e o interesse materialista (realista) sufocando a idealização e o Romantismo: uma oposição clara entre os dois modelos literários presentes no texto. David Séchard perde o negócio, mas sobrevive e permanece muito bem, graças, acima de tudo, ao respeito que o ser humano e muito mais o homem de visão econômica têm pela ciência e os benefícios que ela pode trazer. Balzac fez de David Séchard um cientista e um grande transformador. O futuro da humanidade sempre está na dependência de homens como ele, por isso ele deve sobreviver, apesar de sua apatia romântica e sua inépcia comercial.

O crescimento da indústria na Europa, durante o século XIX, pode ser medido por diversos índices. Eles são sempre denotadores do avanço rápido da industrialização e da crescente afluência de pessoas em direção às cidades. O *Dictionnaire du XIX^e siècle européen* traz inúmeros exemplos dessa mudança de expectativa e filosofia de vida que atingiu o povo de todos os cantos daquele continente. Em todos os casos o movimento observado é o de aceitação das imposições do mercado industrial frente ao indivíduo, que perdia na quase totalidade sua liberdade de ir e vir quando assumia uma responsabilidade dentro do sistema de produção. Desse modo, o processo de servidão econômica mudava de aspecto, mas tendia para a mesma estrutura de força e opressão que caracterizou toda a civilização desde seu início.

Le bond spectaculaire de la population industrielle entre 1800 et 1860 en témoigne: de moins de 30% en 1800, la population active industrielle monte à près de 44% du total en 1860.⁵⁹

No entanto, o processo opressor que se estabelecia não era constituído do mesmo processo mental. Se havia o intuito de se apoderar da força de trabalho do indivíduo, esse já conhecia sua necessidade de liberdade, compreendida e instituída pelas forças de

⁵⁹ Claude Beaud, “Industrie”, p. 581.

independência criadas e praticadas no final do século XVIII e primeira metade do século XIX. A classe operária nascia cheia de novos poderes e pronta para demolir qualquer resistência, exigindo direitos, melhorias e garantias. Assim se pode ver o indivíduo na segunda metade do século XIX: consciente de seu papel no conjunto, pronto para defender a coletividade de que fazia parte, sempre pronto para empunhar as cores da bandeira de sua nação — elementos de consciência social que refletem a representação patriótica característica do Nacionalismo vigente no período.

Em 1847, Karl Marx e Friedrich Engels, no texto *Manifesto do Partido Comunista*, escreveram duras críticas aos governos sustentados pela burguesia. Manifestaram um intenso desejo revolucionário pela existência de um regime político que combatesse essa dominação. O texto é um excelente exemplo do desgosto dominante na classe trabalhadora, certamente insatisfeita com a exploração exercida pela classe dominante e a conivência do Estado, que não combatia, nem tinha interesse em combater, essa exploração.

O governo moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa. A burguesia desempenhou na História um papel eminentemente revolucionário. Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia calcou aos pés as relações feudais, patriarcais e idílicas. Todos os complexos e variados laços que prendiam o homem feudal a seus “superiores naturais” ela os despedaçou sem piedade, para só deixar subsistir, de homem para homem, o laço do frio interesse, as duras exigências do “pagamento à vista”. Afogou os favores sagrados do êxtase religioso, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades, conquistadas com tanto esforço, pela única e implacável liberdade de comércio. Em uma palavra, em lugar da exploração velada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, cínica, direta e brutal.⁶⁰

Esboçando em linhas gerais as fases do desenvolvimento proletário, descrevemos a história da guerra civil, mais ou menos oculta, que lavra na sociedade atual, até a hora em que essa guerra explode numa revolução aberta e o proletariado estabelece sua dominação pela derrubada violenta da burguesia.⁶¹

⁶⁰ K. Marx & F. Engels, *op. cit.*, pp. 24-25.

⁶¹ *Idem, ibidem*, p. 36.

O processo de representação que foi criado no período demonstra uma evidente massificação dos elementos sociais. Em primeiro plano está o ser humano, causa e consequência dessa crescente transformação. Logicamente, num momento cultural como aquele, não era possível perceber as perdas e as conquistas sociais; só muito tempo depois foi possível ter uma ideia exata dos acontecimentos. Assim, a industrialização causou profundas modificações no homem; no entanto, deve ser considerada a presença de muitos elementos que foram causas e consequências dessa crescente industrialização: o desenvolvimento da ciência e da educação, o aperfeiçoamento dos transportes e a evolução dos espaços urbanos, etc. Todos esses fatores, interdependentes, demonstram a modificação na importância do *status* individual perante o coletivo, tornando o homem apenas um símbolo do conjunto cultural a que pertencia. O homem era a menor parte, enquanto ser isolado, e a maior parte, enquanto agrupamento.

1.2.2. A simbolização na arte linguística

*Connaissance indirecte, le symbole va du sentiment, de l'idée, c'est-à-dire de l'humain, à la sensation, ou inversement; aucune école poétique ne l'a ignoré sous sa forme explicite où sont posés les deux termes de la comparaison, ou sous sa forme abrégée où ne subsiste plus qu'un seul des deux termes devenu proprement symbolique. Instrument de pensée universellement humain, il est à la base de toutes les mythologies, de tous les langages, sous la forme spontanée, populaire, de l'image. Mais notre vie intellectuelle n'est plus ni populaire ni spontanée, résultat d'une éducation séculaire où se sont oubliés les mouvements naturels; l'emploi systématisé du symbole lui est donc devenu étranger, forme aristocratique réservée à un petit nombre d'esprits préparés à l'inter-prétation des images, d'autant que la virtuosité se complaît davantage à mesure qu'elle s'accroît dans l'obscurité et la rareté des correspondances.*⁶²

É perfeitamente sabido que o processo linguístico é inteiramente representação: tudo na linguagem refere-se a algo. Mais que uma conjunção de signos e referentes, o homem cria através da linguagem um modo de se relacionar com a infinidade de elementos do universo

⁶² Pierre Barrière, *La Vie intellectuelle en France*, p. 536.

real, organizando-os na esfera cognitiva. Através dos signos, o homem cria uma amostragem das coisas do mundo. Ele não lida com os símbolos (sons e ícones gráficos) dos signos, mas com as formas representativas da sociedade. Em geral, os limites da intelectualidade humana não permitem uma compreensão precisa e absoluta do real: é necessário criar uma amostra do todo e por dela satisfazer a imaginação. A relação do homem com a natureza, apesar desses recursos, é muito limitada: por isso a compreensão é sempre parcial, com variações de um indivíduo para outro.

No século XVIII, o universo intelectual da sociedade não era mais inteligível de uma maneira universal. A partir do Iluminismo, o universo do conhecimento foi rapidamente ampliado e a sociedade em geral necessitaria cada vez mais de conhecimento. Desde então, o homem se viu obrigado a lidar com modelos e amostragens. Esse processo foi intensificado com a complexidade cada vez maior do objeto-conhecimento a ser alcançado. A ciência fez evoluir a sociedade e obrigou o homem a criar o modelo ou a amostragem (maquetes e projetos) antes de construir o objeto no mundo real.

A linguagem é sempre a que fornece os melhores exemplos das transformações ocorridas no pensamento dos homens. No final do século XVIII, ficaram conhecidos os limites físicos do mundo: a colonização atingiu seu apogeu e a Terra não tinha mais fim. Afastadas as crendices, a Terra estava definitivamente conhecida, ou seja, era redonda, começava e terminava no mesmo lugar. Por sua vez, o conhecimento que o homem possuía foi ampliado infinitamente, assim como as possibilidades de conhecer. É provável que haja uma relação entre essa destruição dos antes claros limites do mundo, que desequilibrou as emoções dos homens, com o desencadear das revoluções do século XIX.

O desenvolvimento intelectual acontecido no século XVIII, elevou a sensibilidade e o uso dos elementos da intelectualidade ao centro da importância social. É dessa forma que os elementos da sabedoria (sensibilidade e intelectualidade) chegaram a possuir o mesmo *status* de importância na sociedade que tinham a coragem e a força física. Tais modificações foram causadas pela atuação do Iluminismo no desenvolvimento intelectual dos seres humanos no século XVIII. A ação educativa desse movimento modificou a relação do homem com sua existência no meio social e fez com que ele valorizasse os elementos da sensibilidade e questionasse tudo o que estava relacionado às suas vidas.

Quanto mais avançada no século XIX estivesse a literatura da Era Romântica, mais ela aperfeiçoava a criação de modelos estilísticos para representar a sociedade. É desse modo que a linguagem literária vai se especializar em fórmulas linguísticas e modelos estéticos demonstrativos do mundo real. A literatura evoluiu no sentido de criar tipos humanos cada

vez mais representativos do homem no meio social. Essa representação do homem pela literatura segue o processo de modificação social, emparelhada com ele e por ele conduzida. A literatura avançou tão fortemente por esse caminho que, antes do final do século, numa reação a esse materialismo do Realismo burguês, chega a ser, em si mesma, somente símbolo e a ser chamada de Simbolismo.

A sociedade naquele século se desenvolveu na recriação contínua dos espaços urbanos, que substituíram cada vez mais amplamente em importância os espaços rurais. Se a literatura do final do século XIX era completamente simbólica, ela apenas explorou e evidenciou profunda e intencionalmente os elementos que já estavam presentes nela secundariamente desde o início do século. O fato é que, de meados do século XIX em diante, a expressão literária exercitou cada vez mais intensamente a representação do modelo social no contexto literário, abandonando definitivamente as discussões individuais de ordem moral/religiosa. Aos poucos, todos os elementos contextualizados na literatura passaram a ser característicos da atuação real do homem, inclusive a moral e os costumes.

Em *Madame Bovary*, a personagem Carlos Bovary é a demonstração do homem ultrapassado, enquanto o farmacêutico Homais e Rodolfo Boulanger são modelos de homens adaptados à nova realidade.

A um canto, atrás da porta, mal podíamos ver o novato. Era um rapaz do campo, de quinze anos mais ou menos, mais alto que qualquer de nós, os cabelos rentes sobre a testa, como um sacristão de aldeia, um aspecto compenetrado e acanhadíssimo. Embora não fosse espadaúdo, a jaqueta verde de botões pretos, muito apertada nas ombreiras, devia incomodá-lo bastante. Pela abertura das mangas, viam-se dois punhos vermelhos, acostumados à nudez. As pernas, enfiadas em meias azuis, saíam-lhe dumas calças amareladas muito repuxadas pelos suspensórios. Calçava uns sapatos grosseiros, mal engraxados, reforçados com pregos.⁶³ (...) À custa de se aplicar, conseguiu sempre manter um termo médio na classe⁶⁴ (...) Rodolfo Boulanger tinha 34 anos; era de temperamento brutal e de inteligência perspicaz, tendo, além disso, muitos conhecimentos femininos, sendo, pois, entendido no assunto. Aquela lhe parecera bonita, e ele pensava nela e no marido.⁶⁵ (...) Depois da morte de Bovary, três médicos passaram por Yonville,

⁶³ Flaubert, *Madame Bovary*, p. 7.

⁶⁴ *Idem, ibidem*, p. 11.

⁶⁵ *Idem, ibidem*, p. 100.

*um após outro, sem conseguir fama nem sucesso, batidos logo por Homais, que tem uma clientela infernal; a autoridade poupa-o e a opinião pública o protege. (...) Acaba de receber a Legião de Honra...*⁶⁶

Comparando-se a expressão literária desses dois extremos da Era Romântica (o Romantismo de 1800 e o Simbolismo de 1880), fica claro que o modelo literário se desenvolveu representando as formas que a sociedade adquiriu durante aquele século. Assim, a literatura de René-François Chateaubriand representa o conhecimento, os desejos e os valores da sociedade que se apresentava em 1800. Sua literatura demonstra que naquele período tomava-se consciência do exercício de sabedoria e de sensibilidade que o Iluminismo pusera em evidência.

Manifestações como essa, de conscientização da importância para a evolução social da sensibilidade e da capacidade de serenidade elevou o grau de importância política do papel social da mulher. Nesse mesmo movimento a literatura, no desenrolar das paixões das personagens, contesta a atitude social da religião e a influência moralista que ela exercia no contexto social. No outro extremo, em 1880, a obra de Guy de Maupassant, já num Realismo cansado das opressões sociais e muito misturado ao Simbolismo, representa um ser humano envolvido pelo contexto social urbano. Naquele tempo, o papel do meio urbano já era, há algumas décadas, mais importante política, social e economicamente que o meio rural. Maupassant discutiu a presença do homem naquele contexto e sua participação no conjunto; suas personagens são modelos dos seres humanos e dos problemas que enfrentariam como participantes, quase sempre oprimidos, daquela sociedade.

O Simbolismo representa uma reação contra o materialismo e a estrutura social, que se desenvolvia em torno da industrialização. O ser humano tinha deixado de ser importante ao extremo. Os valores morais, sentimentais e espirituais haviam perdido completamente seu espaço no pensamento e no arranjo da sociedade. Mas, se o Simbolismo reagiu contra a massificação do ser humano ou contra sua falta de importância para a sociedade, valorizando assim elementos como a subjetividade, retomados do Romantismo, ele não abriu mão da vida e dos recursos da sociedade moderna.

O mundo tornara-se excessivamente materialista, racionalista, esquecendo-se dos valores morais e espirituais. Então, como sempre ocorre quando se torna difícil analisar e entender o mundo exterior, a reação natural foi negá-lo,

⁶⁶ *Idem, ibidem, p. 259, passim.*

*voltando-se para uma realidade subjetiva. Assim, surgiu o Simbolismo, um movimento que refletia o pessimismo em relação a esse mundo exterior, e que se caracterizou pelo renascimento das tendências espiritualistas e pela valorização do mundo interior, do mundo do subconsciente e do inconsciente.*⁶⁷

A complexidade da sociedade do século XVIII e de até meados do século XIX permitia a um homem dedicado aprender o conjunto do conhecimento em qualquer especialidade e inventar novidades em larga escala. Com o avanço da ciência, cada vez mais os homens foram obrigados a dedicar mais tempo a um determinado trabalho para atingir o limite do desconhecido e do novo. A sociedade tornava-se cada vez mais complexa e os seres humanos cada vez menos conseguiam entender seu fluxo. Ela, que sempre pareceu ter vida própria, era mais e mais independente da vontade dos homens.

Esse elemento de superioridade do coletivo sobre o individual sempre existiu, mas as sociedades de até meados do século XIX eram suficientemente pequenas e simples para que um homem fosse capaz de controlá-la sozinho. A complexidade das sociedades colocou em questão toda fórmula administrativa existente e a liderança não podia mais ser feita se não fosse por meio da representação. O poder passa a ser, ele também, temporário e removível. O poder, antes constituído por herança, passou a ser doado temporariamente. Passou de privilégio por realza à obrigação constituída pelo voto.

Por esse caminho trilharam todas as sociedades. A instalação do poder representativo sofreu muita resistência durante o século XIX, mas o contexto se impôs e uma nova forma de poder surgiu pela força dos grupos organizados, sendo que o mais significativo de todos os avanços foi o sufrágio universal, que passaria por muitas etapas: sufrágio masculino, sufrágio de grupos representativos, etc.

Um homem, na segunda metade do século XIX, não era mais capaz de compreender o mundo inteiro. Foi por causa da transformação tão profunda e tão veloz da sociedade, que o homem teve a necessidade de saber mais de si mesmo para que pudesse compreender aquilo que era feito pelos outros homens a sua volta. A sociedade se transformou num denso e confuso macro-sistema de pequenas partículas, muitas vezes tão complexas quanto o todo. O indivíduo ficava cada vez “menor” e era obrigado a observar a sociedade por meio de amostras, porque ele só conseguia ver uma pequena parte do extenso corpo. Ele se redefiniu porque foi obrigado a se descobrir de novo, somente assim continuaria a ser importante diante do sistema. A ciência foi o principal agente responsável pelas transformações, e a literatura

⁶⁷ José de Nicola, *Literatura portuguesa: das origens aos nossos dias*, p. 174.

acompanhou e registrou cada novo passo dado. A ciência e a literatura, como tudo na sociedade, ao mesmo tempo em que são objetos construídos pelo sistema social, são construtoras dele.

Pelo prisma de observação adotado neste trabalho, o século XIX foi o período de transição em que tudo o que dominava o contexto social até meados do século XVIII foi substituído por algo novo. Além disso, cada vez mais essa substituição ficou mais rápida e tudo passou a durar menos. A Era Romântica, não há dúvida, foi o período em que o indivíduo alcançou o centro das atenções dos próprios indivíduos: num primeiro momento, foi pela conscientização do valor desse indivíduo e da importância que para ele deveria ter a liberdade de construir sua própria vida; num segundo momento, o indivíduo foi tratado como parte de uma coletividade: para o indivíduo cuidar de si mesmo, era necessário cuidar da coletividade. Assim, os indivíduos só existiam como extensão do coletivo. Na verdade, é o indivíduo que é simbólico na Era Romântica, e o seu papel passou por representações diferentes ao longo do século XIX. Na literatura, a representação do indivíduo demonstra a simbolização da sociedade: a cada década foi descrito um novo ser diferenciado por recursos culturais e modelos científicos novos.

Do Romantismo surgiram as correntes literárias que dominariam todo o século XIX: o Realismo e o Simbolismo. A partir de 1850, o Realismo desenvolveu, na literatura em prosa, principalmente no romance, uma reação contra os valores do subjetivismo, do personalismo e do metafísico, e apresentava como características o objetivismo, o materialismo e o universalismo. A poesia, dentro do Realismo, passou a ser chamada de Parnasianismo: marcadamente anti-romântica, materializou uma estética poética baseada na objetividade e no culto da forma, dominando a estrutura poética e aprisionando os sentimentos à ação da razão. O Simbolismo, por seu turno, retomou valores do Romantismo negados pelo Realismo, pelo Naturalismo e pelo Parnasianismo. Nessa estética literária, quase eminentemente ligada à poesia, ocorreu a inclusão, em plena sociedade industrializada, de valores relativos aos sonhos: o mágico e o singelo, elementos desenvolvidos pelo exercício da sensibilidade, retomaram espaço na poesia.

1.2.3. O Nacionalismo

No contexto do século XIX, o sentimento de nacionalismo cresceu nos indivíduos e cada vez mais demarcou limites entre os pontos do continente europeu. O Nacionalismo, que

sempre existiu e que caracterizou a vida da Europa ocidental desde os romanos, foi o estopim de todas as desavenças entre as nações e, principalmente, da ascensão e destituição de muitos reis e imperadores. Mais que um simples sentimento, em determinados períodos, sobretudo aqueles marcados por guerras, o Nacionalismo era uma filosofia de vida: a nação era a própria existência dos cidadãos. Exemplo histórico foi o projeto de nação criado por Napoleão Bonaparte, que atraiu todos os franceses para uma luta contínua e insana.

Muitos autores do século XIX retrataram o Nacionalismo em sua literatura. Guy de Maupassant, por exemplo, mostrou o verdadeiro caráter do Nacionalismo predominante na segunda metade do século, período marcado pela ascensão de Bismark no comando da Alemanha, consolidando o Estado alemão. Em diversos de seus contos, Maupassant demonstrou do que é capaz, por amor à Pátria, um cidadão honrado. Em geral, Maupassant resolveu esse heroísmo patriótico em mulheres discriminadas por razões morais e/ou raciais. São assim os contos “Boule de suif” e “Mademoiselle Fifi”.

Os outros, bêbados como gambás, subitamente assaltados por um entusiasmo militar, um entusiasmo de brutos, empunharam seus copos vociferando: “Viva a Prússia!” e esvaziaram-nos de um trago.

As moças não protestavam, reduzidas ao silêncio e tomadas de medo. A própria Raquel se mantinha calada, sem forças para responder.

Então, o marquesinho pousou sobre a cabeça da judia a sua taça de champanha novamente cheia:

(A nós nos pertencem também (exclamou) todas as mulheres da França!)

Ela se levantou tão depressa que a taça, virando-se, derramou, como um batismo, o vinho amarelo sobre os seus cabelos negros, e depois rolou, partindo-se no chão. Com os lábios trementes, ela enfrentava com o olhar o oficial que ria sempre, e balbuciou, com a voz estrangulada pela cólera:

(Lá isso não é verdade: vocês não terão as mulheres da França.)

Ele assentou-se para rir à vontade, e, imitando o acento parisiense:

(Esta é boa! Esta é muito boa! Então que vens tu fazer aqui, pequena?)

Interdita, ela a princípio silenciou, compreendendo mal na sua perturbação; depois, quando apreendeu bem o que ele dizia, atirou-lhe, indignada e veemente:

(Eu! Eu! Eu não sou uma mulher, eu sou uma decaída; e é quanto basta aos prussianos.)

*Ela não terminara e já ela a esbofeteava brutalmente; mas, como erguesse outra vez a mão, louca de raiva, ela passou a mão numa pequena faca de pospasto, de lâmina de prata, que se achava sobre a mesa, e, tão rápido que a princípio nada se viu, picou-o bem no pescoço, justamente na concavidade onde começa o peito.*⁶⁸

Desse modo, observa-se nesse contexto de idealização da nação e de busca pela perfeição do espírito-nacional⁶⁹ a razão de na Linguística terem sido desenvolvidos modelos teóricos que retratavam a linguagem como uma fórmula circunscrita às fronteiras nacionais. Nesse contexto, a língua nacional era vista como uma representação fiel do homem-cultura-nacional. Esse homem, onde estivesse, era a representação de tudo o que representava sua nação. Em todos os aspectos da existência das nações estaria expresso o caráter de sua força. Nesse modelo de comportamento, até a guerra era vista como um bem nacional, ou seja, mais que um ponto de vista político de modelagem da cidadania, o Nacionalismo era espaço de competição entre as várias nacionalidades. Assim Humboldt descreveu a relação entre língua e nação, e dessa relação surge o conceito de espírito-nacional.

O contexto cultural do início do século equipara o Nacionalismo e o Romantismo. Em muitos pontos eles são a mesma coisa: por exemplo, o ideal de existência do Romantismo previa o sentimento de patriotismo, ou seja, nenhum ser humano podia ser feliz estando expatriado. Essa ideia do exílio como castigo aparece como fórmula do sofrimento nas personagens de François-René Chateaubriand, tanto em *Atala* quanto em *René*. Em ambos os casos, a perda ou o afastamento da terra natal equivale à perda de tudo o que é mais caro e sentimentalmente mais dolorido.

O caso não é único no Romantismo. Na literatura clássica alemã, são vários os exemplos em que a Pátria e o amor pela Pátria impulsionam os indivíduos a agir. É o caso da disputa entre Maria Stuart e Elizabeth no texto *Maria Stuart*, de Schiller. Essa luta entre as duas rainhas representa a dominação e a resistência entre as duas nações rivais: Inglaterra e Escócia. Independentemente da força moral que é atribuída às personagens, nesse caso, a representação do patriotismo está inclusive na distinção religiosa entre as duas rainhas. De

⁶⁸ “A Senhorita Fifi”, pp. 95-96.

⁶⁹ Tudo que compõe o espaço territorial, tenha forma física ou não: clima, relevo, cultura, etc., inclusive a língua — tudo isso faz parte do espírito-nacional. Ele regula o pensamento dos cidadãos de uma nação, sua fórmula se transfere para o indivíduo e cidadão, de forma a fazer que ele seja reconhecido entre os cidadãos de outros espíritos-nacionais. Sua relação com a língua é de total e absoluta ligação; molda o pensamento e, através dele, molda a língua — mas só pode existir para o pensamento através da língua, ou seja, só pode ser adquirido, transmitido, perpetuado, etc., através dela.

qualquer forma, do ponto de vista nacionalista, o texto defende as duas nações: Maria Stuart morre, mas é superior espiritualmente a Elizabeth, que representa a dominação pela força mas é atormentada por sua ganância e baixeza.

Obviamente, o Nacionalismo mudou de aspecto com o avanço cultural do século XIX. O contexto social, impulsionado pela indústria, mudou rapidamente e, a cada década, era diferente. De forma que, se, no início do século, o Nacionalismo e a representação cultural eram partes de um mesmo contexto, em meados do século o Nacionalismo já era uma plataforma política e/ou uma representação partidária. Se, no início do século, era parte do ideal cultural, no final do século já era modelo de opressão e de defesa de fronteiras. Não que o aspecto idealista tenha desaparecido, mas nesse ponto ele era desejo de poder e afirmação do mais forte. O idealismo não era mais estético e filosófico, mas, acima de tudo, era de força e de afirmação da supremacia racial e socioeconômica.

No período após 1830, na França, o Nacionalismo determinou profundas mudanças na constituição do poder central. Luís Felipe foi deposto por muitas causas: o povo exigia mais democracia, a corrupção predominava em seu governo e favorecia uma minoria abastada, os católicos estavam descontentes com a atitude anti-clerical do rei, o socialismo se disseminava entre o proletariado industrial, etc. Ao lado desse descontentamento generalizado estava outra causa: um nacionalismo frustrado. O rei governava em favor do comércio, e a França se eximia de se envolver em qualquer guerra que ameaçasse a prosperidade. Essa conduta do governo impediu, de certa forma, o socorro aos poloneses contra a Rússia e aos italianos contra a Áustria. Mais que isso, frustrou o patriotismo popular que queria ver a França novamente como uma nação líder entre as potências da Europa.

A queda de Luís Felipe e a ascensão de Napoleão III giram em torno do Nacionalismo. Luís Napoleão foi eleito em 1848 por uma maioria esmagadora. Muitos historiadores dão como principal causa dessa vitória incontestável o fato de ele ser sobrinho de Napoleão Bonaparte. O nome de Napoleão, para a grande maioria dos franceses, patriotas e entusiastas da nação, era símbolo de glória. Luís Napoleão alcançou a posição de imperador fazendo uso de medidas populistas e nacionalistas. Foi deposto depois de uma campanha desastrosa na guerra contra a Prússia.

Em nenhum aspecto ou caso pode ser afirmado que o Nacionalismo do início do século ou o da segunda metade do século era bom ou ruim. Não há esse juízo de valor em questão, ambos são aspectos de um mesmo todo. No início do século XIX, em todo o plano intelecto-moral predominava a valorização do aspecto espiritual e individual. Então, o Nacionalismo só podia existir enquanto sentimento particular em cada indivíduo. No final do

século, todo o contexto privilegia os aspectos sociomorais. O Nacionalismo acompanhou essa evolução como parte do contexto. Em todos os aspectos da cultura vigente, e também no Nacionalismo, predominaram os interesses da coletividade.

É essa a razão da diferença tão gritante entre o Nacionalismo do Romantismo do início do século XIX e o Nacionalismo do Realismo/Naturalismo e principalmente do Simbolismo no final do século, que dividia o mundo entre oprimidos e opressores.

Assim, o Nacionalismo é mais um dos aspectos da cultura do século XIX que evoluiu de um plano voltado para o indivíduo para um plano de atuação sobre o indivíduo, privilegiando os aspectos coletivos. O ideal passou da busca da perfeição estético-moral individual para a busca do aperfeiçoamento coletivo e de auto-afirmação patriótica. Acima de tudo, o ideal era impor o poder da nação ao inimigo externo. Essa luta para impor-se às outras nações aconteceu de todas as formas: dominação política, cultural, comercial, econômica, etc.

Capítulo 2

A linguística de Humboldt

2.1. Humboldt em seu tempo

Wilhelm Karl von Humboldt nasceu em Potsdam em 1767 e morreu em Tegel em 1835. Entre os eventos importantes que viveu, estão a Revolução Francesa de 1789, as guerras napoleônicas e as guerras franco-prussianas. Presenciou os debates da constituinte francesa, logo após a Revolução Francesa. Participou da elaboração de uma constituição do governo prussiano e da fundação de várias universidades, dentre as quais a Universidade Livre de Berlim, cujo primeiro estatuto é de sua autoria. Sua obra pode ser dividida em duas fases: até 1818, quando deixa a vida política, e a partir de 1818, período que dedicou aos estudos linguísticos.

Idealista, tanto com relação aos assuntos de Estado quanto em relação a outros assuntos, Humboldt colocou no conteúdo de sua obra a essência do pensamento de seu tempo, ou seja, o idealismo estético. Humboldt conviveu com todos os importantes movimentos culturais literários da Prússia dessa época, quais sejam o *Sturm und Drang*, o Classicismo e o Romantismo.

Na primeira fase de sua obra, período em que se dedicou à política, principalmente à política de relações exteriores, Humboldt expressa o desejo de liberdade e modernidade que caracterizou os clássicos e os românticos da primeira fase. Os escritos políticos que redigiu, entre 1791 e 1800, são marcados por ideias de um Estado menos autoritário e um cidadão mais livre e protegido.

O contexto em que Humboldt viveu apresenta características bastantes singulares. A Prússia do período tinha duas classes sociais distintas: a classe aristocrática, à qual pertenciam os filósofos, e a outra, a classe dos cidadãos comuns, que vivia miseravelmente e que, na segunda metade do século, emigraria em grande número para as Américas.

Da Revolução Francesa brotaram as ideias de um Estado mais democrático. Na poesia, Schiller e Goethe criavam personagens à procura de um mundo ideal. Existiam ainda o Racionalismo de Christian Wolff, os discursos sobre a razão de Immanuel Kant e as ideias linguísticas de Herder, que muito influenciaram as pesquisas sobre a política e a linguagem na época. Do Oriente, China, Índia, etc., chegavam novas filosofias, trazidas para a Europa pelos colonizadores.

O sânscrito, língua da Índia antiga, era a prova de que havia um passado desconhecido, anterior às nações europeias e médio-orientais antigas. Afastava mais para o passado a interferência de Deus como o criador das línguas e reafirmava o homem como centro de seu destino. Isso cabia perfeitamente nos ideais românticos, despertando o que René Gérard chamou de "orientalomania romântica"⁷⁰ — uma quase obrigatoriedade, entre os estudiosos da linguagem do período, de se especializarem no conhecimento da língua e da filosofia indianas e, até mesmo, chinesas.

A história da Índia antiga levava os ocidentais a um passado até então nunca alcançado, desfazendo dogmas sobre suas origens e afastando a crença de ser o hebraico a única língua originária.

Humboldt argumentou ser improvável a descoberta, naquela época, de uma língua originária; para ele, provavelmente, as línguas da Antiguidade clássica teriam uma origem semelhante às línguas neolatinas.

Humboldt foi um homem envolvido nos assuntos de seu tempo. Seu trabalho está plenamente marcado pelos assuntos da cultura vigente, ou seja, o Nacionalismo, o Classicismo prussiano/alemão, o Romantismo, a política, a "orientalomania romântica", etc. Nesse contexto, aparecem muito fortemente a filosofia indiana, as perturbações morais e religiosas e a história e a língua nacional como modelos de representação da Pátria e do povo.

⁷⁰ *L'Orient et la pensée romantique allemande*. Paris, Didier, 1963.

O sânscrito é apresentado por Humboldt como a fórmula linguística a ser observada e "imitada": essa era a língua que, para ele, revelava do melhor modo o mundo para o homem e a que melhor o ajudava a pensar.

Seus conceitos estão sempre direcionados para a busca de uma perfeição estética para a vida individual. A língua é um modelo que pode ser aprimorado pelo indivíduo, desde que esse indivíduo se dedique ao aperfeiçoamento de si mesmo. A língua é o reflexo da perfeição da nação, e o discurso é o reflexo da perfeição do indivíduo. De qualquer forma, a perfeição estética, tanto na língua quanto no discurso, pode ser controlada pela dedicação individual na transformação para melhor do modelo existente.

2.2. A obra e o idealismo

*De entre todas las cosas que influyen sobre la lengua, la más versátil es el propio espíritu humano, y es de su viveza y actividad de donde la lengua recibe también la mayoría de sus transformaciones.*⁷¹

Humboldt se mostra diferente dos outros comparatistas na intenção de sua obra. Da mesma forma que todos os pensadores do período, ele estava profundamente preocupado em estabelecer a origem da linguagem. Particularmente, a obra de Humboldt se destaca das outras por pesquisar intencionalmente uma fórmula teórica que demonstrasse o processo de organização sistêmica da língua. Ele não fez comparações entre diversas línguas pura e simplesmente, mas tentou desenvolver a partir delas uma fórmula que expusesse o processo da organização linguística.

A sociedade em que Humboldt viveu começava a sair de um sistema político totalitário, centrado num poder hierárquico monarquista que durava muitos séculos. Esse poder que foi implantado na Idade Média tinha características muito singulares quanto à sua relação com o indivíduo e cidadão. A exploração praticada pela classe aristocrática manteve o povo na ignorância e na escravidão. Foi durante o século XVIII, com a evolução do Iluminismo, que o povo aos poucos tornou-se mais esclarecido e começou a cobrar um espaço para uma participação mais ativa e valorizada dentro da sociedade. O ponto alto dessa reação contra a desvalorização do indivíduo foi a Revolução Francesa.

⁷¹ Humboldt, *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano*, p. 303.

Dessa forma, durante o século XVIII, o poder centralizado num só indivíduo e aristocrático foi cada vez mais ameaçado. E o indivíduo comum não estava mais absolutamente à mercê das forças do rei ou da nobreza. A Revolução Francesa inaugurou um poder por representação, baseado no sufrágio masculino. Além disso, o poder que surgia era em grande medida orientado pela opinião popular, e as classes sociais tinham suas divisões ameaçadas e, finalmente, era possível transpor seus limites. Mesmo que em realidade essa transposição social fosse difícil de acontecer, ela já era possível.

Humboldt foi educado na segunda metade do século XVIII. Esses elementos de contestação do poder hierárquico e a ascensão e valorização dos sentimentos dos indivíduos foram marcas registradas de sua formação filosófica e moral. Essa marca estética está muito clara em seus *Escritos políticos*, nos quais defendeu abertamente a valorização do indivíduo e cidadão e o arrefecimento do controle estatal.

En cambio, en los estados modernos, aunque el hombre mismo se halle directamente sujeto a menos restricciones, vive rodeado por cosas que de por sí le cohiben, por cuya razón le es posible afrontar con fuerza interior la lucha contra esas trabas extremas. El solo carácter de las restricciones puestas a la libertad en nuestros estados indica que su intención tiende más a lo que el hombre posee que a lo que es y que, aun siendo así, no se limitan a ejercer, como los antiguos, aunque sólo fuese de un modo unilateral, la fuerza física, moral e intelectual, sino que im-ponen como leyes sus ideas concretas y sofocan la energía, que es como la fuente de toda virtud activa y la condición necesaria para que el hombre pueda desarrollarse, adquiriendo una cultura elevada y múltiple. Así pues, si en las naciones antiguas la mayor cantidad de fuerza contrarrestaba el defecto de la unilateralidad, en las modernas este defecto contribuye a acrecentar el de la falta de fuerza. Esta diferencia entre los antiguos y los modernos se evidencia en todas partes. En los últimos siglos, es la celeridad de los progresos conseguidos, la cantidad y la difusión de los inventos artificiosos y la grandiosidad de las obras realizadas lo que más atrae nuestra atención, pero en la Antigüedad nos atrae sobre todo la grandeza que desaparece siempre al desaparecer un hombre, el esplendor de la fantasía, la profundidad del espíritu, la fortaleza de la voluntad, la unidad de todo el ser humano, que es lo único que da verdadero valor al hombre. Era el hombre y eran, concretamente, su fuerza y su cultura, lo que ponía en

*movimiento toda actividad. En nuestras sociedades, en cambio, es, con harta frecuencia, un todo ideal que casi le hace a uno olvidarse de la existencia de los individuos; o, por lo menos, no es su ser interior, sino su quietud, su bienestar, su dicha. Los antiguos buscaban la felicidad en la virtud, mientras que los modernos se hallan ya demasiado acostumbrados a ejercer ésta de aquella.*⁷²

Falar em estética ou moral para o período significa a valorização dos elementos encontrados numa hipotética perfeição moral. Essa perfeição moral ou estética criou dois extremos para o modelo dos sentimentos dos seres humanos: o sensível e o estético. A forma esteticamente perfeita requeria o afastamento dos sentimentos de tudo aquilo que fosse moralmente condenável, ou que estivesse causando ou levando o ser humano a praticar atos que o aproximassem de uma condição animalésca. A fórmula ideal de ser devia ser conquistada por todos os seres que desejassem a perfeição estética. Na literatura esse plano ideal era representado por personagens que tinham em sua essência sentimentos mais puros, que tocavam um plano acima do terreno e mais próximo do divino.

Humboldt criou um modelo linguístico no qual o indivíduo, através do exercício do pensamento abstrato, pode alcançar planos de perfeição cada vez mais próximos do ideal estético para aquela situação linguística. Assim, a língua tem uma fórmula perfeita para vincular o pensamento abstrato de qualquer um de seus falantes nativos.

Perfeito, nesses casos, não é oposição a imperfeito. Todas as línguas apresentam a fórmula exata que o povo que a fala tem de capacidade de abstração intelectual: quanto mais perfeito for o pensamento abstrato, ou seja, o uso da inteligência por um povo, melhores recursos sua língua terá para ajudá-lo a pensar. É o pensamento do povo que aperfeiçoa a forma da língua. Por sua vez, a língua do povo favorece o desenvolvimento das ideias na medida da capacidade de língua que os indivíduos falantes têm no ato de produção do discurso. Então, quanto mais o indivíduo pensa, ou seja, exercita o pensamento, melhores recursos tem para pensar, uma vez que o pensamento é materializado em forma de linguagem e os recursos da língua se aperfeiçoam no indivíduo com o exercício. Dessa forma, numa cadeia de causa e consequência, do desenvolvimento do pensamento ocorre o desenvolvimento da língua, que, por sua vez, está à disposição do pensamento para ele se desenvolver.

⁷² Humboldt, *Escritos políticos*, pp. 92-93.

*Es mucho más sencillo concebir la existencia de la gramática en una lengua, que un gran desarrollo o una enorme variedad de matices en el sentido de las palabras: y por eso no debe extrañarnos encontrar en el estudio de las lenguas más elementares y menos cultivadas los nombres de todas las formas que hallaríamos también en las más perfectas.*⁷³

Todas as línguas são perfeitas, cada uma espelha na mais exata medida a força estético-moral e formal da cultura do povo que a fala. Por esse prisma, a língua é sempre perfeita, porque reflete na materialidade do discurso o pensamento do indivíduo. Mas, em ocorrendo evolução estético-moral e formal no contexto da nação ou no pensamento do indivíduo, a língua tem latente em sua estrutura todos os recursos necessários para satisfazer essas novas necessidades intelectuais. Ela está sempre pronta a se reorganizar e tem sempre recursos para se reorganizar e oferecer ao indivíduo os recursos que ele necessite.

*El lenguaje está profundamente imbricado en la evolución espiritual de la humanidad, a la cual acompaña en cada etapa de su progresar o decaer aquí y allá, y en él se reconoce el grado de cultura alcanzado en cada instante. Hay sin embargo una época de la cual tan sólo nos es dado contemplar el lenguaje, de modo que éste se nos presenta no como acompañante de la evolución espiritual sino ocupando su lugar. Pues el lenguaje nace de lo más profundo de la humanidad, y esto mismo prohíbe en todo tiempo y lugar tenerlo realmente por obra y creación de los pueblos. Le es propia una actividad que nace de él mismo, que se ofrece a nuestros ojos con toda evidencia, pero cuya esencia no admite explicación, de modo que, visto desde este lado, el lenguaje no es producto de la actividad del hombre sino una emanación espontánea del espíritu; no es obra de las naciones sino un don que les há sido otorgado por su próprio destino interior. Ellas se sirven de él sin saber cómo han llegado a darle forma.*⁷⁴

O indivíduo pode alcançar a perfeição linguística. Ele precisa se esmerar em praticar sempre do melhor modo possível a língua que fala e sempre o mais próximo possível do ideal linguístico desejável. Assim, o indivíduo através do exercício do pensamento abstrato pode

⁷³ Humboldt, *Sobre el origen de las formas gramaticales*, p. 10.

⁷⁴ Humboldt, *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano*, pp. 27-28.

galgar situações linguísticas sempre mais perfeitas. A perfeição, portanto, é de seu pensamento. É nesse sentido que toda língua é perfeita, porque ela é a exata medida do pensamento abstrato que a produziu. O indivíduo que pensa melhor pratica uma língua mais perfeita que os outros.

Quando se observa uma linguagem produzida por um indivíduo, pode-se ver em seu discurso sua personalidade. Seu discurso está sempre pleno de seus sentimentos, de suas angústias e de suas experiências individuais. Quanto mais a linguagem estiver circunscrita à razão individual de um ser, mais evidente ficam em seu discurso suas características espirituais.⁷⁵ Quanto mais universalizado o discurso, mais ele permite que o indivíduo produtor se afaste de suas experiências particulares e se aproxime das experiências coletivas.

As proporções de afastamento e aproximação que o indivíduo faz de si mesmo em seus discursos podem ser intencionais ou ocasionais. Um discurso em que o indivíduo queira evidenciar sua capacidade de dominar a linguagem que utiliza pode chegar aos limites mais profundos da individualização discursiva. Essa individualização do discurso pode torná-lo incoerente para uma grande parte da humanidade, se não para a humanidade inteira. Num discurso assim, mesmo aqueles indivíduos que seriam capazes de acessar essa inteligência só o conseguiriam por meio da análise, provavelmente fazendo uso de um talento também bastante individual.

Quando o discurso é ocasional, em geral, ele está vinculado aos sentimentos, que não estão profundamente amarrados pelas rédeas da inteligência. Nesse caso, pode-se pensar que a linguagem produzida no discurso tem um valor muito mais catártico que intelectual. Em geral, os discursos diários se encontram nesse nível.

Pode-se chegar a conclusões sobre o conjunto de elementos que nortearam a existência de uma vida através da verificação da forma da linguagem utilizada pelo indivíduo. Em geral, os elementos que norteiam as vidas estão caracterizados em todas elas. Desse modo, pode ser encontrada uma infinidade de relações entre os indivíduos, e mais semelhantes são suas linguagens e seus discursos quanto mais próximas no tempo e espaço suas existências tiverem estado.

⁷⁵ A palavra *espírito* e suas derivadas assumem, em Humboldt, sobretudo em sua obra linguística, um conceito que pode ser dito material, ou seja, o conceito para essa unidade sonora que está vinculada à existência humana significa inteligência e pensamento, e, às vezes, a energia vi-tal. Assim, o espírito da língua é uma forma materializada do comportamento linguístico nacional, reconhecível pelos seres humanos. O espírito é a energia que impulsiona a matéria. Sem ele não existe movimento ou vida na matéria, ou seja, quem tem vida é o espírito que atua na matéria. Humboldt concebe a língua composta desse modo: ela é uma energia viva que se materializa pelo discurso. Os seres humanos sabem de sua existência através do discurso. A língua em sua composição corresponde à composição dos seres humanos, que a fizeram segundo as regras da natureza em geral, da qual tudo que existe neste planeta é parte.

Por muy estrecha que deba ser la relación entre el análisis de la lengua, la búsqueda de sus lazos de unión con otras lenguas emparentadas y la explicación de su estructura — sólo asequible por esta vía — por un lado, y el tratamiento filológico de los monumentos literarios, por el otro, se trata, sin duda, de dos orientaciones diversas del estudio del lenguaje, que se apoyan en talentos diferentes y producen también inevitablemente resultados diferentes. Tal vez no fuese desacertado hacer una distinción entre Lingüística y Filología, reservando sólo para esta última el significado estricto que hasta ahora se le ha solido atribuir, pero que en los últimos años ha venido a extenderse, sobre todo en Francia e Inglaterra, a cualquier estudio de cualquier lengua. En todo caso, una cosa es cierta: que el tipo de estudio del lenguaje del que estamos hablando aquí ha de apoyarse necesariamente en un tratamiento filo-lógico, en el pleno sentido que acabamos de dar a este término, de los monumentos literarios.⁷⁶

É necessário falar na importância que Humboldt atribuía ao ensino da língua materna para o povo: quanto mais culto, ou melhor, quanto mais e bem o povo souber sua língua, mais capaz de criar-pensando⁷⁷ ele será. O desenvolvimento da língua, entre outras coisas, leva até os indivíduos o conhecimento dos detalhes culturais que compõem seu mundo e o mundo de todas as pessoas. Isso quer dizer não só conhecer, mas também entender e refazer aquilo que no contexto social não estiver bom — o que, pelo menos em tese, é muito bom.

É certo que, quanto mais o indivíduo estuda sua língua, mais recursos seu pensamento tem para ser desenvolvido e para desenvolver a própria língua. Isso vai além desse círculo, quando se pensa que tudo o que é materializado no universo das coisas foi antes materializado em forma de linguagem: o pensamento elabora uma ideia em forma de linguagem e para esse processo de ideação basta um único indivíduo; no momento, porém, em que ela já esteja formalizada como linguagem, outros indivíduos podem acessá-la, tornando possível que essa

⁷⁶ Humboldt, *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano*, p. 223.

⁷⁷ Processo de produção comum a todos os seres humanos. A afirmação desse processo de-monstra que tudo aquilo que for obra de um ser humano, antes de se tornar matéria, foi organizado em forma de linguagem; logo, a criação de qualquer objeto ou ideia acontece no pensamento através da linguagem. Desse modo, uma língua com recursos formais perfeitos favorece muito mais o pensamento de seus falantes do que uma que tem recursos limitados.

ideia seja transformada num objeto material. Deve ficar formalizado claramente que, uma vez produzida a ideia, ela tem vida própria, não sendo mais propriedade ou representação do indivíduo que a produziu, muito embora possa ser nela reconhecido o estilo ou a *personalidade estilística*⁷⁸ do indivíduo.

*El que ciertas naciones, favorecidas con dones más felices y viviendo bajo circunstancias más favorables, posean lenguajes de excelencia superior a los de otras, está en la naturaleza misma de la cosa. Pero también aquí nos vemos conducidos a esa causa más profunda que antes indicábamos. La producción del lenguaje constituye una necesidad interna de la humanidad; no es algo necesitado sólo externamente para el sostenimiento del trato en las comunidades, sino que forma parte de la naturaleza misma de los hombres, y es indispensable para el desarrollo de sus capacidades espirituales y para acceder a una concepción del mundo a la que el hombre sólo puede llegar en la medida en que va llevando su pensamiento hacia una mayor claridad y determinación, lo que es fruto del pensar en comunidad con los demás.*⁷⁹

Assim, a nação pode e deve agir no sentido de corrigir e aperfeiçoar a língua que seu povo pratica. Para isso, ela deve investir na evolução intelectual de seu povo: quanto melhor for a produção do pensamento estético de um povo, tanto melhor será a qualidade da língua praticada. Educar o povo, nesse sentido, é atuar em sua condição moral e intelectual, e a melhor forma de educar o povo é ensinando a ele sua língua materna.

En el interior del alma, en cambio, su resultado es la perfecta armonía entre la progresión de las ideas y la lengua que la acompaña. Siendo así que el pensar y el hablar perfeccionanse siempre el uno al outro, su correcto discurrir tiene sobre ambos el efecto de garantizar un progreso sin interrupción. En cuanto que la lengua es material, y depende al mismo tiempo de influencias exteriores, abandonada a sus solas fuerzas fácilmente pondría obstáculos a la acción que sobre ella ejerce la forma interior, o bien se deslizaría en sus formaciones hacia analogías propias sólo de ella, sin permitir una intervención realmente predominante de aquélla. Allí donde, por el contrario, está verdaderamente penetrada por una enérgica fuerza interior, y se siente

⁷⁸ Joaquim Mattoso Câmara Jr., *Contribuição à estilística portuguesa*, p. 13.

⁷⁹ Humboldt, *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano*, p. 32.

*soportada por ella, se alza con alegría y su misma independencia material le permite ejercer a su vez un efecto sobre esa fuerza. En este punto su naturaleza permanente, dotada de consistencia propia e independiente, se torna bienhechora, y como se advierte visiblemente en las lenguas dotadas de un organismo feliz, sirve de instrumento estimulante a las generaciones que brotan una y otra vez.*⁸⁰

A ação da nação, educando o povo, obterá resultados múltiplos quanto à perfeição da forma tipológica da língua-nacional.⁸¹ Forçando o aperfeiçoamento do pensamento abstrato no povo, esse esforço retornará à língua como aperfeiçoamento de suas formas gramaticais: quanto mais o pensamento age nas formas da língua, mais abstratas e cristalizadas elas ficarão, e retornarão ao pensamento como impulso para ajudá-lo a melhor pensar.

*El alma tiene que procurar tratar la palabra como un punto de apoyo para su actividad interna, antes que dejarse aprisionar entre sus fronteras. Pero lo que de este modo protege y rescata vuelve a añardírselo a la palabra, y de este incesante esfuerzo por salir y entrar en ella, si las fuerzas del espíritu gozan de vitalidad suficiente, nace un refinamiento de la lengua cada vez mayor, un enriquecimiento en contenidos que llevan la impronta del alma.*⁸²

O Romantismo criou inúmeros exemplos na literatura que demonstram que, na sociedade do início do século XIX, valorizava-se o indivíduo mais perfeito do ponto de vista moral e estético. Essa perfeição interna transcende do plano espiritual para o plano material. Essa relação faz que a beleza interna acabe por deixar bela a aparência física. Assim, a perfeição linguística no pensamento transparece no discurso. O pensamento perfeito gera um discurso perfeito. Essa explicação de Humboldt se encaixa perfeita-mente na fórmula cultural romântica de pensar.

Hemos llegado ahora al punto en el que reconocemos que en la formación primitiva de la especie humana las lenguas constituyen la primera etapa necesaria, única que capacita a las naciones para, a partir de ella, proseguir

⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 300.

⁸¹ Conjunto cultural organizado linguisticamente, no qual está incluído tudo o que compõe o território nacional. Ela está como um reflexo no espelho para o espírito-nacional.

⁸² Humboldt, *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano*, p. 132.

cualquier dirección humana de rango superior. Las lenguas crecen y forman a la par que la fuerza del espíritu, sometidas unas y outra a idénticas condiciones, y son al mismo tiempo el principio que da vida y estímulo a esa fuerza. Pero no es que idioma y fuerza del espíritu sigan cada uno su curso por separado, sino que ambos son por entero e individualmente la misma acción de la capacidad intelectual. En la medida en que, desde su interior, un pueblo con-fiere libertad al desarrollo de su idioma, en su condición de instrumento de toda actividad humana en su seno, busca y da alcance simultánea-mente a la cosa misma, esto es, a algo distinto y superior; y cuando alcança este objetivo por medio de la creación poética y de la intuición lucubrativa, ejerce a su vez nueva influencia sobre el idioma. Si hasta a los más primitivos, rudos e incultos intentos del empeño intelectual les concedemos el nombre de literatura, diremos que el lenguaje sigue siem-pre el mismo paso que ella, y que ambos viven en la más estrecha unión. La peculiaridad espiritual y la conformatión lingüística de un pueblo están tan estrechamente fundidas la una con la outra que, si estuviese dada la una, la outra debería poder derivarse íntegramente de ella. Pues la intelectualidad y el lenguaje sólo permiten y alientam formas que respondan a una y outro. El lenguaje es, puede decirse, la manifestación externa del espíritu, y su espíritu es su lengua: nunca los pensaremos suficientemente idénticos.⁸³

Essa busca pelo ideal estético da fórmula lingüística praticada em discurso, inspirada na cultura romântica, está por toda a obra de Humboldt. Ela encontra base não só no valorização dos sentimentos e pensamentos do indivíduo, derivada da reação contra o despotismo estatal, como também na própria evolução dos indivíduos durante o Iluminismo. Assim, a sociedade por fim reconhecia a força do pensamento e dos sentimentos individuais.

É importante pensar no papel que a nação tinha para Humboldt. Evidentemente, o conceito de nação que Humboldt transmitiu, estava profundamente arraigado nos sentimentos prussianos: clássico e romântico. A fórmula idealizada do conceito de língua é sempre reflexo ou sempre reflete a forma idealizada do conceito de nação. Na verdade, a perfeição da língua de uma nação é sempre reflexo da perfeição do pensamento abstrato nessa nação.

A nação é um grupo coeso de interesses. Todos os indivíduos que participam de qualquer uma de suas partes estarão interessados em assuntos nacionais que dizem respeito a

⁸³ *Idem, ibidem*, pp. 59-60.

todos. Esse conjunto de interesses é regido principalmente pelo amor à Pátria e é estabelecido basicamente pela língua-nacional. Em qualquer parte da nação em que o indivíduo more, ele se sentirá irmão de qualquer indivíduo que more em qualquer parte da nação. Os indivíduos, dentro de uma nação, vivem, muitas vezes, muito mais distanciados espacialmente do que em relação a indivíduos de outras nações. No entanto, a distância espacial nada significa quando se trata do amor à Pátria.

Esse fenômeno da identificação ou do afastamento entre os indivíduos é estabelecido através da língua, único armazém cultural que os seres humanos possuem. A língua reflete tudo aquilo que a nação é, foi ou será. Ela torna a nação possível: não poderia existir uma nação sem uma língua-nacional, porque a língua reflete o espírito do povo (*espírito-nacional*) e o espírito do povo está inteiramente espalhado pela língua. Língua e espírito-nacional são a mesma coisa. Em ocorrendo uma mudança qualquer, em qualquer parte do espírito-nacional, a língua imediatamente a assimilará, porque nada é pensável sem a língua. Então, por meio da língua é criado o espírito-nacional, que possibilita a existência da língua. Ela é o reflexo do espírito-nacional, e é parte integrante e inalienável dele, porém, ele só é possível através dela.

Desse modo, dentro de uma nação, mesmo que existam milhares de grupos, eles só existirão se o espírito-nacional, do qual fazem parte, os aceitar. Qualquer elemento que destoar dos elementos aceitos nacionalmente como regra tenderá a ser eliminado. Então, qualquer grupo que exista na nação fala a língua da nação; qualquer indivíduo, cidadão dessa nação, poderá fazer parte desse grupo, ou melhor, qualquer indivíduo falante da língua-nacional, conhecedor do espírito-nacional, poderá compor qualquer grupo da nação.

Las leyes mencionadas no son, pues, sino las vías por las que discurre la actividad del espíritu al crear lenguaje; o recurriendo a un símil distinto, son los moldes con los que esta actividad imprime su forma a los sonidos. No hay fuerza alguna del alma que no intervenga en nesto; nada hay en el interior del hombre que sea tan profundo, tan sutil, tan abarcante que no pase al lenguaje y no se haga reconocible en él. Por eso la excelencia intelectual de una lengua depende del grado de orden, fimeza y claridad de la organización espiritual de cada pueblo en el tiempo de su formación o transformación; la lengua misma es imagen y expresión inmediata de ello.⁸⁴

De outro lado, el lenguaje es el órgano del ser interior, o es este ser mismo tal como poco a poco va abriéndose paso al conocimiento interno y a su

⁸⁴ *Idem, ibidem*, pp. 116-117.

*manifestación. Las más finas fibras de sus raíces se hunden, pues, en la fuerza espiritual de la nación, y cuanto más apropiadamente revierte ésta en el lenguaje, más regular y rico será su desenvolvimiento. Y como la trabada urdimbre del idioma no es sino efecto del sentido lingüístico de la nación, las cuestiones que conciernen a la conformación de la vida íntima de las lenguas, y de las cuales toma su origen lo más abultado de sus diferencias, no hallan respuesta rigurosa si no se asciende hasta esta consideración.*⁸⁵

Por outro lado, a sociedade funciona como um organismo com independência espiritual, todas as instituições nacionais, inclusive e principalmente a língua, apresentam uma independência que é característica somente nos seres animados. A língua, assim, apresenta uma forma interna e uma externa. Ela é reflexo do espírito-nacional: todos os sentimentos, crenças, valores, etc., que caracterizam o espaço cultural, geográfico e físico em geral, estão representados na língua. Dessa forma, se a língua é o desenvolvimento lingüístico materializado do espírito do povo, o discurso do indivíduo é a forma externa de sua forma lingüística interna. Seu discurso reflete seu estado espiritual. A valorização da forma individualizada, derivada da valorização do indivíduo, atinge todos os conceitos de Humboldt. Por esse ângulo, encontra-se em sua obra uma íntima relação entre a vida do ser humano e a forma da língua, da nação, etc.: tudo tem uma forma espiritual ou intelectual e uma forma materializada ou física.

Como el lenguaje, se lo mire desde el lado que se lo mire, es siempre la emanación espiritual de una vida nacionalmente individual, ambos caracteres habrán también de hallarse en él. Por mucho que nos obstinemos en aplicarle esto o aquello, en tomarlo por encarnación de tal o cual cosa, en individualizar y descomponer dentro de él, siempre quedará un resto desconocido, y este residuo que escape y se sustrae a toda manipulación es justamente lo que hace que la lengua sea una unidad y el hálito de un ser vivo. Así las cosas, la exposición de la forma de una lengua cualquiera en el sentido aquí indicado nunca se logrará por entero, sino sólo cada vez en una cierta medida, aunque de seguro bastará para facilitar la visión del conjunto. Esto no significa, sin embargo, que el concepto expuesto aquí no obligue al investigador a seguir una determinada vía a la hora de rastrear los secretos de

⁸⁵ *Idem, ibidem*, pp. 24-25.

*una lengua y de poner de manifiesto su esencia. Si no se atiende a ella, deberá inevitablemente descuidar muchos aspectos de la investigación, dejar inexplicadas muchas cosas que son explicables, y tener por aislado lo que forma parte de un nexo vivo.*⁸⁶

Assim, na sociedade que Humboldt viveu, o modelo a ser seguido era de valorização da forma subjetiva de ser. Dessa forma, os valores da razão sempre estarão circunscritos aos limites da preservação dos valores individuais. Mesmo sabendo que a sociedade castigava o povo, os pensadores românticos acreditavam num modelo divino perfeito para tudo e lutavam para que esse modelo alcançasse a realidade terrena.

Os conceitos linguísticos de Humboldt e também os políticos demonstram a relação da perfeição idealizada e hipotética com a forma concreta e deficiente da realidade. Ele incentivava a busca da perfeição estatal e da perfeição linguística. É esse modelo linguístico, que está na mente dos indivíduos, que Humboldt queria explicar, certamente para ensinar.

*Sin embargo las individualidades inmersas en una misma nación quedan escerradas en una uniformidad nacional que es responsable de que cada manera de sentir dentro de elle difiera de su homóloga en un pueblo distinto. De esta uniformidad, así como de la manera como cada lengua estimula a sus hablantes, es de donde nace el carácter de una lengua. Cada lengua recibe de la peculiaridad de su nación su propia impronta, y actúa a su vez uniformemente sobre la nación determinándola. Es verdad que el carácter nacional es sostenido y aun reforzado por la comunidad de asentamiento y actuación; en un cierto sentido incluso podría afirmarse que es de ahí de donde nace. Pero en su sentido más genuino reposa sobre la identidad de una disposición natural que acostumbra a explicarse como detida a la comunidad de procedencia.*⁸⁷

⁸⁶ *Idem, ibidem*, p. 68.

⁸⁷ *Idem, ibidem*, p. 219.

Capítulo 3

Os estudos de Whitney: *La Vie du langage*

3.1. Whitney em seu tempo

William Dwight Whitney nasceu em Northampton, Mass., a 9 de fevereiro de 1826. Filho do banqueiro Josiah Dwight Whitney e de Sarah Williston Whitney, foi o terceiro filho que sobreviveu. Aos quinze anos, em 1842, iniciou o curso universitário no Williams College. Terminou a graduação em 1845 e permaneceu três anos trabalhando no banco de seu pai como caixa. Duas atividades ocupavam seu tempo livre: o estudo de línguas estrangeiras e o interesse pela história natural.



O auge da carreira de Whitney poderia ser apontado como o período de publicação do texto *The Life and Growth of Language* (1875) — [*La Vie du langage*], inicialmente escrito e publicado em inglês, e vertido pelo próprio autor para o francês. O livro parece ter alcançado grande sucesso, pois, no mesmo ano, foi traduzido para o alemão e o italiano.

Whitney é considerado um neogramático, e sua obra está envolvida pelos elementos da segunda metade do século XIX. Seu texto discute e demonstra as dificuldades que o Professor Whitney enfrentava em seu dia-a-dia. Suas pesquisas se relacionavam com a necessidade de

compreender o processo de aprendizagem e os mecanismos que podem ser usados para compreender e até controlar a aprendizagem das línguas por parte das crianças.

É preciso fazer ainda algumas comparações entre as diversas fases da Era Romântica para que se possa entender em que medida a obra de Whitney representa seu tempo. Na segunda metade do século XIX, o que estava em primeiro plano eram os elementos da realidade social, aqueles ligados aos problemas da sobrevivência da sociedade. Assim, todo sentido científico, político e econômico existia em função de melhorar a vida do homem em sociedade.

Entre a primeira metade do século e a segunda, tomando a literatura como exemplo, o que se tem é que os temas da primeira metade, chamada Romantismo, são discussões espirituais relacionadas ao bem-estar moral do homem no mundo. Na segunda metade, chamada de Realismo/Naturalismo, os temas são de discussão do bem-estar físico do homem no mundo. Portanto, na segunda metade do século, dentro daquela realidade complexa, por ser urbana e industrial, as dificuldades dos homens estavam sempre relacionadas à vida em coletividade, ou seja, problemas exteriores, que os atingiam de fora para dentro, como necessidades básicas.

Estreitando o horizonte das personagens e da sua interação nos limites de uma factualidade que a ciência reduz às categorias, o romancista acaba recorrendo com alta frequência ao tipo e à situação típica: ambos, enquanto sínteses do normal e do inteligível, prestam-se docilmente a compor o romance que se deseja imune a tentações da fantasia. E de fato, a configuração do típico foi uma conquista do Realismo, um progresso da consciência estética em face do arbítrio a que o subjetivismo levava o escritor romântico a quem nada impedia de engendrar criaturas exóticas e enredos inverossímeis.⁸⁸

Nesse momento a ciência buscava soluções para os malefícios do viver em grandes concentrações humanas. A obra de Whitney se encaixa nesse ponto, na busca da solução para o processo de aprendizagem linguística — na verdade, uma tentativa de melhorar a eficiência do ato de ensinar.

Quando se olha para os estudos sobre a linguagem realizados pelos comparatistas e neogramáticos, pode-se ver que os temas do final do século ainda eram a origem da linguagem e o indo-europeu. O sânscrito ainda era estudado por muitos linguistas, a exemplo de Whitney

⁸⁸ Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira*, p. 189.

e Saussure, mas esses estudos tinham, evidentemente, motivações práticas. Não havia mais a definição idealista do modelo perfeito de linguagem, mas uma procura pela explicação do processo básico de existência da linguagem e da língua enquanto veículo de comunicação social.

O que é evidente na evolução do homem durante o século XIX é que ele partiu de uma discussão dos elementos espirituais e morais, ligados à emoção, e chegou, no final do século, a discutir sua existência social no mundo, até mesmo do ponto de vista espiritual, moral e emotivo – tanto como afirmação quanto como negação do sistema. Assim, a discussão no final do século era baseada na ação exclusiva da razão. Desse modo, ao longo do século XIX, os elementos abstratos e concretos do mundo foram cada vez mais dominados pela racionalidade.

3.2. A lei do menor esforço⁸⁹

Whitney viveu numa sociedade que estava em pleno processo de formação. Como todos os países das Américas, apesar de ter sido o primeiro, os Estados Unidos também tiveram seu caráter social, político e linguístico formado no século XIX. Porém, por mais distantes ou isoladas que as Américas estivessem da Europa, o movimento sociocultural seguia os mesmos modismos. As diferenças, entretanto, existiam e estavam ligadas à composição da população. Um contingente enorme de imigrantes chegava de todas as partes do mundo às novas terras.

Essa massa de novos habitantes falava as mais diversas línguas. Com eles traziam o que sabiam, mas, como todos os novos países, nos Estados Unidos tudo estava por ser feito, inclusive a cultura. Dessa forma, por mais resistente que tenha sido a língua oficial, ela certamente assimilou elementos culturais novos e assumiu modificações causadas pela ação de pronúncias vacilantes. Desse modo, foi criada uma imensa variação de sotaques.

Na chegada do imigrante, no esforço de aprender o novo idioma, a tendência dessa massa de falantes, devido às dificuldades em assimilar tanta informação rapidamente, é reduzir a um número mínimo possível as formas que devem ser usadas. É assim que, nos tempos verbais, os aspectos mais complexos tendem a ser substituídos por formas mais comuns e mais frequentes.

⁸⁹ Implica que todo o processo de transformação realizado pelos seres humanos constitui uma tentativa de diminuir o esforço dispendido para a realização dos atos.

Whitney era professor de inglês para nativos de língua inglesa. Dessa situação ele tirou a metodologia que aplicaria no desenvolvimento de suas pesquisas. Todo o seu trabalho foi baseado na observação empírica do desenvolvimento do processo linguístico. Seu objetivo ao fazer as pesquisas é que eram extremamente práticos e racionais. Apesar das críticas que Saussure faria quanto à metodologia de seu trabalho, Whitney desenvolveu uma pesquisa interessada em resolver problemas que o afligiam em seu dia-a-dia. Ele vivia num país onde as circunstâncias educacionais eram bem mais precárias que as europeias.

L'objet de ce livre est donc de tracer et d'appuyer par des exemples les principes de la science linguistique, et d'établir les résultats obtenus d'une façon aussi complète que le permettra l'espace dont nous disposons. Le sujet n'est pas encore assez élucidé pour qu'il ne contienne pas plusieurs points controversés; mais nous nous abstenons, quant à nous, d'entrer dans la controverse directe et nous tâcherons de résumer les opinions de façon à en faire un tout cohérent et acceptable dans les conclusions. Nous ne perdrons surtout jamais de vue que dans la série de traités à laquelle appartient cet ouvrage, la clarté et la simplicité sont des qualités nécessaires. En cherchant les points de départ dans des vérités familières, et les exemples dans des faits bien connus, nous espérons atteindre le but. Les faits primitifs du langage sont à la portée de tous et surtout de tous ceux qui ont étudié une autre langue que la leur propre. Diriger l'intelligente attention du lecteur vers les points essentiels, lui montrer le général dans le particulier, le fondamental dans le superficiel en matière de connaissances communes, est, croyons-nous, une méthode d'enseignement qui ne saurait porter que de bons fruits.⁹⁰

Dessa realidade social, de certa forma linguisticamente caótica, Whitney tirou exemplos: muitos imigrantes de diferentes origens linguísticas, negros escravizados na África com diversas origens linguísticas e nativos indígenas, de muitas tribos, cada qual com uma língua diferente.

Essa realidade social também serviu a Whitney como espaço de observação para explicar o processo de importação de palavras. Ele explicou casos muito frequentes em inovações culturais, em que palavras estrangeiras são importadas; situações em que uma ação qualquer resultou na criação de uma nova forma para uma mesma ideia. Nesses casos,

⁹⁰ Whitney, *La Vie du langage*, p. 5.

argumentou Whitney, pode ser que ambas as formas sobrevivam e pode ser que uma supere a outra. Desse modo, palavras que pertenciam à tradição linguística local dão seus lugares para formas que são novas naquele contexto.

Essa maneira de mudança nas línguas, a importação, não é a única forma de criação de sinônimos. Pode ocorrer que um termo não mais seja exato para o novo objeto e uma nova forma seja necessária para o que está sendo descrito no contexto da língua. Esses casos são comuns nas inovações tecnológicas, sobretudo quando a evolução da tecnologia é muito acelerada, colocando dois objetos, derivados um do outro, concomitantemente na sociedade, obrigando a uma distinção entre ambos.

Evidentemente, todas as línguas modernas da Europa têm inúmeros exemplos de palavras importadas. Em qualquer uma delas pode-se encontrar casos de importação por razões de inovação tecnológica, por fato social novo, pela entrada na cultura de um objeto desconhecido e derivado de outras terras e outros climas, etc. Whitney se encontrava numa situação peculiar para observar esses fenômenos: o inglês em seu país, além de trazer toda a tradição da colonização inglesa, estava passando por uma peculiar adaptação nos Estados Unidos. São das observações que Whitney fez em Massachussetts, nos Estados Unidos, da mistura de culturas, que caracterizam os países americanos, de onde ele tirou suas conclusões sobre o processo de importação pela língua e da adaptação de termos estrangeiros no novo contexto linguístico.

Commençons par l'adjonction des mots empruntés aux langues étrangères comme étant le procédé le plus externe. L'emprunt est, plus ou moins, le moyen commun de s'enrichir que toutes les langues ont employé. Il n'y a point de dialecte dans le monde qui n'ait pris quelque chose au dialecte voisin. Ce qu'on acquiert le plus aisément par cette voie, ce sont les substantifs qui désignent les institutions et les productions étrangères, auxquelles nous jugeons convenable, quand nous les adoptons ou les introduisons chez nous, de laisser les noms que leur avaient donnés les premiers possesseurs. Ainsi, banane est un fruit tropical et un nom tropical; presque toutes les nations de l'Europe ont conservé le nom d'ananas au fruit que, par une dérogation à la règle générale, les Anglais appellent pineapple, et l'institution du tabou, qui appartient à la Polynésie, est connue sous ce nom dans plus d'une langue d'Europe. Une langue comme la langue anglaise, qui est celle d'un peuple mêlé à toutes les nations du monde et dont la civilisation a fait à toutes des

*emprunts, a d'assimiler des mots appartenant aux langues les plus diverses.*⁹¹

Whitney explicou as causas e os motivos da importação de termos. O recurso do empréstimo acontece por muitas razões, mas é necessário na língua de povos em que o desenvolvimento intelectual não foi plenamente atingido. Num determinado momento, esse povo passa por uma transformação em seu nível de exigência intelectual e sua língua não oferece os recursos necessários. Então, se um povo não alcançou ou não exigiu de si o desenvolvimento intelectual e muda de atitude numa determinada época, o natural desenvolvimento da arte e da ciência a partir dessa mudança cria uma necessidade de novos termos, exigindo soluções do pensamento. Invariavelmente, o recurso é a importação de termos apropriados de línguas que os possuam.

Parece ser natural no comportamento linguístico que, na falta de termos técnicos adequados para determinadas necessidades, que não podem ser derivados na própria língua, os povos os busquem onde eles existam.

Assim, segundo Whitney, são muito comuns os empréstimos de termos técnicos, que muito pouco afetam a vida dos falantes comuns; quando, entretanto, eles são popularizados, recebem o mesmo tratamento das palavras da própria língua. Verbos muito raramente são emprestados, porque são de difícil emprego e aprendizado. Prefixos e sufixos também são difíceis de serem emprestados, porque são formas relacionadas à organização gramatical da língua; do mesmo modo e pelas mesmas razões, também as declinações. Nunca, ou muito raramente, modelos gramaticais são acrescentados por empréstimo de uma língua para outra. Logo, por mais palavras estrangeiras que uma língua possa ter, ela continua fiel a sua forma gramatical original.

Quanto ao elemento da forma gramatical, Whitney conhecia dos comparatistas as explicações do modo como a língua recebe os acréscimos linguísticos e como ela adapta as inovações às suas estruturas e tipologia. Nada que seja diferente da forma original da língua é aceito por ela. Os mecanismos da língua possuem uma exata regularidade, de forma que o que foge a essa regularidade é eliminado do contexto.

Humboldt e os comparatistas explicaram muito bem as possibilidades tipológicas das línguas da Terra. Dessa forma, como Whitney estudou profundamente a obra de Humboldt e de outros comparatistas, tinha um campo linguístico único para ser estudado à sua

⁹¹ *Idem, ibidem*, p. 96.

disposição: línguas flexionais europeias e isolantes orientais, que chegavam ao seu país com os imigrantes, e línguas incorporativas, faladas pelos indígenas nativos.

Mas o comparatismo já ia longe e Whitney, diferentemente dos europeus, não podia estar preocupado com a *origem* de sua língua. Apesar de ter sido educado à maneira dos europeus, ter estudado sânscrito como todos os europeus, ter estudado na Alemanha e ter sido aluno de Franz Bopp, o comparatismo e a preocupação em determinar a origem das línguas não podiam ser preocupação nesse americano que via seu país dividido numa luta entre Norte e Sul. Seu interesse estava ligado às necessidades práticas do professor Whitney.

É por essas circunstâncias — variadas formas linguísticas, cultura particularmente em formação, ser professor de gramática — que Whitney desenvolveu pesquisas sobre temas como modificações nas formas e nas palavras das línguas, o processo do aprendizado da língua na criança, o processo de aprendizado de uma língua estrangeira.

1° Altérations des vieux éléments du langage; changement dans les mots, qui sont conservés comme substance de l'expression, et changement de deux manières: d'abord, changement de son articulé; ensuite, changement de signification: les deux, comme nous le verrons, pouvant se produire ensemble ou séparément.

2° Destruction des vieux éléments du langage; disparition de ce qui a été en usage et cela de deux manières aussi: d'abord, perte de mots entiers; ensuite, perte des formes grammaticales et des distinctions.

3° Production d'éléments nouveaux; additions aux vieux éléments d'une langue à l'aide de noms nouveaux ou de nouvelles formes; expansion extérieure des ressources de l'expression.

Cette classification est évidemment complète. Il n'y a point de changement possible qui ne tombe sous l'une de ces trois dénominations et n'appartienne à l'une de ces trois classes.⁹²

É importante verificar que Whitney conceituou a língua como uma instituição concreta, como qualquer outra existente na sociedade e, por isso, ela deve e pode ser aprendida do mesmo modo que qualquer uma dessas instituições. Por ser igual às outras instituições, a língua também é transmitida de uma geração para outra.

⁹² *Idem, ibidem*, pp. 36-37.

Whitney escreveu que o indivíduo aprende sua língua quando recebe os signos articulados, que a compõem, daqueles que o cercam e, a partir desse ponto, formula suas próprias concepções de uma maneira concordante com esses signos. É assim que as línguas sobrevivem: se o processo de transmissão for interrompido, a língua morre.

Nous avons vu dans le chapitre précédent que l'individu apprend sa langue en recevant les signes articulés dont elle se compose de ceux que l'entourent et en formulant ses conceptions d'une manière concordante avec ces signes. C'est par là que les langues subsistent. Si ce précédé de transmission prenait fin, les langues disparaîtraient.

Mais ce n'est là qu'un des côtés de la vie du langage. S'il n'y en avait point d'autres, chaque dialecte parlé demeurerait éternellement le même. Chaque des deux influences qui s'exercent sur les langues se maintient à peu près la même. C'est ce qui conserve la caractère d'identité générale du discours aussi longtemps que la société à laquelle ce discours appartient conserve elle-même son identité, abstraction faite des grandes révolutions politiques qui conduisent quelquefois un peuple entier à adopter la langue d'un autre peuple. Ceci est la grande force de conservation que se montre dans l'histoire des langues. Si aucune force contraire n'intervenait, les hommes continueraient jusqu'à la dernière génération à parler exactement de la même manière.⁹³

Para o linguista, a transmissão da língua é caracterizada pela conservação eterna, se nenhum elemento externo interferir nesse processo de transmissão, o idioma permanecerá sempre o mesmo. É dessa maneira que as sociedades conservam suas identidades de modo intacto por longos períodos.

O mesmo Whitney afirmou que não é exatamente assim. A língua está diretamente relacionada a movimento: caracteriza-se por estar em constante formação.

On sait pourtant que les choses ne se passent pas ainsi. Toute langue vivante est en voie de formation et de changement continuel. En quelque lieu du monde que nous allions, si nous trouvons à côté de la langue en usage des monuments de la même langue remontant à une époque antérieure, les

⁹³ *Idem, ibidem*, p. 26.

*différences entre l'idiome actuel et l'idiome passé seront d'autant plus grandes que ses monuments seront plus anciens.*⁹⁴

O que se pode concluir é que existe uma resistência de conservação no contexto linguístico, mas os indivíduos sempre agem no sentido de adaptar sua língua a suas necessidades, provocando mudanças. Então, nas sociedades em que os indivíduos permaneçam muito fechados, as mudanças tendem a ser lentas; por outro lado, naquelas que interagem com muitos povos com muita frequência, elas se modificam mais.

*Et pourtant, malgré toutes ces variétés, la langue est une; elle est une, parce que bien que ceux qui la parlent puissent ne pas se comprendre sur certains sujets, il en est d'autres, plus familiers et d'intérêt commun, sur lesquels ils peuvent échanger leur pensée. Comme l'objet direct du langage est la communication de la pensée, la possibilité de cette communication fait l'unité d'une langue. Personne ne saurait donner une définition abstraite du mot langue, parce qu'une langue est une grande institution concrète, un corps d'usages qui prévaut dans un lieu et dans un temps donné, et tout ce qu'on peut faire, c'est de montrer et de décrire ces usages. Vous les trouverez dans les grammaires, dans les dictionnaires et aussi dans les habitudes du langage que ni grammaire ni dictionnaire ne peuvent donner, et vous pouvez tracer les limites géographiques dans lesquelles il sont établis avec toutes leurs variétés.*⁹⁵

Valendo-se da observação dessas circunstâncias socioculturais, Whitney separou a língua da linguagem. O indivíduo tem uma capacidade linguística que carrega consigo, e ele aprenderá uma língua todas as vezes que essa capacidade for posta em movimento. Assim, o aprendizado linguístico é igual a qualquer outro, é feito pela experimentação. Essa experimentação poder ser realizada de diversos modos: pelo processo didático escolar, pela convivência com outros falantes, etc. — mas sempre por um processo de transmissão do conhecimento de um falante mais experiente para um menos experiente.

De plus, le langage est le privilège exclusif de l'homme. Il est vrai que les animaux inférieurs ont aussi des moyens d'expression suffisants pour les

⁹⁴ *Idem, ibidem*, p. 27.

⁹⁵ *Idem, ibidem*, p. 130.

besoins restreints de leurs rapports entre eux. L'aboïement du chien, son hurlement, ont des significations différentes et même graduées; la poule exprime par son chant la jouissance paisible de la vie, par son gloussement, l'agitation, l'alarme; elle a un cri particulier pour avertir ses poussins du danger, et ainsi de suite; mais le langage des animaux n'est pas seulement inférieur à celui de l'homme, il en est si essentiellement différent qu'on ne peut guère donner à l'un et à l'autre le même nom. Le langage proprement dit est un des caractères fondamentaux de la nature humaine, une de ses facultés principales.⁹⁶

Nous avons vu dans le chapitre précédent que l'individu apprend sa langue en recevant les signes articulés dont elle se compose de ceux que l'entourent et en formulant ses conceptions d'une manière concordante avec ces signes. C'est par là que les langues subsistent. Si ce procédé de transmission prenait fin, les langues disparaîtraient.⁹⁷

Le langage est, en somme, la manifestation la plus évidente des hautes facultés de l'homme, celle que influe le plus sur les autres, et c'est cet ensemble de hautes facultés que l'on appelle vaguement la raison.⁹⁸

A sociedade em que Whitney viveu estava em franco processo de industrialização. Assim, é evidente que, no contexto, a ciência se esmerava em criar elementos que resolvessem os problemas derivados da industrialização e que ajudassem no processo de evolução dessa indústria. Se era cobrada do cientista uma atitude racional com vistas a resolver as dificuldades da indústria nascente, certamente todos os cientistas, mesmo aqueles que estivessem fora do eixo da indústria, como Whitney, fossem contaminaados pela ideia de ser racional e explicar tudo que se apresentava no contexto social a partir da realidade concreta. Não havia razão para afirmar que “a linguagem trazia elementos espirituais inexplicáveis”, como afirmou Humboldt. Em se tomando o contexto cultural modernizado e racional como parâmetro para observação dessa afirmação, certamente ela fica parecendo profundamente ridícula e fantasiosa.

Mas não se deve esquecer que Whitney tinha a sua disposição todos os estudos dos comparatistas e que, ao tempo da publicação de *The Life and Growth of Language* (1875), a neogramática já era há muito tempo a principal corrente de estudos linguísticos. Além de

⁹⁶ *Idem, ibidem*, pp. 2-3.

⁹⁷ *Idem, ibidem*, p. 26.

⁹⁸ *Idem, ibidem*, p. 250.

poder conhecer a obra dos comparatistas, Whitney tinha a seu dispor os avanços da neogramática: uma visão prática da ciência da linguagem e uma metodologia voltada para a forma materializada da língua.

Whitney não tinha dúvidas: o estudioso da linguagem, ou a Linguística enquanto ciência, tinha seu papel determinado pelo espaço que era destinado a ele dentro da sociedade. Enquanto ciência, e uma vez sendo ciência, a Linguística recebeu uma incumbência social, ou seja, a sociedade já instituíra o papel que essa força deveria desempenhar em seu seio.

Verificando o projeto de estudo de Whitney, descobre-se que cabia à Linguística estudar toda a linguagem. Porém, “toda a linguagem” significava não só a expressão do pensamento, mas também os elementos constituintes e a organização sintática, isto é, estudar a forma e o conceito.

Durante o estudo dessa constituição básica da forma e do conceito, a Linguística deve perguntar sobre a origem e a causa das variedades ou diversidade de linguagem, levando em consideração a relação que a linguagem tem com o pensamento, já que são estruturas completamente imbricadas uma na outra. Mas, se existe uma relação entre o pensamento e a linguagem, esse fato teve ou tem uma origem. Logo, essa origem também deve ser uma preocupação dos linguistas.

Em síntese, Whitney concebeu a linguagem em dois planos: um passado e um presente, que são complementares. Se a linguagem tem um passado e um presente, cabe à Linguística estudar e, sendo possível, determinar qual o alcance desse passado e desse presente. A língua é parte da sociedade, a função social e a razão de sua existência nessa sociedade devem, então, ser parte do estudo que a Linguística deve fazer.

De modo indireto, a Linguística tem a incumbência de estudar o progresso da humanidade, ou seja, o progresso da história das raças e as relações entre essas raças, bem como os movimentos que a humanidade realiza através de suas migrações. Logicamente, pode-se perceber que Whitney falava um pouco consigo mesmo nessas afirmações e um pouco com seus contemporâneos e sucessores.

Assim, o objeto de estudo da Linguística é a história da linguagem, desde seu limite mais remoto no passado, com todas as relações com qualquer fator das sociedades e com o indivíduo, mais sua forma e seu uso no presente.

Il n'est pas un homme réfléchi qui ait pu dans aucun temps méconnaître l'immense intérêt qui s'attache à de semblables problèmes, et pas un philosophe qui n'en ait plus ou moins cherché la solution. Cependant les

*progrès faits dans ce sens par l'esprit humain ont été pendant longtemps si faibles qu'on peut dire que la linguistique est une science moderne comme la géologie et la chimie, et, comme elles, appartient au dix-neuvième siècle. L'histoire de la science linguistique n'entre pas dans notre sujet. Nous ne pourrions, dans le cadre étroit de ce volume, lui donner une place suffisante et les quelques mots que nous devons en dire se trouveront dans le dernier chapitre. A peine née, la science du langage est déjà un des grands points de départ de la critique moderne. Elle est aussi large dans sa base, aussi définie dans son objet, aussi sévère dans sa méthode, aussi féconde dans ses résultats que n'importe quelle autre science.*⁹⁹

Desse ponto de vista para o estudo da linguagem, Whitney estava numa singular situação cultural. Os imigrantes tendiam a simplificar o uso da língua para facilitar seu aprendizado. A industrialização exigia atitudes simples, eficientes e, principalmente, rápidas. E a sociedade urbanizada desenvolvia uma cultura prática e uma vida cara e fatigante. Nesse contexto, economizar esforço parece ser a tônica de tudo que estiver compondo a sociedade. Simplificar para ser eficiente; simplificar e continuar sendo eficiente — esta devia ser a fórmula mais frequente no pensamento do indivíduo.

Whitney explicou todas as mudanças linguísticas pela lei do menor esforço. O indivíduo exercita sua língua no sentido de a aperfeiçoar. A perfeição linguística encontra razão de ser nas formas abstratas e simples e que se caracterizam por ficarem cada vez menores. Essa tendência linguística certamente sempre existiu, mas é evidente que, em sociedades isoladas, a evolução linguística é muito mais lenta. Logo, a lei do menor esforço, Whitney a inferiu do comportamento linguístico humano nesse contexto com tantos imigrantes, ainda inspirado no contexto socioeconômico da industrialização.

Le caractère de la tendance est très-reconnaissable dans les abréviations de mots. Il n'est, évidemment, pas besoin d'autre chose, pour expliquer la contraction graduelle de la forme que s'est produite dans tou-tes les langues. Nous avons remarqué plus haut de nombreux exemples d'abréviations faites par les Anglais dans le passage que nous avons ci-té: le plus frappant est celui de knights (qui se prononce naïts) à la place de cnihtas, dans lequel nous voyons la suppression de deux éléments du mot, et le mot tout entier réduit à

⁹⁹ *Idem, ibidem*, p. 4. Grifos nossos.

l'articulation d'une seule syllabe. Il est très-facile de voir que cela tend à la simplification de l'effort, et nous pouvons, en effet, nous rendre compte en prononçant le dernier mot cnihtas de la difficulté qu'il y a à articuler un k devant un n.¹⁰⁰

Pour arriver à la commodité, les éléments du discours sont d'abord unifiés; ensuite, bouleversés et détruits. Ce sont les procédés de la combinaison (lesquels seront traités dans le septième chapitre) qui ouvrent un large champ à l'action de la tendance; si le langage était toujours demeuré dans sa simplicité primitive, la sphère des changements eût été beaucoup plus étrite et le résultat beaucoup moins comparable à un déclin.¹⁰¹

Nous pouvons reconnaître, là, quelque chose de cette tendance à la commodité et à l'économie de moyens que nous avons remarqué dans les changements de forme. S'il était aussi aisé, quand le concept se modifie ou se transforme, d'abandonner le mot ancien et d'en créer un nouveau, qu'il l'est d'étendre un peu la signification d'un mot déjà familier, il n'y aurait peut-être pas de changement de sens, dans les mots.¹⁰²

Whitney estudou sânscrito, mas, diferentemente de seus contemporâneos europeus, preocupou-se muito pouco em usar esse saber para elucidar elementos da origem cultural, moral, étnica e, principalmente, linguística. A propósito da origem linguística, sua afirmação mais significativa é que as línguas da humanidade provavelmente surgiram de um mesmo ponto, isso devido às características comuns a todas elas.

Dire cela, c'est dire que la science linguistique ne peut point se porter garante de la diversité des races humaines. Mais il faut remarquer encore une autre difficulté qui s'oppose ici à toute probation. Si nous admettons, hypothétiquement, que les hommes ont créé les premiers éléments du langage, de même qu'ils en ont fait tous les développements subséquents, nous serons forcés de convenir qu'une période de temps assez longue a dû s'écouler avant qu'ils aient pu se former une somme de matériaux; et pendant ce temps la race, fût-elle unique, a pu se répandre et se diviser de façon à ce que les germes primitifs de chaque langue aient été produits indépendamment, dans

¹⁰⁰ *Idem, ibidem*, pp. 42-43.

¹⁰¹ *Idem, ibidem*, p. 62.

¹⁰² *Idem, ibidem*, p. 66.

*les unes et dans les autres. Conclusion générale: l'incompétence de la science linguistique pour décider de l'unité ou de la diversité des races humaines, paraît être complètement et irrévocablement démontrée.*¹⁰³

Assim, o sânscrito aparece na obra tipicamente linguística de Whitney como uma língua estrangeira que ele aprendeu e que ensinava. No processo de ensinar a língua sânscrita certamente encontrou as razões para desenvolver uma gramática do sânscrito na forma das gramáticas das línguas ocidentais. A gramática que produziu é até hoje uma das mais lidas e usadas pelos sanscritistas no ensino dessa língua.

O que se percebe estudando a obra de Whitney é que ele se via envolvido, em sua profissão, com dificuldades básicas: falta de conhecimentos para resolver suas necessidades como professor. Tentou resolvê-las, estudando-as pela observação e experimentação. Inspirado por uma sociedade mecanizada e modernizada, mas muito jovem e cheia de misturas culturais, ele aplicou uma visão prática e racional para explicar e responder suas dúvidas a respeito da língua e da linguagem.

*Le langage dans chacun de ses éléments et dans son tout est d'abord le singe de l'idée, le singe qu'accompagne l'idée; faire d'un autre point de vue du sujet le point de vue central, c'est y introduire la confusion, c'est renverser les propositions naturelles de chaque partie. Et, comme la science de la linguistique s'attache à la recherche des causes et s'efforce d'expliquer les faits de langage, la première question qui se présente est celle-ci: comment est-il arrivé que ce signe ait été mis en usage? Quelle est l'histoire de sa production et de son application? Quelle est son origine première et la raison de cette origine, si tant est que nous puissions les découvrir?*¹⁰⁴

¹⁰³ *Idem, ibidem*, p. 222.

¹⁰⁴ *Idem, ibidem*, p 13.

Capítulo 4

Ferdinand de Saussure: o discurso semiológico

4.1. Saussure em seu tempo

Ferdinand de Saussure nasceu em Genebra, Suíça, em 1857, onde morreu em 1913. Até os 14 anos morou em Genebra e estudou Física na Universidade local, seguindo a tradição da família. Por essa época, informalmente já se dedicava aos estudos do indo-europeu. Por conta de gostar mais dos estudos sobre a linguagem, mudou-se para Leipzig, onde fez o Mestrado e o Doutorado. Morou e ensinou em Paris, mas terminou sua carreira em Genebra.



O modo de trabalhar de Ferdinand de Saussure impressiona pela disposição física e mental e pela capacidade de acumular informações. Saussure é muito conhecido pelo resultado que obteve nos últimos anos de sua vida, quando era professor na Universidade de Genebra, na Suíça. Mas o trabalho linguístico de Saussure começou muito antes do desenvolvimento dos conceitos registrados no livro *Cours de linguistique générale*, publicação de 1916 organizada por Bally e Sechehaye.¹⁰⁵ Esse texto, que foi inspirado nas aulas dadas durante os anos de 1907, 1908, 1909, 1910 e 1911, é o resultado final do trabalho filológico que esse linguista desenvolveu durante toda a sua vida intelectual.

Saussure era um leitor extraordinário, com uma disposição para o trabalho muito além do que se poderia chamar de dedicação: sua maneira de trabalhar era quase obsessiva, o que

¹⁰⁵ Traduzido para o português por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, prefa-ciado no Brasil por Isaac Nicolau Salum. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1971.

pode ser deduzido de sua morte prematura causada por doenças que atualmente são consideradas com fundamentação no estresse.¹⁰⁶ A riqueza de detalhes e a profundidade das informações revelam que Saussure levou ao extremo da perfeição uma metodologia de trabalho, que, infelizmente, não deixou publicada enquanto metodologia, o que obriga aqueles que queiram entender seu método de estudo a fazer uso de conjecturas e deduções.

A obra de Saussure se destaca por uma consciente perspectiva de implantar nos estudos linguísticos um modelo metodológico que previsse uma organização absoluta e um objeto de estudo claro. Para ele, sem uma visão clara daquilo que devia ser estudado não poderia haver ciência, e sua dedicação aos estudos demonstra que foi essa a metodologia por ele praticada.

*Aucune matière n'est plus controversée; les opinions sont divisées presque à l'infini, et les différents auteurs ont rarement fait une application parfaitement rigoureuse de leurs idées. A cela s'ajoute que la question de l'a est en connexion avec une série de problèmes de phonétique et de morphologie dont les uns attendent encore leur solution, dont plusieurs n'ont même pas été posés. (...) s'attaquer à de telles questions n'est pas une témérité, comme on le dit souvent: c'est une nécessité, c'est la première école où il faut passer; car il s'agit ici, non de spéculations d'un ordre transcendant, mais de la recherche de données élémentaires, sans lesquelles tout flotte, tout est arbitraire et incertitude.*¹⁰⁷

É claro que Saussure encontrava em seu meio de estudos modelos metodológicos que o inspiravam a ser preciso e exato. Além de todos os estudos que precedem o seu na história da Linguística, ele possuía em sua família vários cientistas, que certamente o orientaram nesse sentido. No entanto, é preciso pensar no momento histórico em que Saussure viveu. O período da segunda metade do século XIX foi quando a Europa e o mundo ocidental sofreram a mais profunda transformação do ponto de vista social: a explosão demográfica, a industrialização e, com ela, o crescimento das cidades, a mecanização dos transportes, etc. Fatores que obrigaram e motivaram a humanidade a repensar a organização de tudo aquilo que estava à sua volta. Nessa reorganização, sempre de um ponto de vista prático, tudo era voltado para o bem-estar coletivo.

¹⁰⁶ Morreu de doenças infecciosas, com gravíssimos problemas na visão.

¹⁰⁷ Saussure, *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, p. 3.

*Sendo hoje incontestável, porém, que a maior parte de nossas ideias e de nossas tendências não é elaborada por nós, mas nos vem de fora, elas só podem penetrar em nós impondo-se; eis tudo o que significa nossa definição. Sabe-se, aliás, que nem toda coerção social exclui necessariamente a personalidade individual.*¹⁰⁸

Foi nessa perspectiva que Saussure desenvolveu seu trabalho científico. Ele buscava uma racionalização do modelo de estudo linguístico, como fórmula de tornar mais eficiente e útil aquilo que fazia. Seu trabalho foi fazer da ciência da linguagem uma ciência de uso prático para a coletividade. Assim, deve-se entender a divisão de seus conceitos como um reflexo da sociedade em que vivia.

Nenhum ser humano do período poderia dizer que conhecia todos os elementos que compunha aquela sociedade. É certo que nem mesmo nas organizações medievais, que eram muito simples, isso era possível. Mas, a sociedade durante o século XIX ganhou um desenvolvimento tão grande em todos os sentidos, principalmente no modo de aglomeração e organização dos grupos, que todo tipo de relacionamento entre os indivíduos e com o mundo foi modificado. A organização urbana tornou a vida do grupo infinitamente mais complexa. Além disso, o contato muito mais frequente entre as pessoas tornava os relacionamentos muito mais complexo, e um só indivíduo deixou de ser tão importante, não importando sua posição social. Assim, em meios sociais dessa natureza, todos os indivíduos são insignificantes em contraposição à sociedade.

Nessa relação entre indivíduo e sociedade está a explicação para a sistematização linguística de Saussure. A linguagem é uma capacidade inata. A língua é uma instituição coletiva, na qual a fala está incluída como a materialização da eficiência da língua. A língua reflete a sistematização cultural da sociedade e a fala é a atuação linguística do indivíduo, ou seja, a língua é coletiva, e a fala é individual. Se essa divisão for transportada para a organização social urbana do final do século, o que se mostra é a coletividade (Estado, Nação, Cidade) com suas necessidades impondo-se nas resoluções dos problemas. O indivíduo era tão somente parte dessa coletividade, para quem se deve olhar quando se quiser saber se a sociedade era ou não eficiente.

¹⁰⁸ Émile Durkheim, *As regras do método sociológico*, p. 4.

4.2. A obra e a sociedade

Para entender a razão dos fatos da obra de Ferdinand de Saussure é preciso ter em mente os elementos que compunham a sociedade em que viveu. A Europa apresentou um rápido desenvolvimento, sob todos os aspectos, durante o século XIX. Esse desenvolvimento modificou de tal forma os aspectos humanos e naturais que tudo o que se referia à sobrevivência do ser humano e da natureza apresentava aspectos completamente diferentes do início do século.

A grande responsável por essas mudanças foi, sem dúvida, a ciência, não só como fato que compunha a sociedade, mas ela saiu do século XVIII como ocupação de “malucos”, como bem demonstra Robert Darnton em *O lado oculto da Revolução*, e, paulatinamente, chegou a orientar os rumos da humanidade no final do século.

Foi a ciência que arrancou a sociedade da clausura da ignorância e fez dela um exemplo para o indivíduo. Dessa forma, a ação da ciência no século XIX mudou completamente a perspectiva do papel social do cientista. Mudou também completamente a perspectiva do papel do indivíduo e cidadão, porque modificou os parâmetros da relação entre indivíduo e sociedade. É preciso não perder de vista que Saussure é, por assim dizer, o resultado final da evolução de um campo científico.

A partir da segunda metade do século XIX, o efeito da ciência na sociedade pode ser medido pela evolução dos transportes, da indústria e, como consequência, das cidades. Assim, no início do século a relação do indivíduo com a sociedade era de, finalmente, conquistar um espaço moral e político. No final do século, a situação é outra, a sociedade já deixou de ser predominantemente rural e as cidades geravam os recursos e ditavam as regras da convivência e da sobrevivência.

No final do século, portanto, a coletividade predominava e detinha todo o poder. Ela detinha os recursos, principalmente o conhecimento. Desse modo, cabia ao indivíduo integrar-se com os outros indivíduos para formar parceria. Enfim, cabia ao indivíduo obrigatoriamente integrar-se na coletividade, sem ela, ele não poderia sobreviver.

Dessa forma, a ação do indivíduo perante a sociedade não era de dominante, mas de dominado. A coletividade predominava em todos os aspectos, na medida em que precisava proteger o grupo e não um só indivíduo. Essa sociedade foi o espaço em que a história de Ferdinand de Saussure se desenvolveu. Assim, numa comparação simples e direta, nos seus conceitos, a língua tem uma posição superior e predominante, ela representa a sociedade e o sistema, e a fala representa o indivíduo e sua ação.

Pode-se descrever o conceito de língua em Saussure como uma instituição coletiva que estava distribuída para todos os falantes. Ela é um todo, distribuída inteira para cada um de seus falantes. A língua representa a coletividade, ela é, enquanto fórmula, a própria coletividade, e o indivíduo é parte integrada nela, do mesmo modo que é uma parte da sociedade. O indivíduo, dessa forma, é responsável somente por sua ação, tanto no tocante à sua vida em sociedade, quanto à materialização da língua em sua fala. Logo, linguisticamente, o indivíduo é responsável somente por sua fala. O indivíduo se integra à língua quando usa a fala, e só está integrado ao contexto linguístico da sociedade em que vive quando tiver aprendido a língua dessa sociedade.

Entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão - não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente - os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos. / Qual a origem dessa cristalização social? Qual das partes de circuito pode estar em causa? Pois é bem provável que todos não tomem parte nela de igual modo.

A parte física pode ser posta de lado desde logo. Quando ouvimos falar uma língua que desconhecemos, percebemos bem os sons, mas devido à nossa incompreensão, ficamos alheios ao fato social. A parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos fala (parole).

Pelo funcionamento das faculdades receptiva e coordenativa, nos indivíduos falantes, é que se formam as marcas que chegam a ser sensivelmente as mesmas em todos. De que maneira se deve representar esse produto social para que a língua apareça perfeitamente desembaraçada do restante? Se pudessemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental.

A língua não constitui, pois função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação (...).

A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações.¹⁰⁹

A ação do indivíduo na língua é limitada, porque a fala não é predominante. Mas a língua não existe sem a fala, como a sociedade não existe sem o indivíduo. Desse modo, o indivíduo pode agir na língua de sua coletividade com contribuições de sua fala. Ele, no entanto, só contribuirá para a língua naquilo que os outros membros de sua coletividade, ou a própria sociedade, aceitar e incorporar de seu estilo.

A língua, objeto único dos estudos linguísticos, é o produto social da capacidade de linguagem humana. Isso significa que a língua é uma forma concretizada da capacidade que caracteriza os seres humanos, que é a linguagem. A língua é formada no interior da coletividade como forma estabelecida e aceita por seus participantes. O acordo linguístico entre os indivíduos é produzido pela necessidade de comunicação que caracteriza qualquer ser humano.

Langue et langage ne sont qu'une même chose, l'un est la généralisation de l'autre.¹¹⁰ Nous opposons [opposons] la l. [langue] au langage, comme étant une partie essentielle, principale, mais enfin ce n'est qu'une partie (du langage).¹¹¹

Para que haja a comunicação entre os indivíduos, devem existir parâmetros que os tornem assemelhados em alguns aspectos. O processo de convencionalização dos espaços físicos e intelectuais em forma de signos permite que os indivíduos se relacionem com esse mundo material de uma maneira igual ou pelo menos muito parecida entre todos os participantes da mesma sociedade. Essas convenções significativas estão sempre categorizadas por características que são próprias daquela sociedade e daquela língua, já que sociedade e língua são instituições que se espelham.

¹⁰⁹ Saussure, *Curso de lingüística geral*, pp. 21-22.

¹¹⁰ Anotações de Emile Constantín. Biblioteca Pública e Universitária de Genebra. Caixa Ms Fr 3972. Cahier XIV, envelope nº 1, p. 8.

¹¹¹ Anotações de Emile Constantín. Biblioteca Pública e Universitária de Genebra. Caixa Ms Fr 3972. Cahier XIV Segunda parte: *la langue*. Semestre de inverno 1910/1911.

A língua como instituição coletiva é igual para qualquer um dos participantes de seu universo de criações significativas. É um todo distribuída inteira para cada um de seus falantes; cada fração, que é cada indivíduo, interioriza a língua inteira, porque todos possuem os mesmos elementos característicos da língua, que se concretizam em formas culturais e convencionadas de antemão. No entanto, cada indivíduo é responsável pela qualidade da língua que movimenta, ou seja, a fala é de inteira responsabilidade dos indivíduos.

Mas os conceitos linguísticos de Saussure surgiram de leituras que ele fez em outros estudiosos. Sua contribuição mais significativa para a Linguística não está em suas dicotomias ou na descrição precisa que fez das vogais do indo-europeu. É muito mais significativa que isso a própria definição da Linguística enquanto ciência que Saussure elaborou. Ele tornou a Linguística uma ciência com parâmetros exatos. É preciso dizer que ela já existia, mas estava misturada a outras ciências, confundida com elas. Saussure explicou que isso acontecia porque o objeto de estudo dessas ciências, sobretudo a Psicologia e a Sociologia, alcançava os elementos da linguagem, mais especificamente a língua, que é o objeto único da Linguística.

Seria tarefa da Linguística, antes de mais nada, conhecer a si mesma. Essa afirmação faz referência ao modo de Saussure pensar o conceito de ciência: uma metodologia clara, voltada para um campo de estudo completamente definido. Essa certamente foi a maior das lições de trabalho de Saussure para seus discípulos, pois significava quais eram as atitudes científicas que deveriam assumir.

Dessarte (...) em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da linguística. Sempre encontramos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas acima, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. Quando se procede assim, abre-se a porta a várias ciências — Psicologia, Antropologia, Gramática normativa, Filologia etc. —, que separamos claramente da Linguística, mas que, por culpa de um método incorreto, poderiam reivindicar a linguagem como um de seus objetos. Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem. De fato, entre tantas

*dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito.*¹¹²

Para essa empreitada, a de conhecer os elementos exatos da linguística geral, a ciência Linguística deveria estudar e conhecer descritiva e historicamente todas as línguas. Está escrito no texto de Bally e Sechehaye que a ciência Linguística deveria estudar a história de todas as famílias de línguas. Saussure propõe que é pela comparação que se chegaria ao esclarecimento das regras que entram em movimento em cada uma das línguas em particular. Esse vislumbre mostraria o que seria comum a todas as línguas e o que caracteriza uma e outra. Evidentemente, assim seria construída uma lógica para as línguas e uma lógica para a língua; cada língua seria encontrada e caracterizada num espaço tipológico determinado e específico. No decorrer de seu curso, Saussure concretiza essa teoria, distinguindo nitidamente uma gramática das línguas e a compreensão de que cada língua é um caso particular.

Saussure propôs a Linguística como o estudo da língua, porque ela é passível de uma definição concreta. Mas a definição de língua esbarra em diversas dificuldades que implicariam numa diferenciação de pontos de vista, tornando o objeto de estudo em questão uma série de possibilidades de estudo. Para ter a língua como objeto de estudo, era preciso separar com precisão o objeto que cabia ao linguista compreender, sem misturá-lo com visões psicológicas, filosóficas, sociológicas, etc., — porque essas ciências, apesar de terem objetos de estudo distintos, também poderiam reivindicar a língua como parte de seus objetos de estudo.

Tanto a Psicologia como a Sociologia influenciaram os estudos de Saussure. Ambas eram nascentes, compunham o mesmo movimento de desenvolvimento das ciências que caracterizou o final do século XIX, no qual também a Linguística alcançou sua definição mais precisa. Sobretudo a Sociologia, amadurecida por Émile Durkheim, influenciou os conceitos linguísticos desenvolvidos por Saussure. Não é difícil encontrar uma forte relação entre a definição de fato social em Durkheim e de língua em Saussure.¹¹³

¹¹² Saussure, *Curso de lingüística geral*, pp. 16-17.

¹¹³ Augustinus Staub, no livro *Hermann Paul, F. de Saussure e K. Bühler na lingüística moderna*, coloca em dúvida a influência de Durkheim em Saussure. Cita vários autores que afirmam a influência do sociólogo francês na obra de Saussure: Dinneen, Coseriu, Robins, Criper e Widdowson e Mattoso Câmara. Cita, também, muitos outros autores que negam essa influência: Meillet e Bröndal, Hörmann e K. Koerner. A mais contundente de todas essas negações parece ser a de Hörmann, psicolingüista alemão, segundo o qual a dicotomia ‘langue – parole’ foi desenvolvida por Saussure independentemente de Durkheim. Saussure fez inúmeras referências no *Curso à Sociologia*. E, definitivamente, só pode ser à Sociologia praticada por Durkheim.

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para admitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.¹¹⁴

É importante notar que a Linguística foi definitivamente definida por Saussure, não por acaso. Além de todos os estudos linguísticos que o precederam, de natureza metodológica muito variada, no final do século XIX respirava-se e transpirava-se a cientificidade. Essa onda social de reorganização do mundo através do exercício e da reflexão científica criou um movimento que atingiu tudo no mundo. Esse movimento de tão intenso ficou conhecido como *Cientificismo*.

Então, Saussure parece ter verdadeira obsessão por ver aplicada aos estudos linguísticos uma metodologia clara, não por ser mais interessado que os outros, mas por conviver de modo direto e conhecer claramente o movimento, que atingia a todos, de aperfeiçoamento do modelo científico existente. Saussure retomou o tema da definição do objeto de estudo e da metodologia aplicável à Linguística e, nisso foi brilhante, identificou com precisão qual o objeto de estudo da Linguística e qual seria a melhor forma de o estudar.

Saussure afirmou que em seu tempo não havia mais espaço na ciência para especulações transcendentais. O Transcendentalismo¹¹⁵ foi um movimento que dominou a poesia na Alemanha no século XIX. Dessa constatação pode-se inferir que Saussure estava se referindo aos estudos sobre a linguagem desenvolvidos, sobretudo em Leipzig, pela Gramática Comparada e a Neogramática.

Aucune matière n'est plus controversée; les opinions sont divisées presque à l'infini, et les différents auteurs ont rarement fait une application parfaitement rigoureuse de leurs idées. A cela s'ajoute que la question de l'a est en connexion avec une série de problèmes de phonétique et de morphologie dont

¹¹⁴ Saussure, *Curso de lingüística geral*, p. 17.

¹¹⁵ Filosofia crítica de Kant (1724-1804), e designação comum aos sistemas idealistas dos seus sucessores na Alemanha.

*les uns attendent encore leur solution, dont plusieurs n'ont même pas été posés. (...) s'attaquer à de telles questions n'est pas une témérité, comme on le dit souvent: c'est une nécessité, c'est la première école où il faut passer; car il s'agit ici, non de spéculations d'un ordre transcendant, mais de la recherche de données élémentaires, sans lesquelles tout flotte, tout est arbitraire et incertitude.*¹¹⁶

Esse Transcendentalismo, que Saussure criticava, é claro, significa as escolas literárias e científicas idealistas derivadas dos estudos de Immanuel Kant, desenvolvidas na Alemanha e, mais amplamente, na Europa, bem como a escola transcendental norte-americana, da qual Whitney fez parte.

Saussure estava fazendo uma crítica a seus antecessores, não só quanto às suas divagações e até fantasias sobre a linguagem, mas principalmente quanto à metodologia que aplicavam em seus estudos. Essa crítica é bastante evidente no *Mémoire sur le système primitif des voyelles des langues indo-européennes* — mas também aparece no *De l'emploi du Génitif absolu en sanscrit* e no *Curso de linguística geral* —, em que ele levantou dados sobre os estudos sobre as vogais do indo-europeu e o comparatismo e criticou cada um dos estudiosos quanto à forma de apresentar dados e, sobretudo, sua falta de precisão.

*Um primeiro impulso foi dado pelo norte-americano Whitney, autor de A Vida da Linguagem (1875). Logo após se formou uma nova escola, a dos neogramáticos (Junggrammatiker) cujos fundadores eram todos alemães: K. Brugmann, H. Osthoff, os germanistas W. Braune, E. Sievers, H. Paul, o eslavista Leskien etc. Seu mérito consistiu em colocar em perspectiva histórica todos os resultados da comparação e por ela encadear os fatos em sua ordem natural. Graças aos neogramáticos, não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um pro-duto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Ao mesmo tempo, compreende-se quão errôneas e insuficientes eram as ideias da Filologia e da Gramática Comparada. Entretanto, por grandes que sejam os serviços prestados por essa escola, não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da questão, e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução.*¹¹⁷

¹¹⁶ Saussure, *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, p. 3.

¹¹⁷ Saussure, *Curso de linguística geral*, pp. 11-12.

No *Curso de linguística geral*, ele fez um pequeno resumo crítico de todas as correntes de estudos da linguagem desde a Era clássica. Seu objetivo era demonstrar que nenhuma dessas correntes dos estudos dos fatos da língua tinha trabalhado com o objeto verdadeiro e único dos estudos linguístico, que Saussure definiria como sendo a língua. Ele estabeleceu uma sequência de três fases sucessivas desses estudos sobre a linguagem.

Começou-se por fazer o que se chamava de Gramática. Esse estudo, inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito.

A seguir, apareceu a Filologia. Já em Alexandria havia uma escola filológica, mas esse termo se vinculou sobretudo ao movimento criado por Friedrich August Wolf a partir de 1777 e que prossegue até nossos dias. A língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições, etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda questões linguísticas, fá-lo sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura. Sem dúvida, essas pesquisas prepararam a Linguística histórica: os trabalhos de Ritschl acerca de Plauto podem ser chamados linguísticos; mas nesse domínio a crítica filológica é falha num particular: apega-se muito servilmente à língua escrita e esquece a língua falada; aliás, a antiguidade grega e latina a absorve quase completamente.¹¹⁸

O terceiro período começou quando se descobriu que as línguas podiam ser comparadas entre si. Tal foi a origem da Filologia comparativa ou da “Gramática Comparada”. Em 1816, numa obra intitulada Sistema da conjugação do Sânscrito, Franz Bopp estudou as relações que unem o sânscrito ao germânico, ao grego, ao latim, etc. Bopp não era o primeiro a

¹¹⁸ *Idem, ibidem*, pp. 7-8.

*assinalar tais afinidades e a admitir que todas essas línguas pertencem a uma única família; isso tinha sido feito antes dele, notadamente pelo orientalista inglês W. Jones; algumas afirmações isoladas, porém, não provam que em 1816 já houvessem sido compreendidas, de modo geral, a significação e a importância dessa verdade. Bopp não tem, pois, o mérito da descoberta de que o sânscrito é parente de certos idiomas da Europa e da Ásia, mas foi ele quem compreendeu que as relações entre línguas afins podiam tornar-se matéria duma ciência autônoma. Esclarecer uma língua por meio de outra, explicar as formas duma pelas formas de outra, eis o que não fora ainda feito.*¹¹⁹

*Por fim, entre os últimos representantes dessa escola, merecem citação particular Max Muller, Georges Curtius e August Schleicher. Os três, de modos diferentes, fizeram muito pelos estudos comparativos. Max Muller os popularizou com suas brilhantes conferências (Lições Sobre a Ciência da Linguagem, 1816, em inglês); não pecou, porém, pelo excesso de consciência. Curtius, filólogo notável, conhecido sobretudo por seus Princípios de Etimologia Grega (1879), foi um dos primeiros a reconciliar a Gramática Comparada com a Filologia clássica. Esta acompanhara com desconfiança os progressos da nova ciência e tal desconfiança se tinha tornado recíproca. Schleicher, enfim, foi o primeiro a tentar codificar os resultados das pesquisas parciais. Seu Breviário de Gramática Comparada das Línguas Indo-Germânicas (1816) é uma espécie de sistematização da ciência fundada por Bopp. Esse livro, que durante longo tempo prestou grandes serviços, evoca melhor que qualquer outro a fisionomia dessa escola comparatista que constitui o primeiro período da Linguística indo-europeia.*¹²⁰

*A linguística propriamente dita, que deu à comparação o lugar que exatamente lhe cabe, nasceu do estudo da línguas germânicas. Os estudos românicos inaugurados por Diez — sua Gramática da Línguas Românicas data de 1836-1838 —, contribuíram particularmente para aproximar a Linguística do seu verdadeiro objeto.*¹²¹

Quanto a Whitney, sua principal fonte de pesquisa no tocante à teoria da linguagem, Saussure não aceitava sua base metodológica: acusou-o de empírico demais.

¹¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 8.

¹²⁰ *Idem, ibidem*, pp. 9-10.

¹²¹ *Idem, ibidem*, p. 11.

*Il était le plus prope à stupéfier un homme comme Whitney, qui depuis le premier instant de activité scientifique, et bien avant qu'aucune école songeât à s'emparer de cette baumière, n'avait pas même imaginé que l'étude du langage pûs se poursuivre sur une autre base que celle de l'observations des faits actuels.*¹²²

De qualquer forma, o que se pode dizer com segurança é que Saussure tinha uma visão muito firme quanto à necessidade de empregar uma metodologia clara, bem como de certificar que os dados apresentados fossem extremamente corretos. Estava consciente do momento crucial para a construção do verdadeiro campo de estudo para a Linguística. Buscava acima de tudo encontrar os diversos caminhos que aquela ciência teria para percorrer daquele instante em diante para realizar em definitivo a compreensão do que seria verdadeiramente a língua. Ele estava criando o universo de estudos linguísticos, não no sentido de que ele nunca tivesse existido, mas no sentido de convidar a ser exato, a não ser mais apenas empírico: acima de tudo, a construir um processo de estudo que fosse tão concreto quanto era o objeto a ser estudado. Portanto, é mais realista dizer que Saussure se preocupou com o processo de construção do objeto do que com o objeto em si mesmo — ou seja: os conceitos sobre a língua e a linguagem estavam todos perfeitamente descritos nos estudiosos que o precederam, mas nenhum tinha sido capaz de engendrar nesses conceitos, com clareza, o modo como chegar à prova concreta. Saussure queria acima de tudo a visão da ciência Linguística, e só depois a análise do seu objeto, que é a língua.

*Le cours traitera la linguistique proprement dite, et non de la langue et le langage.*¹²³

Essa forma de pensar pode ser explicada pelo movimento de cientificidade que dominava a sociedade, mas o Cientificismo era só mais um detalhe dos que compuseram o universo social do final do século XIX. Toda a sociedade desse período estava plena de detalhes que arrastavam o pensamento e os sentimentos dos indivíduos para uma racionalidade profunda sobre todas as coisas.

¹²² Notas manuscritas de lingüística geral feitas por F. de Saussure. Biblioteca Pública e Universitária de Genebra. Caixa Ms Fr 3951. Envelope nº 13, p. 1.

¹²³ Anotações de Emile Constantin. Biblioteca Pública e Universitária de Genebra. Caixa Ms Fr 3972. *Cahiers VII*, p. 1. Semestre de inverno 1910/1911.

A literatura, desde a década de 30, já demonstrava que o mundo caminhava para uma organização social em que não se poderia viver de sonhos e fantasias. Ela passou a ser realista, quando o universo social descrito é criticado por sua hipocrisia e por sua falta de eficiência profissional, moral, etc. Naturalista, quando as sociedades, já muito urbanizadas ganharam a literatura com seu excesso de gente, sua podridão, sua feiura, etc.; nessa literatura o mundo parece feder, e o ser humano parece um bicho irracional, quase um verme misturado aos restos da própria comida. Simbolista, quando a fórmula de representar o todo através de uma parte tornou-se uma necessidade e um hábito; essa literatura inspirava-se no modelo social de vida e costumes; os sentimentos e as inspirações humanas tinham deixado de ser importantes, a sociedade media tudo através de números e fórmulas. O Simbolismo reagiu e deu início numa literatura de vanguarda — o hábito de estudar que se fundamentava no crescimento do papel da ciência no meio social, também chegava à arte.

Não é difícil concluir que Saussure, quando apresentou a dicotomia língua e fala, e deu para o indivíduo o poder da ação e do movimento linguístico, de certa forma recuperou o papel do indivíduo no contexto social em termos de estudos linguísticos. Se em Humboldt, no Romantismo, o indivíduo é de todas as formas o agente mais importante da existência e principalmente da eficiência da língua, em Whitney o papel do indivíduo é de total receptividade em relação à língua, uma vez que resta a ele somente aprendê-la, mudá-la está restrito à coletividade. Em Saussure, o indivíduo tem seu papel assegurado, é parte da sociedade. Mesmo sendo a mais frágil, é atuante e mantém a língua viva. Saussure, como seus contemporâneos das artes, fez uma volta aos ideários individualistas do Romantismo.

Se Whitney aproximou o estudo da linguagem da realidade física humana, Saussure estudou a linguagem, ou melhor, a estrutura linguística em si mesma. Saussure quis em todos os seus estudos de teoria linguística e também nos “anagramas” estabelecer a lógica da estrutura linguística. Ele estudou a língua em sua fórmula pura. Saussure fez quase que na totalidade desses estudos uma metalinguagem da forma poética ou da forma da *parole*. Ele procurou a organização linguística do pensamento humano, numa evidente marca do Simbolismo, mesmo que inconsciente, em seu trabalho.

Merci de vos lignes à propos de ce que je vous écrivais l'autre jour. Avant même de répondre aux observations très justes que vous faites, je puis vous annoncer que je tiens maintenant la victoire sur toute la ligne. J'ai passé deux mois à interroger le monstre, et à n'opérer qu'à tâtons contre lui, mais depuis trois jours je ne marche plus qu'à coups de grosse artillerie. Tout ce que j'écrivais sur le

mètre dactylique (ou plutôt spondaïque) subsiste, mais maintenant c'est par l'Allitération que je suis arrivé à tenir la clef du Saturnien, autrement compliquée qu'on ne se le figurait.

Tout le phénomène de l'allitération (et aussi des rimes) qu'on remarquait dans le Saturnien, n'est qu'une insignifiante partie d'un phénomène plus général, ou plutôt absolument total. La totalité des syllabes de chaque vers Saturnien obéit à une loi d'allitération, de la première syllabe à la dernière; et sans qu'une seule consonne, — ni de plus une seule voyelle, — ni de plus une seule quantité de voyelle, ne soit pas scrupu-leusement portée em compte. Le résultat est tellement surprenant qu'on est porté à se demander avant tout comment les auteurs de ces vers (em partie littéraires, comme ceux d'Andronicus et Naevius) pouvaient avoir le temps de se livrer à un pareil casse-tête: car c'est un véritable jeu chinois que le Saturnien, en dehors même de toute chose regardant la métrique. Il me faudrait une considérable épître pour aligner des exemples, mais il ne faut que deux lignes pour donner la loi...¹²⁴

Se Saussure criticava o empirismo de Whitney, por certo ele criticava a falta de racionalismo de toda a ciência da linguagem que o antecedia.

Assim, o universo científico de Saussure estava composto por uma evidente necessidade de ser prático e de responder às dificuldades da sociedade. Acima de tudo, a ciência tinha desenvolvido a tecnologia, que tinha colocado a indústria como a principal fonte econômica das sociedades e fez que o transporte fosse eficiente e veloz. A indústria fez crescer as cidades, que são sociedades complexas, em que os indivíduos são apenas peças.

Desse modo, Saussure, que tinha toda a tradição de estudos sobre a linguagem do século XIX a sua disposição, não poderia ver o desenvolvimento da língua e da fala de outro modo: a língua representa a sociedade, que é predominante e superior, e a fala representa o indivíduo, ativo e diminuto. O indivíduo faz o movimento da sociedade e da língua, mas é obrigado a seguir os rumos da sociedade e a se valer das imposições culturais da língua. Apesar de poder se rebelar, para não ser excluído ele deve seguir as regras do convívio social. No tocante à língua, ele não tem saída, ele pode usá-la de um modo estilizado — mas, se não seguir suas regras, não será compreendido.

¹²⁴ Saussure, *apud* Jean Starobinski, *Les Mots sous les mots*, pp. 20-21.

Capítulo 5

A evolução social e o discurso

5.1. O discurso literário na Era Romântica

Ao observar o discurso praticado durante o século XIX, desde as primeiras incursões do Romantismo até as manifestações do final do século como o Naturalismo, o Parnasianismo e o Simbolismo, percebe-se claramente um encaminhamento em direção ao racional, feito de imagens com detalhes que vão do mais espiritual e fantástico, no início e no final do século, ao mais materialista e realista, do segundo quarto do século em diante.

Os textos, antes de serem uma representação dos sentimentos humanos, são modelos do pensamento humano, não só como materialização de conceitos, mas também como síntese da própria maneira de expressão do ser humano contextualizado especificamente numa determinada sociedade. Essa sociedade, que é certamente um componente de um sistema universal, forma um todo por força da unidade corporal e espiritual (pensamento) que caracteriza o grupo dos seres inteligentes.

Assim, ao estudar sincronicamente os pensamentos na produção discursiva do início do século XIX, que coincide com o início da Era Romântica, pode-se ver que os elementos discursivos estão todos voltados e direcionados para a demonstração do objeto conceituado, ou melhor, do conceito em si mesmo. São objetos de construção textual, nesse período, os conceitos relacionados com os propósitos filosóficos de caráter moral e religioso. Os textos não estão em nenhum momento profundamente voltados para a exploração do plano de expressão, permanecendo constantemente preocupados com o plano do conteúdo.

Todo o processo de construção do Romantismo é extremamente representativo da relação do homem com o real. Toda e qualquer forma de expressividade explorada durante o século XIX foi representada no Romantismo desde seu início. Pode-se dizer, então, que as mudanças que vão ocorrendo na construção do objeto de análise dos textos românticos são mudanças na focalização. Essas mudanças que vão ocorrendo no contexto literário, são sempre direcionadas para os interesses genéricos. Toda a sociedade reflete ao mesmo tempo as mudanças, e cada parte da sociedade influencia as outras, desenvolvendo um todo conexo e integrado.

No período em questão, o século XIX, alguns fatores estiveram em voga no pensamento humano. É certo que a arte tende a representar imaginariamente o ser humano,

principalmente a literatura artística e, em maior grau, a prosa, porque lida com a criação e a representação de seres humanos. Dessa forma, na primeira fase ficaram modelados no contexto do Romantismo alguns temas básicos, como a mulher e a religiosidade da mulher, o caráter moralizante da religião e os modelos corrompidos desse segmento social, o desenvolvimento de modelos idealizados para os indivíduos, o estudo do comportamento psíquico e a suscetibilidade humana às fantasias e traumas, etc. Esses temas eram contextualizados nos romances com informações que não eram de caráter psíquico-moral de influência filosófica iluminista, mas que estavam presentes no dia-a-dia de todas as sociedades europeias. Por exemplo, informações socioeconômicas em Balzac, o extrativismo vegetal e a colonização de novos continentes em Chateaubriand e as fantasias sociais em Hoffmann. Num segundo momento, foram o pro-cesso de urbanização (expansão das cidades), a melhoria do transporte e a industrialização das sociedades europeias que estavam no centro das especulações literárias. A destruição dos valores morais e a justiça social eram os temas mais gerais. São exemplos a descrição das cidades e dos meios de locomoção em Flaubert e Maupassant. Em Maupassant, principalmente, há uma consciente demonstração da corrupção dos valores da família, causada pela falência da vida na sociedade.

No entanto, o discurso praticado pelos construtores dos textos sofreu uma transformação: se o conceito era a única razão para a construção do discurso no início do Romantismo, em meados do século XIX o ser humano continuava preocupado em representar os conceitos, mas estava também interessado em materializar uma aparência textual que fosse o reflexo do conteúdo expresso. Assim, a preocupação com a forma que o texto teria para demonstrar a condição intelecto-espiritual, ou seja, conceitual, dos modelos humano e social criados foi a grande transformação ocorrida na literatura em meados do século XIX.

Quanto mais próximo do final do século XIX a obra tenha sido escrita, mais a forma foi explorada para que o processo conceitual fosse estabelecido. Em síntese, pode-se dizer que as sociedades ocidentais caminharam para uma materialização e uma presentificação cada vez maior dos sentidos espirituais: cada vez mais os modelos reais refletiam mais claramente os conceitos de que eram formas.

Assim, o discurso religioso não poderia mais ser suportado com base apenas em preconceitos e punições, medos e autoritarismo. A sociedade exigia uma nova representação de Deus, mais branda e que permitisse o desfrute dos avanços sociais e tecnológicos alcançados pela modernidade. Foi assim que as concepções espiritualistas ganharam explicações muito mais baseadas em circunstâncias sociais. O sentimento religioso criado nessa direção explica o aparecimento de inúmeras filosofias e modelos de religiosidade que se

contrapunham às explicações dadas pelos representantes do pensamento do Vaticano. Um discurso visivelmente contestador foi instalado no Romantismo contra as muitas expressões tabus, de caráter religioso, que eram apregoadas e espalhadas. Era a força da razão obrigando a inclusão de pensamentos novos, radicalmente contrários aos então vigentes. São exemplos desse pensamento os textos *Fausto* de Goethe, *Atala* e *René* de Chateaubriand, *Le Rouge et le Noir* de Stendhal, etc.

Esses modelos discursivos são aperfeiçoados e utilizados como representação em todos os níveis. Não foram só a versão contada da mulher e os modelos de doutrinação religiosa que foram transformados na busca da exteriorização dos conceitos na aparência do objeto que era sua expressão: o Realismo empregou na conceituação uma construção da visualização dos espaços e da construção de imagens através de cores e objetos que faz o leitor dos textos sentir a força dos conceitos transmitidos sem o esforço da análise. É o caso dos olhos de Capitu de Machado de Assis; o das cores das roupas de Luíza de Eça de Queirós, etc. Além disso, novos recursos discursivos foram em-pregados muito mais abundantemente, como o discurso indireto-livre (conforme trechos citados abaixo), evidenciando a presença do conceito na materialidade do discurso.

*En effet, Bovary pouvait réussir; [rien n'affirmait à Emma qu'il ne fût pas habile, et quelle satisfaction pour elle que de l'avoir engagé à une démarche d'où sa réputation et sa fortune se trouveraient accrues?] Elle ne demandait qu'à s'appuyer sur quelque chose de plus solide que l'amour.*¹²⁵

[Mas então, ele Miranda, que se supunha a última expressão da ladinagem e da esperteza; ele, que, logo depois do seu casamento, respondendo para Portugal a um ex-colega que o felicitava, dissera que o Brasil era uma cavalgada carregada de dinheiro, cujas rédeas um homem fino empolgava facilmente; ele, que se tinha na conta de invencível matreiro, não passava afinal de um pedaço de asno comparado com o seu vizinho! Pensara fazer-se senhor do Brasil e fizera-se escravo de uma brasileira mal-educada e sem escrúpulos de virtude! Imaginara-se talhado para grandes conquistas, e não passava de uma vítima ridícula e sofredora!... Sim! No fim de contas qual fora a sua África?... Enriquecera um pouco, é verdade, mas como? A que preço? Hipotecando-se a um diabo, que lhe trouxera oitenta contos de réis, mas incalculáveis milhões de desgostos e vergonhas! Arranjara a vida, sim, mas

¹²⁵ Flaubert, *Madame Bovary*, p. 208.

*teve de aturar eternamente uma mulher que ele odiava! E do que afinal lhe aproveitar tudo isso? Qual era afinal a sua grande existência? Do inferno da casa para o purgatório do trabalho e vice-versa! Invejável sorte, não havia dúvida].*¹²⁶

A partir de 1830, a literatura francesa tendeu para o registro dos aspectos sociais. Os textos de Victor Hugo, Stendhal e Balzac, ainda do Romantismo, já registravam as características que estariam no centro das discussões no Realismo/Naturalismo e, também, no Simbolismo. O livro *Le Rouge et le Noir* apresenta como cenário da discussão moral e religiosa em torno da vida de Julien Sorel uma sociedade que nascia, enquanto espaço urbano. Julien Sorel é do campo, de lá passa para uma vida no vilarejo mais próximo, depois migra para um centro maior e, de lá, vai morar em Paris. Provavelmente, Julien Sorel fosse, de um modo literário, o emigrante que saía do campo e se dirigia para as cidades.

Uma descrição semelhante nesse aspecto aparece em *Les Illusions perdues*. A personagem Luciano parte do centro menor, um pequeno vilarejo, e vai para Paris. Como ponto de comparação aparece Bordéus, um centro intermediário entre as duas. Em Paris, viveria suas aventuras e entraria em contato com os elementos da realidade urbana, em que o romântico menino sonhador da cidadezinha era massacrado pela competição realista da cidade grande.

*Assim, do Romantismo ao Realismo, houve uma passagem do vago ao típico, do idealizante ao factual.*¹²⁷

Em *Madame Bovary*, apesar de a história se passar num vilarejo, as questões já são todas relacionadas com o progresso dos centros urbanos: a medicina, as relações amorosas por aparência, a vaidade, a competição e principalmente a eficiência profissional. Esse último tema é discutido pela ineficiência do médico do campo, que é a personagem Carlos Bovary. A presença feminina do texto demonstra a transformação que a sociedade havia sofrido e que não podia ser esquecida, ou seja, os velhos hábitos familiares e a vida de aparências deviam ser esquecidos, as pessoas deviam se adaptar para sobreviver.

Nessas três obras pode ser percebido o palco que se montava para a organização social da segunda metade do século, em que predominou a urbanização, como local de habitação, e a indústria, como atividade econômica. Esses dois aspectos da sociedade cresciam rapidamente

¹²⁶ Aluísio Azevedo, *O Cortiço*, p. 22. Entre colchetes, o discurso indireto livre.

¹²⁷ Alfredo Bosi, *op. cit.*, p. 193.

e criavam os problemas advindos da aglomeração humana: doenças, miséria, sujeira e a necessidade de locomoção. Assim, começaria a atuar, em todos os cantos do mundo, uma preocupação organizacional, que já existia desde o final do século XVIII nas cidades que já eram grandes, como Paris e Londres.

Os centros urbanos criavam espaço para um novo tipo de cultura: a educação programada, gerada pela massificação do ensino. Não tão eficiente quanto deveria ser, mas um contingente muito maior tinha acesso a informações, com isso ampliando os efeitos da ciência e da tecnologia nascentes. Na verdade, a ciência que já existia com dificuldades metodológicas, obrigava à descoberta de soluções práticas para os problemas imediatos. Então, saía-se de uma ciência de exibição no início do século para uma ciência comercial na segunda metade. Assim, o espaço urbano transformou-se no palco da industrialização, dos problemas criados por ela e das soluções encontradas.

Paris de muitos modos foi exemplo e modelo para as soluções de reurbanização das cidades do mundo. Sobretudo, foram exemplares as reformas implantadas pela iniciativa de Haussmann, prefeito da cidade no Segundo Império. A cidade foi incrementada com importantes serviços públicos, planejados por engenheiros e técnicos. Essa reforma se constituía numa necessidade para a saúde da cidade em todos os aspectos: a circulação de veículos de transporte, a rede pública de recolhimento de lixo, o sistema de escoamento de esgoto, etc. A cidade saiu de uma condição medieval para uma proposta urbana completamente voltada para o crescimento, principalmente para a expansão demográfica inevitável com o avanço desejado da industrialização.

*Paris não foi apenas reconstruída, mas projetada de novo.*¹²⁸

Se, por um lado, as mudanças profundas feitas por Georges-Eugène Haussmann em Paris tinham um aspecto político populista, sob essa visão um desperdício, por outro, as condições de higiene e econômicas exigiam tais mudanças. A Paris que surgiu com a reforma tornou-se a cidade mais moderna do mundo. Assim, tornou-se ponto de referência histórico para qualquer reurbanização em qualquer parte do mundo, tanto do ponto de vista da própria reforma quanto do ponto de vista arquitetônico e urbanístico.

Haussmann tornou real a ideia de planejamento urbano, não só em termos de concepção arquitetônica, mas no que diz respeito a um modo de vida integral, um sistema de elementos inter-relacionados que serviria aos parisienses ao

¹²⁸ Rupert Christiansen, *Paris Babilônia*, p. 95.

*mesmo tempo em que controlava suas vidas. O que ele tentou e realizou, entre 1853 e 1870, não tem parâmetros: além de sessenta por cento da Paris atual permanecer de algum modo haussmannisé, seu exemplo pioneiro repercutiu em praticamente todas as grandes cidades do mundo ocidental.*¹²⁹

Essa reurbanização não aconteceu somente em Paris, ela se espalhou pelo mundo; nesse período ou pouco tempo depois, todas as cidades passaram, de algum modo, por reformas em sua organização espacial e higiênica. As cidades do mundo não se reformulavam por qualquer razão fútil, mas por causa das necessidades típicas provocadas por grandes aglomerações humanas.

*Bien qu'en France la transformation des villes ait revêtu une dimension spectaculaire à partir de 1850, les efforts de théorisation de cette pratique furent assez rares. Le long processus que fit passer Paris du statut de ville quase moyenâgeuse à celui de capitale moderne s'étendit tout au long du XIX^e s., avec une nette accélération à l'époque du Second Empire, sous l'impulsion du préfet Haussmann. Les pratiques d'aménagement jusque-là mal coordonnées et dispersées se trouvèrent fédérées sur le plan administratif et opérationnel par le développement de puis-sants services techniques dirigés par des ingénieurs des Ponts et Chaussées, héritiers des services déjà mis en place au début du siècle. Si la politique édilitaire haussmannienne s'appuya sur des traités ou des manuels techniques, elle ne fit jamais l'objet d'un effort de théorisation, bien qu'elle ait inspiré l'aménagement de nombreuses villes en France et à l'étranger. Les célèbres recueils publiés plus tard par ses deux principaux protagonistes, Eugène Belgrand (Les eaux publiques de Paris) et Adolphe Alphand (Les promenades de Paris) sont des recueils monographiques sur les travaux réalisés. Les Mémoires publiées par Haussmann em 1890-1893 sont avant tout centrées sur le cours événementiel de sa politique édilitaire, et témoignent de l'empirisme qui a sans cesse guidé sa démarche.*¹³⁰

No livro *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*, Alain Corbin retratou uma Paris que fedia. Logo, havia a necessidade de tornar aquele ambiente menos sujo e menos doente.

¹²⁹ *Idem, ibidem, loc. cit.*

¹³⁰ Bertrand Lemoine, "Urbanisme", p 1209.

*O lugar de estagnação e de acumulação por excelência é o “paul”, noção extensiva que os sábios, desde Lancisi, se esforçavam para definir. A menor poça já é ameaçadora; é o que leva a desaconselhar lavagens intempestivas. As verdadeiras bacias que se desenhavam nos interstícios das pedras disjuntas do calçamento constituem-se tais quais pequenos pântanos. As devastações, devidas à água estagnante de fossos ou de águas que se represam mais ou menos espontaneamente no campo, alimentam uma queixa inesgotável. Na escala dos perigos, as águas mais nauseabundas se acham no ápice; o pior são esses tais reservatórios, tanques ou zonas de pescaria onde se pratica a maceração do cânhamo.*¹³¹

Foi esse ambiente podre e fétido que transformou a literatura do Realismo em Naturalismo. Os textos naturalistas demonstravam os ambientes sociais mais sujos e podres, originários das altas concentrações humanas num pequeno espaço sem nenhuma infraestrutura de higiene.

*O Realismo se tingirá de naturalismo, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das “leis naturais” que a ciência da época julgava ter codificado; ou se dirá parnasiano, na poesia, à medida que se esgotar no labor do verso tecnicamente perfeito.*¹³²

Nesse ambiente urbano e populoso, levar e trazer pessoas eram necessidades fundamentais. Tanto em *Le Rouge et le Noir* como em *Les Illusions perdues* e em *Madame Bovary*, existem reclamações sobre a qualidade e a lentidão dos transportes; porém, no conto “O Bordel”, Maupassant descreveu suas personagens fazendo uma viagem rápida de uma cidade para outra a bordo de um trem. Não só o transporte terrestre mudou completamente com a propulsão a vapor, mas o transporte marítimo, que carregava o algodão produzido nas Américas, barateou muito com os navios a vapor, multiplicando a indústria têxtil.

Desse modo, o percurso que o discurso literário emprega é altamente descritivo em relação ao espaço/tempo em que está inserido. A literatura do início do século descreveu as incursões humanas em direção ao desconhecido. Num primeiro momento, predominavam a

¹³¹ Alain Corbin, *Saberes e odores*, p. 48.

¹³² Alfredo Bosi, *op. cit.*, p. 187.

floresta e o mar desconhecidos e os valores divinos em relação à moral e à estética, porque eram esses os temas que ocupavam a mente e o tempo das pessoas. Num segundo momento, predominou a relação moral religiosa com a violência da inveja, do ciúme e das aparências que a convivência social gerava nas pessoas. Tema que nasceu com a evolução dos agrupamentos urbanos.

A literatura do Realismo explorou profundamente o universo das aparências e deixou nu o homem cheio de máscaras sociais. O Realismo mostrou por um ângulo objetivo e exato, o quanto os seres humanos idealizados pelos românticos eram falsos, hipócritas e materialistas.

Por sua vez, o Naturalismo se concentrou na imagem do meio urbano, demonstrou a feiura dos aglomerados humanos sem organização nem controle higiênico. O Simbolismo encaixou as angústias humanas, derivadas do massacre social sobre os sentimentos individuais, dentro de imagens que resumem em pequenas metáforas o comportamento de toda a sociedade. Então, de qualquer ângulo que se olhe, a obra literária oferece uma exata descrição do que acontecia em determinado tempo: quanto mais obras forem lidas, mais perfeita será a imagem do sentimento que estavam em ebulição na mente dos indivíduos da sociedade de uma época.

5.2. A evolução do discurso linguístico: língua e linguagem

Os aspectos dos estudos da ciência da linguagem, no decorrer do século XIX, foram direcionados para o estudo de sua representação concreta e coletiva no mesmo sentido e proporção que as obras de ficção. Tanto o discurso ficcional quanto o linguístico são formas de demonstração discursiva que pesquisaram a maneira da representação conceitual, ou seja, a forma materializada do conceito no significante.

A língua materializada no discurso é uma fórmula que está na mente dos indivíduos. O discurso é a língua sob o prisma do indivíduo. Assim, as mudanças que ocorrem na língua são sempre fatos primeiro nos indivíduos e através deles chegam à língua.

Assim, o conceito de língua em Humboldt é a demonstração da forma idealizada de estudar as coisas do mundo conforme era característico da produção discursiva no início do século XIX. Para Humboldt, o indivíduo falante é a fórmula atuante da língua e tem o domínio sobre sua formação estética. Ele pode modificar sua língua, não só no plano

individual, como também no plano nacional. É pela força dos indivíduos falantes que a língua evolui.

Ao se dedicar à sua evolução estética, o indivíduo lapidará sua estrutura moral e intelectual. Assim, em sua relação com o mundo, ele expressa, através de seu discurso, seus pensamentos e suas ideias. Não só os conceitos formulados, mas seus conceitos serão também marcados por seu estágio de evolução estético-moral. Resumindo: em seu discurso estará representado seu estágio linguístico: o quanto ele domina a língua na organização de seus pensamentos, e também seus valores estéticos e morais.

A língua funciona como uma fórmula que ajuda os indivíduos a interagirem entre si e com o mundo real. Ela é um elemento nacional: é reflexo do espírito do povo, ou espírito-nacional. Porém, o espírito-nacional só existe na mente dos indivíduos, por-que ele é a organização cultural da nação. Desse modo, a língua, que é coletivamente nacional, só existe na mente dos indivíduos falantes. Ela faz parte do espírito-nacional, porém, ele só existe porque o falante faz uso da língua para discursar. Portanto, no discurso, ato individual, são conhecidos a língua e o espírito-nacional, que se tornam uma mesma coisa: a língua é reflexo do espírito-nacional e o espírito-nacional só existe por meio da língua.

O indivíduo, nesse contexto, é o grande responsável pela língua; mais precisamente, é o responsável pela qualidade de seu discurso. Ele tem controle sobre a perfeição de seu discurso e, para melhorar esteticamente a língua que fala, precisa melhorar a si mesmo esteticamente, uma vez que seu discurso reflete seu pensamento abstrato. O modo como o indivíduo pode melhorar a si mesmo é pelo exercício de suas faculdades envolvidas: nesse caso, a escola é fundamental. Em resumo, para Humboldt, o homem que pensa melhor, fala melhor. Nesse caso, sua língua, por ser mais perfeita, o ajuda a pensar, porque lhe oferece mais recursos.

A nação também se constitui num indivíduo, isto é, numa unidade. Ela é um espaço físico e cultural bem definido, e o indivíduo está totalmente identificado com ela. Assim, em qualquer parte da nação em que ele esteja, ele se sentirá plenamente identificado, sobretudo porque tem em si o único armazém cultural que a nação pode ter, que é a língua.

A nação é o único grupo linguístico de que o indivíduo não pode sair. Assim, toda manifestação linguística executada em qualquer parte da nação estará incluída na língua nacional, porque o espírito-nacional apresenta diferenças de indivíduo para indivíduo, mas está limitado pelos recursos e formas da língua. A língua, assim, une todas as partes da nação, mesmo que sejam distantes, pois seus recursos são sempre iguais nacionalmente.

A nação pode, por ser um indivíduo, modificar sua língua, aperfeiçoando-a para e pelo exercício do pensamento abstrato. Para isso, ela deve atuar no sentido de ensinar a melhor fórmula da língua ao povo, que, por sua vez, agirá reciprocamente na língua, lapidando suas formas. Segundo Humboldt, a nação que conseguir o intento de aperfeiçoar a língua do povo, por via da educação (único modo), terá múltiplos resultados em forma de recursos materiais, intelectuais e morais, e será superior às outras nações.

Humboldt transferiu a essência do pensamento do Romantismo para seus conceitos linguísticos. Existe em sua obra uma evidente busca pela fórmula linguística esteticamente perfeita. Ele não só determinou quais são os aspectos linguísticos perfeitos, como ensinou como os alcançar. Esse idealismo em relação ao indivíduo parece estar fundamentado em coisas muito opostas. Em primeiro lugar, parece ser uma reação contra a forma pela qual o ser humano comum fora tratado durante os séculos anteriores e até mesmo na época de Humboldt: escravidão, miséria, exploração, etc. Em segundo lugar, existia, no período, um enorme desgosto contra o ser humano, sobretudo entre os prussianos. Goethe discursou contra a violência durante toda a sua vida política, e sua obra reflete uma busca por um ser humano melhor. Humboldt, por sua vez, abandonou a carreira política ainda muito jovem por ser idealista e acreditar num Estado não autoritário e menos déspota. Assim, o idealismo em relação ao indivíduo era uma válvula de escape às controvérsias humanas e refletia aquilo que os seres humanos afirmavam como ideal.

Pelo prisma da idealização, buscando uma forma esteticamente perfeita, caminhou também a tipologia linguística. Humboldt dividiu as línguas em dois grupos: a) flexão e flexão de intenção; e b) por isolamento. Um sistema quanto o outro pode ser exercitado até à perfeição, bastando que a nação incentive o exercício do pensamento abstrato. Porém, a flexão é mais perfeita porque registra na forma do discurso todas as acepções pensadas, enquanto o isolamento deixa para dedução boa parte dos sentidos.

A flexão por intenção ou aglutinação é um tipo de flexão, porém, menos perfeito porque suas formas gramaticais são originadas de estruturas com sentidos independentes. No entanto, uma nação com uma língua aglutinante pode aperfeiçoá-la e torná-la absolutamente justa para o desenvolvimento do pensamento abstrato. De qualquer forma, todas as línguas são perfeitas porque são reflexo do espírito-nacional, e cada uma é perfeita para exprimir qualquer pensamento originado naquela nação.

A perfeição de cada língua prevê a mistura desses dois tipos linguísticos ideais, inclusive o sistema incorporador. Não há uma só língua no mundo que não esteja, sob o ponto de vista da tipologia, colocada num ponto entre o isolamento absoluto de formas e a flexão

absoluta de formas. Predominando um ou outro tipo, é cunhado em cada língua um tipo único e especificamente seu. Por isso, qualquer comparação entre línguas não pode ser feita pela transferência de uma cultura para a outra, mas cada uma como representação de sua cultura nacional.

Em Whitney a língua é uma instituição humana e concreta, como as outras instituições humanas das sociedades. Dessa forma, o indivíduo deve aprender a língua do mesmo modo que aprende qualquer outra informação. Desse modo, pode-se facilmente perceber que a língua é eminentemente social na concepção de Whitney, ou seja, é um produto da sociedade. Por estar na sociedade como uma instituição coletiva, ela é transmitida pelo contato entre os indivíduos da coletividade, passando de geração em geração: os mais velhos executam a integração dos novos indivíduos no grupo de falantes.

A língua traz em si as marcas do contexto específico em que foi cunhada. Por isso estudar a língua nacional em Whitney é tomar posse dos elementos linguísticos existentes naquele ambiente, de modo a usá-los de uma maneira melhor. Uma vez que o indivíduo seja linguisticamente maduro, ele pode modificar a língua de sua nação, fazendo acréscimos ao contexto da língua por força da colocação em evidência de aspectos que estavam latentes. De qualquer forma, o indivíduo só pode modificar a língua se alguma parte de seu discurso for integrada, pela coletividade, na língua. Assim, quem modifica a língua é a sociedade e não o indivíduo.

Em Whitney, a distinção entre língua e linguagem é clara:

Il paraît donc évident que le langage est naturel à l'homme.¹³³ (...) Le langage proprement dit est un des caractères fondamentaux de la nature humaine, une de ses facultés principales.¹³⁴ Quelle que soit la langue que l'homme s'approprie elle devient son mode nécessaire de pensée, aussi bien que de parole.¹³⁵ (...) Cela est assez vrai; en un sens, ce n'est pas l'individu, c'est la société qui fait et qui change la langue.¹³⁶

A linguagem é uma capacidade inata aos seres humanos, enquanto a língua é uma materialização social e histórica dessa capacidade. Dessa forma, a linguagem humana não muda: o que muda é a língua, que é fruto da força do pensamento atuando na linguagem.

¹³³ Whitney, *La Vie du langage.*, p. 2.

¹³⁴ *Idem, ibidem*, p. 3.

¹³⁵ *Idem, ibidem*, p. 18.

¹³⁶ *Idem, ibidem*, p. 123.

Dessa relação, duas conclusões importantes podem ser tiradas: a linguagem só existe para a expressão do pensamento; e a língua é a forma concreta e coletiva da união do pensamento com a capacidade de linguagem.

Whitney quase não usou os termos *fala* ou *discurso*, conceito que não aparece explicado em seu texto. Porém, ele usou o termo “language” em duas acepções: uma como “capacidade humana”, a outra como a “materialização da língua” como discurso. No entanto, apesar de evidentemente ter compreendido a diferença, não se pode dizer que Whitney distinguiu o conceito de “fala” num termo específico, como Saussure.

Whitney tem claramente pensamentos situados numa sociedade já muito preocupada com os problemas coletivos. Ele era professor, num país cheio de imigrantes e índios, um país que precisava descobrir uma identidade para si mesmo. Seu campo de observação estava muito distante dos problemas relacionados com a origem do grupo indo-europeu, e, apesar de ter sido estudioso dos comparatistas, principalmente de Bopp e Humboldt, sua inspiração estava direcionada para a cultura em formação que caracterizava seu país.

Assim, a clara separação que Whitney fez entre a linguagem e a língua, sendo essa última uma instituição concreta, que podia ser aprendida como qualquer outra instituição nacional, encontra respaldo no ambiente em que vivia: muitos indivíduos de muitas origens, todos aprendendo a viver no novo país e a falar a língua da nova Pátria.

Saussure separou claramente os conceitos de linguagem, língua e fala. A linguagem é definida como uma capacidade humana, como definiu Whitney — porém, diferentemente de Whitney, a língua não é uma instituição social semelhante às outras em todos os pontos. Segundo Saussure, *não é a linguagem que é natural ao homem, mas a capacidade de construir uma língua.*¹³⁷ Ao lado desses dois conceitos, Saussure definiu a “parole” (fala/discurso), que é a atuação individual, a “performance” do falante, ao materializar seus pensamentos em forma de sons.

Saussure delimitou esses três conceitos com a intenção de encontrar o objeto de estudo da Linguística. A preocupação clara de Saussure é definir a Linguística enquanto ciência: seu objeto de estudo, seu espaço de atuação, as ciências às quais estava ligada, qual a contribuição social a se esperar dela, etc. No entanto, sua proposta de criar uma ciência do signo (Semiologia) não se tornou uma realidade para os estudos do signo. Em sua evolução no século XX, a Linguística, que na sua opinião deveria se ocupar só da língua, seu verdadeiro e único objeto, ligou-se às mais diversas ciências. De uma forma geral, ela assumiu muitos

¹³⁷ Saussure, *Curso de lingüística geral*, p. 18.

estudos sobre muitos signos, que vão um pouco mais além dos limites do signo linguístico: são exemplos a Psicolinguística, a Neurolinguística, etc.

Saussure propôs inúmeros estudos e campos de estudos para a ciência da linguagem. Além da Semiologia e de ter criado a Semântica, ele propôs a divisão dos estudos linguísticos na relação da língua com o tempo: os estudos sincrônicos e diacrônicos.

*Est-ce qu'on peut reunir un ensemble de faits diach. et un ensemble de faits synch. dans la même étude (?) Ils apparaissant comme d'ordres diff.*¹³⁸

Essa distinção entre estudos sincrônicos e diacrônicos permite classificar, segundo o interesse científico principal de uma época, a evolução dos estudos da linguagem. A Gramática Tradicional, por visar a distinguir modelos corretos dos incorretos, organizava estudos sincrônicos. Do mesmo modo, são de ordem sincrônica as gramáticas normativas das línguas, porque registram, para um determinado tempo, a língua de prestígio de uma nação.

A Filologia e a Gramática Comparada são estudos eminentemente diacrônicos, porque se relacionam com a língua numa perspectiva histórica. Dessa forma, no século XIX predominaram os estudos de ordem diacrônica, uma vez que os comparatistas e os neogramáticos, de um modo ou de outro, buscavam estabelecer as origens para as línguas. Até mesmo Humboldt, Whitney e Saussure fizeram predominantemente estudos diacrônicos.

Está claro na obra de Saussure que ele estava envolvido com as exigências que a sociedade fazia aos cientistas, o chamado Cientificismo. Saussure não podia conceber, como era típico em seu tempo, que um estudo científico pudesse ser feito de um modo que não possibilitasse um controle metodológico dos resultados e do percurso a ser seguido na direção de um resultado. Por outro lado, qualquer explicação que Saussure tenha dado para os conceitos da língua não escapou das influências predominantes em seu tempo: a Economia, a Psicologia e a Sociologia. Essas duas últimas, principalmente, estavam muito presentes na atuação filosófica no final do século XIX. Assim, as partes da língua são eminentemente psíquicas, como prova o circuito da fala; porém, ela é cunhada no seio da sociedade, e sua definição tem contornos muito semelhantes à definição do fato social.

É fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral

¹³⁸ Anotações de Emile Constantin Biblioteca Pública e Universitária de Genebra. Caixa Ms Fr 3972. Cahier XVI, p. 240. Semestre de inverno de 1910/1911.

*na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais.*¹³⁹

No modelo de trabalho aplicado pelos três linguistas, podem ser encontrados claramente os traços das filosofias e dos fatos sociais predominantes em cada época, e, também, os interesses e os elementos que influenciavam a vida particular de cada um dos estudiosos.

Quanto a Humboldt, ele tinha evidentemente a preocupação de estabelecer uma origem para as línguas; a diferença dele para os outros comparatistas é que ele fez uso de uma metodologia que visava a encontrar a origem das línguas na organização intelectual, enquanto os outros estavam preocupados com a língua originária. Humboldt não comparou as línguas para determinar parentesco entre elas, mas para encontrar a fórmula intelectual de sua produção.

Whitney estudou muito o indo-europeu, mas, por ser gramático e professor, estava mais preocupado com a evolução da língua na relação com a aquisição dos recursos linguísticos pelos indivíduos. Apesar de sua formação totalmente europeia, ele era da América do Norte — um mundo que conhecia com clareza sua origem e que tinha problemas linguísticos de ordem prática muito evidentes, como a enorme quantidade de estrangeiros, vindos de todas as partes do mundo, falando muitos idiomas de tipologias linguísticas diferentes, além de ter muito próximas a si muitas línguas indígenas, também desconhecidas. Por isso, a preocupação de Whitney em relação à origem da linguagem de seu povo devia ser secundária, enquanto devia ser fundamental a necessidade de criar uma cultura, linguisticamente educada, em seu país. Por isso, sua preocupação histórica se dá em relação à evolução da língua em todos os seus aspectos, principalmente quanto ao amadurecimento intelectual dos indivíduos.

Saussure estudou predominantemente o indo-europeu, e seu trabalho mais importante nesse domínio é o *Mémoire*. Apesar desse detalhe, ele é conhecido pela ampla divulgação que teve o livro *Curso de linguística geral*. O *Mémoire*, que foi seu primeiro trabalho publicado, faz um levantamento exato de tudo que havia sido escrito sobre as vogais do indo-europeu e das línguas europeias. Saussure, como todos os comparatistas e neogramáticos europeus, estava preocupado com a origem de sua civilização.

Outro exemplo da atuação dos interesses sociais e pessoais na obra científica desses três linguistas é o sânscrito. Humboldt tinha uma visão extremamente idealizada desse

¹³⁹ Émile Durkhéim, *As regras do método sociológico*, p. 13.

idioma. Dos tipos lingüísticos, o sistema flexional é o mais perfeito, e, das línguas que empregam o sistema flexional, o sânscrito é o que explora esse sistema no maior grau de perfeição. Dessa forma, o sânscrito aparece na obra de Humboldt como o tipo lingüístico mais adequado ao desenvolvimento do pensamento abstrato. Saussure também estudou e ensinou sânscrito, mas, diferentemente de Whitney, que se dedicou a estruturar uma gramática normativa desse idioma, procurou no sânscrito respostas para as dúvidas da origem das línguas europeias.

A comparação da obra dos três apresenta uma evidente trilha da evolução da sociedade durante o século XIX. Os três transpõem para o discurso científico que praticavam as preocupações básicas da sociedade em que viviam. Por isso, o modelo da relação intelectual varia muito entre os três, mas o resultado obtido parece ser uma contínua repetição. As diferenças conceituais entre eles são, na maioria das vezes, muito pequenas, mas todas as explicações, mesmo que semelhantes no conceito, se diferenciam profundamente quanto à essência social de que se origina.

5.3. Outros conceitos

5.3.1. Humboldt e o conceito de geração lingüística

As gerações são períodos que não têm tempo exato de duração. Elas são marcadas por eventos de qualquer natureza que sacodem a sociedade num determinado ponto/ momento. Em geral, esses eventos ocorrem a todo instante e seus efeitos e proporções são mensuráveis de acordo com o número de indivíduos por ela atingidos.

Del mismo modo que ciertos individuos pueden, por la fuerza de su peculiaridad, conferir al espíritu humano un nuevo impulso en una dirección nunca antes descubierta, las naciones pueden tener idéntico efecto sobre la formación de las lenguas.¹⁴⁰

Movimentos culturais surgem de uma atitude individual ou coletiva em algum lugar e, de acordo com sua aceitação, são espalhados por todas ou algumas partes da humanidade. São eminentemente lingüísticos, mesmo quando usam materiais não-lingüísticos, porque são obras do pensamento.

¹⁴⁰ Humboldt, *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano*, p. 58.

Os românticos eram filósofos, como o é qualquer indivíduo que produza linguagem. A língua é filosófica sempre, ou melhor, o conhecimento é filosófico. Os românticos estudaram a linguagem como formadora de conceitos: a língua é um conceito. Os românticos faziam filosofia: aqueles que estudavam as línguas eram filósofos da linguagem.

A língua, então, é construtora de ideias e é portadora de ideias. O pensamento se serve dela para existir e a transforma segundo sua necessidade. A língua como movimento coletivo e nacional envolve e engloba qualquer produção do pensamento, que é sempre individual. Em qualquer tempo e lugar, a língua é a soma absoluta da história da nação na óptica do indivíduo que discursa.

Humboldt deixou claro que a produção discursiva do indivíduo resulta de suas experiências passadas, que estariam registradas em sua memória. No nível coletivo, essas experiências estão registradas no espírito-nacional, que os indivíduos ficam conhecendo por meio da língua. Logo, o discurso é produzido pelo indivíduo segundo suas experiências passadas, que estariam registradas em sua memória em forma de língua.

Humboldt deixou em sua obra marcas que fazem pensar na língua como algo além do palpável, além da matéria — em oposição ao discurso, que é matéria. Quando falou sobre o discurso poético, explicou que o poeta é alguém capaz de se conhecer e de conhecer o outro. Por isso o poeta é capaz de revelar um discurso que não é o óbvio e que está muito mais próximo do ideal. Pode-se dizer que Humboldt buscava uma explicação científica para aquilo que seus contemporâneos, artistas das letras, descreviam em forma de poesia, ou seja, a linguagem na sua forma ideal.

Se o discurso é individual e revela o espírito do indivíduo e se a língua só existe em forma de discurso, a língua é então uma criação da psiquê dos indivíduos. Se os indivíduos criaram a língua, eles o fizeram por algum motivo. O discurso revela o espírito dos indivíduos; ele revela e registra as necessidades individuais. Por conseguinte, a língua foi criada pelos indivíduos para que eles pudessem sair da própria mente: a língua é, por assim dizer, uma saída, uma válvula de escape para os indivíduos mostrarem seus sentimentos.

Mas a língua é reflexo do contexto nacional. Assim, é a nação que deve desejar a perfeição estética. Se a nação, em todos os seus indivíduos, for treinada intelectual-mente para procurar o aperfeiçoamento, então essa nação será superior.

Humboldt questionava a organização sociopolítica, como é típico em toda a literatura do período. Essa sua busca do ideal sociopolítico colocou um fim à sua carreira política, mas o linguista em que se tornaria não era menos austero e idealista.

Foram esses sentimentos e conceitos que causaram as revoluções filosóficas dos séculos XVIII e XIX. Foram eles também que causaram as modificações quanto à estética urbana, ou seja, fizeram observar a aparência do espaço físico como símbolo do estágio da perfeição dos indivíduos.

5.3.2. Whitney e as mudanças nas línguas

Como se disse anteriormente, Whitney se ateu ao contexto da língua materializada. Ele buscou as explicações para a evolução ou as mudanças nas línguas, nas próprias deficiências do sistema. As mudanças nas línguas são sempre ocasionadas por atitudes dos falantes, ou são obra do próprio discurso. Na verdade, o indivíduo tem sempre um comportamento de negação do esforço, numa inconsciente defesa contra a fadiga.

De outra forma, existe uma instigante colaboração do sistema no sentido de incentivar e aceitar essa forma racional de abreviar a duração do trabalho físico. Assim, o indivíduo e a língua colaboram para concretizar objetivos num tempo mais curto com o mínimo de fadiga. O movimento linguístico tende para determinadas simplificações na pronúncia, que são modificações que acontecem em função de uma generalização ou diminuição das diferenças entre os sons.

Imensa quantidade de palavras sofre mutilações em seus finais por força do comportamento humano, bastante comum, de abreviar as palavras. Essa é uma maneira muito frequente de modificação na forma das palavras, em função de uma redução em seu tamanho. Whitney, em todo o seu texto, deixou claro que o ser humano tende para a redução do esforço. A lei do menor esforço acontece porque o indivíduo, ao continuar o que aprendeu pelo processo de repetição, quase nunca é crítico quanto à qualidade dessa repetição.

É quase irresistível não procurar uma razão para essa lei de menor esforço na agitada realidade da vida cotidiana em sociedade. Na verdade, existe uma evidente tentativa de abreviar o tempo despendido na produção linguística, que parece ser uma característica humana. Porém, Whitney explicou desse modo os fatores da modificação nas línguas não por acaso: a sociedade em que ele viveu já havia entrado no processo mecanizado de produção, em que tempo é dinheiro, e menos tempo é mais eficiência.

Esses fenômenos de mudanças estão imbricados nos hábitos nacionais. Cada povo age no contexto de seu idioma de uma maneira, sendo que esses comportamentos nacionais

podem ser esquematizados de forma clara. Para esquematizar esse comportamento basta estudar a língua ao longo de sua história.

*Mais, tandis que la tendance est la même partout, la manière dont elle se manifeste par l'abréviation est très-variée, et pour comprendre cette variété, il faut connaître les habitudes de la langue à laquelle chaque manière appartient. Les langues germaniques sont toutes caractérisées par un accent assez radicale des mots dérivés ou inflexionnels et sur le premier membre des composés. Ce mode d'accentuation est lui-même un exemple de changement phonétique, car il n'appartient à aucune des langues parentes des langues germaniques, pas même aux langues slaves, qui sont généralement regardées comme celles qui s'en rapprochent le plus.*¹⁴¹

*Dans la langue française, l'histoire du changement est quelque peu différente: on n'a pas, généralement, transporté l'accent latin d'une syllabe à une autre; mais on a abrégé, ou supprimé, tout ce qui dans le latin suit la syllabe accentuée, laquelle est devenue la syllabe terminale (en ne tenant point compte de l'e muet) de tout mot français régulier: ainsi, dans peuple (de populum), dans faire (de facere), dans prendre (deprehendere), dans été (de aetatem et de statum).*¹⁴²

Essas alterações nas palavras, genéricas nas línguas, são feitas pelo falante para sua comodidade e podem ser associadas a muitas outras alterações semelhantes no contexto da língua.

A grande tendência das mudanças linguísticas está muito mais concentrada nas formas das palavras que no conteúdo. Nenhuma estrutura de palavra é definitiva, porque os seres humanos tendem a acomodar os elementos para facilitar o desenvolvimento linguístico. Whitney esclareceu que isso acontece, não só por razões de economia, mas também por preguiça. Assim, as palavras são abreviadas quando são escritas, os nomes são reduzidos a formas simbólicas, etc. Esse comportamento em nada prejudica o sentido das palavras, comprovando a independência entre a forma e o sentido. Evidentemente, essa grande lei linguística está apoiada no comportamento geral dos homens e em nada prejudica o

¹⁴¹ Whitney, *La Vie du langage*, p. 45.

¹⁴² *Idem, ibidem*, p. 46.

desenvolvimento da humanidade. Segundo Whitney, o ato é mais curto e o resultado é o mesmo.

De qualquer forma, por mais estranhas e diferentes que as mudanças possam parecer, facilmente pode ser encontrada uma lei que interfere de modo constante na língua: todas as mudanças são realizadas de maneira característica, seguindo o padrão instituído na língua desde sua origem.

As palavras são mantidas em uso nas línguas e são transmitidas de geração em geração por um sistema de repetição e cópia dos comportamentos tradicionais. Nesse consenso entre os falantes, sentidos e formas são perpetuados por via da tradição. Se nenhum movimento contrário acontecer, essas formas são eternizadas na língua. Porém, sempre ocorre que soluções de continuidade fazem com que palavras desapareçam. O desaparecimento de palavras ocorre por causa da mesma razão que gera a continuidade. Portanto, continuar ou desaparecer depende da escolha que uma comunidade linguística faz em certos momentos por certos aspectos da sua linguagem.

A principal justificativa ou o objetivo geral dos acréscimos ou das transformações que as línguas sofrem, é o de aperfeiçoar a expressão do pensamento. É dessa forma que as novas ideias desenvolvidas na língua precisam de signos também novos que alcancem o sentido exato que elas necessitam. Por outro lado, velhas ideias são mais valorizadas quando são alcançadas pelo espírito com melhores meios de expressão.

Em todas as situações de transformação, o espírito movimenta o sistema da língua e as palavras sempre têm seus significados afetados, ou seja, seus limites e sua mobilidade são sempre alterados de alguma forma. As mudanças acontecem intensamente com toda a língua: age como uma onda que atinge todo o sistema, incorporando e modificando significações de algumas palavras, transformando-as em outras. Tudo isso resulta do desenvolvimento ininterrupto do pensamento humano. Assim, toda a sociedade, a cada período de tempo, sofre uma total transformação — isto é, todo material acumulado em forma de conhecimento é destruído e reconstruído. O pensamento humano age de modo revolucionário, subvertendo e redefinindo conceitos e redimensionando valores. Todos esses acontecimentos exigem uma adaptação do pensamento e da língua em geral.

Em primeiro lugar é preciso reconhecer que a língua se molda às necessidades dos indivíduos, quando a situação exige adaptação a novas realidades. Em segundo lugar, é o pensamento do indivíduo que sempre vai além na sua criatividade daquilo que é habitual na língua. Dessa forma, existe uma correspondente relação de adaptação entre língua e pensamento. Nesse contexto, pode-se afirmar que é o indivíduo que causa as modificações na

língua. Porém, considerando o que Whitney afirmou, é a sociedade que modifica a língua: as transformações ocorrem quando a coletividade ou a sociedade assimilam uma contribuição de um de seus falantes. Whitney, nessa afirmação, demonstrou que a posição do indivíduo perante a sociedade é sempre de rebeldia, e que a sociedade necessita dessa objeção a suas instituições para se manter atualizada. A língua, como uma das principais instituições da sociedade, é uma das que mais necessita dessa rebeldia dos indivíduos, porque são os atos individuais de fala que mantém ativas e ajustadas as formas da língua.

Quando falou em mudança linguística, Whitney estava descrevendo seu próprio pensamento a propósito da linguagem. As transformações que são desenvolvidas no pensamento de forma coletiva têm efeitos imediatos ou concomitantes na língua. Assim, pode-se notar que, quando Whitney intitulou seu livro de *The Life and Growth of Language* [= A vida e o desenvolvimento da linguagem], ele não estava dizendo apenas que ia estudar a história da linguagem, mas que a linguagem possui um movimento parecido com o movimento dos seres que possuem vida — ou seja, ele estava falando da linguagem com vida. Esse movimento animado caracteriza a presença do elemento humano no contexto linguístico. As constantes modificações nas línguas revelam mais a instabilidade do produtor que a do produto. É evidente que Whitney estava inspirado pelos elementos do mundo em que estava inserido. No século XIX as mudanças sociais exigiram que o homem pensasse na reorganização de sua vida, tanto do espaço físico quanto do espaço psicológico. A Linguística o acompanhou, não só se tornando mais prática, mas também assimilando essa metodologia de trabalho: a de resolver os problemas que atingiam a coletividade. Ela deixou de ser filosofia pura e ganhou elementos voltados para o uso prático.

5.3.3.A sistematização linguística na obra de Saussure

No curso de linguística geral que Saussure ministrava em Genebra, percebe-se nitidamente que ele sabia que estava formando uma nova categoria de pensadores para uma nova ciência: a Linguística. Saussure observava o conceito de ciência a partir daquilo que acreditava ser o campo de atuação dessa ciência. Por isso, para determinar o conceito e para a organização da Linguística como uma ciência, sua obra de criação requeria determinar o objeto de estudo, a dimensão de atuação e as outras ciências possivelmente relacionadas com a Linguística.

Para Saussure não havia ciência sem sistematização. Esse comportamento, é óbvio, Saussure o assimilou do movimento social que norteava todos os estudos científicos no período. Ele iniciou seu curso de linguística geral construindo uma história mínima dos estudos sobre a linguagem, apontando as limitações e os erros do passado. Esses erros, em sua maioria, aconteceram pela ausência dos elementos que realmente fariam a existência de uma ciência dos estudos da linguagem. De qualquer forma, pode-se observar que Saussure acreditava serem imprescindíveis esses estudos sobre as línguas para o desenvolvimento da ciência da linguagem. Certamente ele considerava que esses estudos representavam estágios, em degraus, do desenvolvimento da ciência da linguagem. Finalmente, depois de todos esses ensaios e experimentos, ela poderia ser considerada uma ciência.

Verdadeiramente, o desenvolvimento desse relato no curso de linguística geral, mesmo que abreviado, teve por objetivo chegar ao estabelecimento dos avanços técnicos alcançados sobre o conhecimento da linguagem desde os primeiros estudos. Esse levantamento, por outro lado, mostrou os métodos de trabalho que foram aplicados ao longo da história, verificando o aperfeiçoamento do objeto de estudo e da organização metodológica.

Le cours traitera la linguistique proprement dite, et non de la langue et le langage. Cette science a passé par de phases defectueuses. On reconnaît 3 phases, soit 3 directions suivies historiquement par ceux qui ont vu dans la langue un objet d'étude. Après est venue une linguistique proprement dite, consciente de son objet.¹⁴³

Saussure indicou o nascimento da Linguística propriamente dita entre o final do século XIX e início do século XX. Os três períodos dos estudos da linguagem, Gramática Tradicional, Filologia e Gramática Comparada, não são, de forma alguma, considerados por ele como períodos da Linguística, mas de ciências que antecederam o estabelecimento do verdadeiro objeto de estudo da Linguística. Para ele somente existiria uma ciência Linguística quando seu objeto de estudo fosse determinado de modo consciente. Assim, a Gramática Tradicional, que visava a estabelecer a língua correta e a língua incorreta; a Filologia, que perdurava até o período de Saussure, tendo como método o espírito crítico diante do texto; e a Gramática Comparada, que se ocupava basicamente da origem das línguas — tinham objetos de estudos específicos, eram ciências independentes.

¹⁴³ Saussure, *Curso de linguística geral*, pp. 7 e 8, *passim*.

Segundo Saussure, Bopp, ao iniciar os estudos da Gramática Comparada, não tinha classificado essas línguas com uma visão historicista e etimológica, mas tinha entendido a possibilidade de estudar o fato em si mesmo. Seu mérito não fora o de esclarecer as similaridades entre o sânscrito e as línguas clássicas ocidentais, mas o de ter reconhecido que ali, nas relações exatas que ligam uma língua a outras línguas da mesma família, havia uma matéria para estudos. O que Saussure fez entender é que o fenômeno da diversidade dos idiomas sobre a face do planeta fora demonstrado por Franz Bopp como objeto digno de estudo em si mesmo.

Com os neogramáticos terminou o percurso dos estudos comparativos das línguas. Saussure aponta uma data entre 1870 e 1874 para o fim do primeiro período, que ele chamou de “período de hesitações” (*période de tâtonnements*). Num segundo período, pressupunha-se o reconhecimento do objeto de estudo da Linguística e se tentava desenvolver uma metodologia de pesquisa própria.

Ao colocar o período de 1870 a 1874 como o fim das hesitações, Saussure faz pensar que estava considerando 1875 como o marco inicial do reconhecimento do objeto de estudo da Linguística. O ano de 1875 é a data da publicação do texto *La Vie du langage* de Whitney. Whitney escreveu sobre os objetivos e o objeto de estudo da Linguística, e seu texto é uma das principais fontes de estudos para Saussure. Pode-se concluir que Saussure considerou o texto de Whitney como um marco da história da Linguística, também quanto à definição do seu objeto de estudo.

A demonstração do objeto de estudo da ciência Linguística foi o segundo tema das aulas do curso de linguística geral. Quanto à metodologia aplicável, Saussure insistia na necessidade da inovação, já que considerava que a metodologia utilizada pela Filologia Clássica não poderia ser aplicada à Linguística. Ele aventava a necessidade de os linguistas procurarem esses recursos metodológicos fora da Filologia, em outras ciências. É evidente sua compreensão de que a nova ciência devia entender as línguas como um produto do espírito humano. Ele argumentou que a língua é uma obra do espírito coletivo; logo, era por esse prisma que a metodologia da Linguística deveria ser desenvolvida.

Conclusão

À guisa de conclusão, pretende-se aqui oferecer uma clara medida do relacionamento entre a condição de cidadão de um lugar e de uma época com aquilo que produziu.

Essa ideia é facilmente perceptível em relação aos autores de ficção. Em cada obra, principalmente nas narrativas, especificamente nos romances e contos, ocorre uma evidente tradução do pensamento e sentimentos dos produtores dos textos no que se relaciona ao espaço físico, à situação econômica, às perspectivas sociais, aos interesses religiosos e à fórmula do pensamento nacional. A criação desses sentidos pode ser observada em Chateaubriand, em Hoffmann, em Stendhal, em Balzac, em Flaubert e em Maupassant, ou em qualquer outro autor da literatura mundial.

Nos textos de Chateaubriand, *Atalá* e *René*, estão presentes os valores da colonização, seus resultados econômicos e suas misturas étnicas, e os valores religiosos, sobretudo, aqueles que afetavam a mulher. Chateaubriand registrou a essência dos sentimentos de sua época nessas narrativas. A sociedade europeia estava cansada e angustiada com o processo de colonização, mas também sabia que não podia mais existir sem os recursos extraídos das colônias.

É notório que, nos textos de Chateaubriand, o modelo humano apresentado, representado pelas personagens, demonstra um certo exagero quanto à fidelidade e à pureza. Esse elemento denota claramente o exemplo que essas personagens são como seres humanos: são perfeitos, são formas que realmente representam um suposto projeto divino para o ser humano. Na verdade, são símbolos da idealização do indivíduo típica do Romantismo. Por outro lado, essas personagens são demonstrações do desgosto e das decepções que causavam certos comportamentos religiosos e morais, principalmente porque, no período, religião e moral estavam sempre juntas.

Hoffmann, em seus contos “O vaso de ouro” e “O homem da areia”, desenvolveu uma contestação da materialidade absoluta. Os elementos característicos de seus textos discordam de um conjunto de fatores socioculturais que impelem os indivíduos para bem longe daquilo que eles não compreendem. O valor conceitual dado pela razão humana para a matéria, quando é contrariado de alguma forma, não permite aceitar alguns fatos como reais. Os textos

de Hoffmann criam uma realidade subjetiva e provam que o inacreditável existe e é tão real quanto qualquer elemento da lógica racional.

No Romantismo não existia o absoluto. O inusitado que Hoffmann criou, estava relacionado com o espírito da época. O Romantismo é parte do início da cientifização da sociedade, e contribuiu estudando o indivíduo. Hoffmann, nesse sentido, é profundamente romântico quando estuda um dos lados ocultos do ser humano. De um modo explícito e bem humorado, conscientiza o leitor da existência do sobrenatural, criado pelos seres humanos. Hoffmann registrou um sentimento de questionamento que existia naquela sociedade sobre a interferência das emoções dos indivíduos na sua razão. Aquela sociedade sabia muito pouco sobre as doenças do cérebro humano. Hoffmann parece zombar dessas angústias dos indivíduos, que temiam a loucura.

Os textos *Le Rouge et le Noir* de Stendhal, *Les Illusions perdues* de Balzac e *Madame Bovary* de Flaubert retratam uma sociedade muito semelhante. A diferença entre os três, sob o ponto de vista da descrição da sociedade, está no estágio da evolução do espaço urbano que aconteceu de 1828 a 1857, período aproximado da publicação da primeira e da última dessas três obras.

Em *Le Rouge et le Noir* as cidades começam a se modificar. O elemento humano é todo ele romântico. As formas ainda são todas idealizadas e de valorização do indivíduo. O que está em discussão nesse texto é a classificação que aquela sociedade fazia dos seres humanos. No contexto estão demonstrados o papel dos religiosos e dos políticos na sociedade, o início da organização e do crescimento das cidades e a hipocrisia das relações conjugais por conveniência.

Nesse texto, Stendhal registrou a rejeição entre as classes sociais e criou uma imagem da sociedade que demonstra que as classes privilegiadas não se misturavam às classes mais baixas. Essa resistência era capaz de matar um indivíduo de uma classe inferior que, por suas qualidades individuais, fosse forte o bastante para encantar o oponente da classe superior e vencer as barreiras da ascensão social. Se Stendhal disse que as classes sociais não se misturavam, despertando uma crítica a esse comportamento, significa, por outro ponto de vista, que nessa sociedade a mistura já era possível, por isso a resistência e o medo das classes superiores de serem invadidas.

Em *Les Illusions perdues* o elemento principal da narrativa ainda é predominantemente romântico, mas esse elemento romântico é derrotado pela força do indivíduo materialista e realista. Nesse texto de Balzac, os espaços urbanos já estavam nitidamente construídos e eram pequenos, médios e grandes. Em cada um deles a vida em

sociedade se desenvolvia de uma maneira específica. Balzac mostrou claramente que, com a evolução dos espaços urbanos, a competição pelos bens materiais sufocaria os sentimentos e mataria os sonhos. Balzac iniciou a morte do elemento romântico. Nesse texto, a morte dos sonhos simboliza a morte das personagens principais nos textos do Romantismo. No Romantismo, morre-se por amor, ou por pureza, ou por ingenuidade, ou por virtuosidade. No texto de Balzac, morre a forma romântica de ser, sobrevivendo a forma realista e mais racional.

Balzac registrou um pensamento nesse texto que conota que a sociedade tinha modificado a forma básica de ser e que daquele momento em diante tudo tenderia cada vez mais para a forma materialista, comercial e realista de ser. As personagens que sobrevivem e se sobressaem nessa história de Balzac são aquelas que utilizam sua inteligência de uma forma racional, no sentido quantitativo e produtivo. Ficam derrotadas e inferiorizadas aquelas personagens que não usam sua inteligência para produzir bens materiais. Essas simbolizam os indivíduos que seriam excluídos do sistema que se implantava.

Em *Les Illusions perdues*, a elevação social já é possível. Uma das personagens, o Cointet Grande, enriquece e ganha projeção social. No início da narrativa é um simples provinciano, mas no final já é ministro de Estado e com certeza adquiriria uma posição na nobreza, seja pela compra de um título ou pelo casamento com uma mulher da nobreza.

Em *Madame Bovary*, a personagem principal é uma mulher. Esse texto é uma crítica ao comportamento romântico, daí ser uma mulher a personagem principal, por-que a mulher sempre foi a principal personagem da idealização do Romantismo. Nesse texto, as fantasias e as ilusões típicas do Romantismo, bem como a lentidão intelectual dos sentimentalistas, morrem. Nesse contexto, sobrevive o mais forte e mais esperto; a religião quase não aparece como tema; fica de certa forma patente que a Igreja não era mais a principal instituição, ela era somente mais uma instituição da sociedade. Flaubert mostrou a incompetência da medicina, a ineficiência dos transportes e a ignorância da vida por aparências; por outro lado, mostrou a elevação do comerciante eficaz e a maturidade dos espaços urbanos. Nesse contexto, não há mais discussão quanto à posição social dos indivíduos — as personagens não estão espacialmente separadas por títulos ou posição social: as personagens são todas burguesas, tanto os nobres quanto os plebeus. Flaubert fez uma apologia à força moral e à racionalidade. Nesse texto, a moral não está vinculada à religião. Não é mais a religião que determina o que é aceitável ou não socialmente. Verdadeiramente, o mais importante socialmente nesse texto é a capacidade de fazer a sociedade melhorar, e a capacidade de construir e melhorar a vida em sociedade. É por isso que é o farmacêutico Homais, que é

competente em vender sua inteligência, que termina a narrativa recebendo a comenda de Honra ao Mérito.

Maupassant, em seus contos, descreveu uma sociedade completamente modernizada. O transporte já é feito por trens e as histórias são quase sempre urbanas, descrevendo as vicissitudes e as dificuldades dos seres humanos. A prostituição e a exploração das mulheres, as dificuldades de sobreviver naquela sociedade e até mesmo o homossexualismo foram temas de Maupassant.

Na obra de Maupassant existe uma mistura Realista/Naturalista e Simbolista. Ele criou modelos de comportamento através de suas personagens. Tanto é assim que as discussões sobre o Nacionalismo, as discriminações por razões nacionalistas, em geral ocorridas em períodos de guerra, sempre resultam da disputa entre pessoas de nações diferentes. O Nacionalismo em Maupassant era o principal elemento que iniciava as guerras. Em Maupassant, a sociedade é mais importante que o indivíduo. Ele não discutiu posições individuais: discutiu a sociedade e a inclusão do indivíduo, em geral marginal, nas exigências legais dessa sociedade. Invariavelmente, Maupassant resgata a honra da Pátria através de um ser humano desprezado pela sociedade. Nos textos que tratam desse conceito de sua literatura, Maupassant resgata e valoriza posições individuais escolhendo para herói sempre o ser humano mais desprezado.

Assim, através da contextualização social feita por cada um desses autores nas diferentes épocas, pode-se estabelecer o modelo de sentimentos e desejos predominantes no comportamento social em cada período da história. Desse modo, é possível compreender o comportamento dos diversos segmentos sociais durante esse período. Ao verificar o local e a época em que viveu um indivíduo, é possível antecipar seus conceitos e quais sentimentos predominam nos seus conceitos.

Numa perspetivação dos teóricos alinhados neste texto na discussão sobre a evolução do caráter dos indivíduos, pode-se ter uma clara medida da ação da necessidade social predominante nos sentimentos e nas razões que impulsionavam os intelectuais a repensar a parte da sociedade que mais os atraía.

Christian Wolff era prussiano. Conviveu com as fórmulas filosóficas extremadas que marcaram o século XVIII. Sua posição: discutir a sociedade em que vivia sob o ponto de vista da filosofia de que era adepto, o Racionalismo. Até aquele momento, predominavam as lideranças (reinados) que faziam do poder por herança sua única razão de governar. Wolff propôs, então, que o Estado que tivesse um rei que fosse um filósofo teria grandes vantagens. Inevitavelmente, ele faz pensar que os reis não eram grandes sábios, ao mesmo tempo em que

propõe que a razão devesse ser esteticamente aperfeiçoada antes de ser empregada na liderança. O Estado que tivesse a sorte de ter um líder pleno da sabedoria dada pelo treinamento estético da racionalidade estaria em grande vantagem. Com essas ideias Christian Wolff influenciaria a base do pensamento filosófico do Romantismo e de toda a Era Romântica, em que a evolução estética ou intelectual do intelecto passou a ser o objetivo de algumas das maiores instituições públicas.

Adam Smith foi um economista inglês no século XVIII, um período em que o sistema de capital e de consumo de bens estava sendo brutalmente ampliado com a evolução do processo de produção mecanizado. Essa nascente indústria de grande produção gerava problemas de organização social relativos à distribuição e à comercialização desses bens. O Estado era chamado a agir, mas não tinha uma fórmula adequada para fazê-lo. Adam Smith buscou na filosofia racionalista uma fórmula econômica que permitisse ao Estado se portar do modo mais adequado possível perante o novo modelo econômico. Ele não só reviu a posição do Estado em relação ao mercado e à produção, mas também mostrou um novo ponto de vista para o Estado em relação ao indivíduo comum e seu trabalho. O momento e o local eram propícios para essa revisão no modelo econômico: só poderia surgir ali uma teoria que discutisse o modelo econômico vigente, uma vez que a Inglaterra do período possuía a única indústria de produção em larga escala do mundo.

No período a partir de 1780, evidenciaram-se fantasias e sentimentos que os seres humanos guardavam reprimidos dentro de si. Esse período, de extremo misticismo, possibilitou o surgimento de teorias como a de Franz Mesmer. A Europa viveu uma intensa modificação no plano religioso, e a literatura revela um sentimento de decepção religiosa entre os literatos românticos. Foi nesse período que as religiões orientais ficaram conhecidas na Europa, e foi inevitável que aos europeus fosse dada a oportunidade de que delas pudessem emprestar aspectos de uma visão espiritual muito diferente daquela por eles conhecida. Dessa mistura, do misticismo do Romantismo, com os valores religiosos orientais, surgiu uma nova interpretação da palavra de Jesus Cristo. Dessa condição filosófica surgiu na década de 40 o Espiritismo de Alan Kardec. Baseado na palavra de Jesus, conhecida das religiões ocidentais, Alan Kardec fundamentou sua filosofia na teoria da reencarnação, apreendida das religiões orientais. Dessa mistura surgiu uma filosofia religiosa extremamente idealista, fundamentada no perdão absoluto e no aperfeiçoamento estético ao longo de muitas vidas. Nessa filosofia, o ser humano é um espírito em constante aperfeiçoamento, fadado à inevitável perfeição estético-moral.

Como todo o movimento do Cientificismo, Émile Durkheim herdou dos naturalistas do início do século XIX uma gama enorme de estudos sobre a sociedade que não se caracterizavam por uma metodologia específica. Na segunda metade do século, Durkheim tomou a sociedade, para estudar nela os elementos de organização que agiam na interação entre os indivíduos e o próprio sistema social, e criou uma metodologia para estudá-la, transformando a vertente de estudo de que fazia parte numa ciência com características e elementos metodológicos completamente definidos. Nesse período, o campo de estudo sociológico estava bastante propício, pois a sociedade humana estava já bastante complexa, e as cidades ofereciam um campo ilimitado de observações sobre o comportamento em grupo dos seres humanos, e é desse ponto que surgiu a teoria sociológica de Durkheim.

Com a evolução dessa sociedade industrial, cada vez mais brutalizada e desinteressada dos sentimentos individuais, no final do século XIX e início do século XX, o ser humano parece ter descoberto o poder de tudo negar. Verdadeiramente, se Deus era a força que tornava a vida humana pura, aquela sociedade capitalista e violenta não conhecia Deus. Esse pensamento frutificou sentimentos que tornaram os indivíduos, do ponto de vista filosófico, absolutamente independentes: a inexistência de um futuro e de uma criação primária superior dava plenos poderes ao homem para viver, criar e destruir. Esse fluxo de conhecimento gerou filosofias novas como, por exemplo, o Existencialismo de Jean-Paul Sartre; movimentos na literatura e nas artes plásticas como o Dadaísmo, o Futurismo, o Surrealismo, o Abstracionismo — com o abandono tornado dogmático pela sucessão interminável de experimentos estéticos ; na música, o atonalismo, o dodecafonismo, o minimalismo... e são exemplos da negação da forma primária das coisas os romances de James Joyce, do “Nouveau Roman”, o verso livre na poesia, etc. Nesse período, como não poderia deixar de ser, uma visão científica criada pelos seres humanos negava o determinismo espiritual, mas desejava uma forma ideal e pacífica de viver, perfeitamente registrada na arte em geral. Esses sentimentos todos estavam fundamentados nesse comportamento humano em sociedade: altamente destrutivo e vingativo e profundamente egoísta. Ao mesmo tempo, estava fundamentado num ser humano que demonstrava ser capaz de tudo construir, ou seja, capaz de tomar o lugar de Deus.

Assim, fica patente a ideia de que todos os cidadãos que convivem em uma determinada sociedade estão dentro do mesmo conjunto de influências, independentemente da posição social em que estejam. A lógica dos fatos de um lugar e de uma época determina a lógica do pensamento do indivíduo. É por essa lógica de fatos, sentimentos e valores que o indivíduo vai criar tudo que for obra sua durante sua vida.

Humboldt, que foi educado durante o Iluminismo e que presenciou a tomada da Bastilha, foi um ser humano clássico-romântico prussiano, pleno do idealismo estético e filosófico do início do século XIX. Whitney foi um professor de línguas, da segunda metade do século, num país em formação, que procura uma fórmula de fazer aprender as línguas, estudando o modo infantil de aprender a falar. Saussure viveu o momento em que a Europa conheceu o Cientificismo e o Simbolismo e por isso, em sua obra, o ato de estudar é singularmente metódico e os conceitos completamente simbólicos.

Cabe notar que a história de um indivíduo, por força da presença dos elementos sociais de cada época, que determinam o modo de pensar e de expressar de todos os indivíduos participantes daquele meio social, só é possível uma única vez e não poderia ser repetida, em hipótese alguma, com outro indivíduo, ou num outro lugar, ou numa época diferente. Logo, entre esses três linguistas ou entre os ficcionistas citados, não há nenhuma possibilidade de pensar que suas ideias pudessem existir em outro tempo ou lugar que não fosse no tempo e no lugar em que existiram.

Quanto à linguística dos linguistas apresentados, cada um tem seu posto assegurado na história, como um elemento que oferece uma contribuição individual para o conjunto da sociedade. Nos três casos, essa contribuição é reflexo do movimento cultural e social que antecede e que naquele momento se apresentava para aquele indivíduo.

Deve ser ressaltado nesse pensamento o conceito para o que foi denominado de geração. Tanto em Humboldt, quanto em Whitney e Saussure, existe uma definição para o termo geração, que não coincide, mas que não difere muito entre eles. De qual-quer forma, pode ser tranquilamente dito que cada um deles representa ou é participante de uma geração distinta.

Assim, Humboldt é elemento integrante do Romantismo, da Gramática Comparada e até de um Iluminismo tardio. Mas ele também é considerado o primeiro teórico da linguagem no século XIX a estudar a linguagem sem uma preocupação predominantemente histórica. Ele procurou a origem da linguagem seguindo um padrão de estudo ligeiramente diferente dos estudiosos de sua geração, não seguindo um processo puro e simples de comparações entre gramáticas. Valendo-se da comparação entre gramáticas, procurou a fórmula padrão de desenvolvimento intelectual do processo linguístico nos diversos continentes da Terra.¹⁴⁴

¹⁴⁴ Valeria lembrar aqui que, na segunda metade do século XVIII, a pesquisa empírica sobre a particularidade das línguas orientou-se em duas direções que deram lugar a polêmicas importantes: por um lado, o inventário e a descrição de cada uma delas, o que se materializa na constituição dos dicionários; por outro, a comparação dessas línguas, pela análise de derivações e parentescos, leva a diversas hipóteses sobre a origem das línguas. Na articulação desses dois projetos estão os ensaios de Wilhelm-Gottfried Leibniz (1646-1716) reunidos em seu *L'Harmonie des langues* (Paris, Seuil, 1999,

Whitney, por sua vez, foi um neogramático, não-europeu, que pertenceu, como Saussure, a um momento histórico em que os movimentos culturais já não eram separáveis por datas ou fatos precisos. Esses movimentos culturais aconteciam em diversos pontos do mundo em tempos diferenciados e, por força dos meios de comunicação, sobrepunham-se uns aos outros em todos os cantos do mundo. O período em que viveram Whitney e Saussure é marcado pela exposição do conceito dada pelos elementos do plano de expressão — ou seja, no período que começa com o Realismo (1850) foi cada vez mais buscada e testada a concretização dos significados nos elementos significantes.

Se Whitney não pode ser incluído completamente no movimento Simbolista, no sentido de ser dedicado a encontrar o espaço do ser humano na construção linguística social, Saussure pode ser aí incluído. Mais que qualquer um dos estudiosos do processo de construção da linguagem, Saussure observou a construção da forma básica da comunicação humana como uma estrutura exclusivamente baseada na interação do indivíduo e com a sociedade. É certo que essa afirmação não é claramente passível de comprovação, mas Saussure historicamente se coloca como herdeiro de toda a Linguística Romântica, e foi no Romantismo que se iniciou o uso, de modo claro, da metáfora como representação do social a partir do ser humano. Paulatinamente, a representação simbólica passou de metafórica para metonímica da estrutura linguística; de metonímia da própria linguagem ela se tornou metalinguagem.

Assim, os modelos de linguística desenvolvidos pelos três varia de modo muito acentuado quando observados sob o ponto de vista da evolução social.

Humboldt foi um pensador filosófico: para ele o sistema de linguagem funciona como parte da obra que é o ser humano. Ele buscou uma forma que fosse o modo mais aproximado do projeto que poderia ser chamado de divino. A linguagem é um mecanismo que nunca está pronto, porque representa no homem o que o homem é em seu pensamento e seus sentimentos, e esse homem deve estar sempre em aperfeiçoamento.

Todas as obras do Romantismo, e não poderia ser diferente em Humboldt, desejam uma forma para o ser humano que o aproxime cada vez mais de Deus, isto é, o homem é algo criado para ser igual a Deus. Desse modo, o conceito de língua em Humboldt é uma demonstração daquilo que a língua pode e deve ser, sendo a realidade uma forma individualizada daquilo que verdadeiramente ela é enquanto projeto da criação pela inteligência. Humboldt propôs um modelo linguístico que procurava a perfeição, exatamente como todo o projeto romântico, que buscava sempre uma forma humana idealizada.

org. por Marc Crépon), com os quais desenvolve a tese da “unidade do espírito humano”.

É assim que o conceito de língua em Humboldt representa e constrói um modelo ideal a ser perseguido. O ser humano sempre pode alcançar uma melhoria, mas jamais chegará a ser um modelo perfeito, porque, para o modelo da espécie humana que o Romantismo pressupõe, a perfeição humana está, acima de tudo, em se considerar um ser imperfeito. Esse é o modelo de humildade que foi assimilado das culturas orientais e que se coadunava, com absoluta perfeição, com os desejos e as crenças do Romantismo.

De qualquer forma, Humboldt se coloca num momento da história da Linguística que não propõe uma distinção muito clara entre os modelos metodológicos. Isso equivale a dizer que os estudiosos desse período, ou melhor, até esse período, praticavam uma ciência de caráter geral, sem um qualificador exato para suas pesquisas. Logo, tudo o que se tem na ciência pós-Romantismo encontra bases por todos os cantos, em todos os estudiosos do período, quando os estudos eram chamados de naturalistas. Por isso, no estudo sobre a linguagem de Humboldt, está previsto um processo psicológico e um processo sociológico que não é distinto do processo linguístico. Não existe uma clara visão do objeto de trabalho e de estudo, não por incapacidade dos estudiosos, mas por ainda não terem conseguido separar com exatidão cada um dos modelos. A Linguística só vai ter esse modelo de trabalho e de estudo claros em Saussure. Para Saussure, a primeira preocupação, enquanto professor de linguística geral, foi determinar o que significava aquela ciência e qual era a seu objeto de estudo.

Entre os neogramáticos fica evidente um outro nível de reflexão, muito diferente do modelo praticado por Humboldt e os comparatistas. Segundo Saussure, quando falava de Schleicher, existe um convite na obra desse estudioso na procura pela precisão dos dados. Então, o que pode ser inferido do modelo neogramático de estudo é que seu objeto estava muito mais próximo de ser entendido e delimitado do que estava nos comparatistas. No entanto, essa divisão entre o modelo filológico e o modelo teórico linguístico não estava clara. Em nenhum dos neogramáticos existe uma visão clara entre um campo de estudo e outro: é somente no final do século XIX, com a escola de Leipzig, e mais precisamente com Saussure, que esses dois campos seriam separados definitivamente. Foi Saussure que conseguiu ser completamente claro como filólogo ao estudar o indo-europeu e conseguiu também ser claro quanto ao objeto de estudo da Linguística. O principal elemento que leva a esse fato, no final do século, é que Saussure “herdou” todos esses modelos anteriores, que apresentavam misturas entre um campo de estudo e outro. Do mesmo modo que outros estudiosos de outras áreas também conseguiram estabelecer o objeto de estudo de suas ciências nesse período,

Saussure foi, em função dos estudos anteriores, o momento histórico em que os espaços da Linguística e da Filologia puderam ser nitidamente percebidos.

Whitney fez parte desse modelo neogramático, que buscava com uma certa precisão um espaço exato para aquilo que desejava como modelo de estudo. Whitney era essencialmente observador, e seu intuito era conhecer o processo humano de desenvolvimento da linguagem. Em seu momento histórico, não havia mais dúvida quanto à origem humana da língua, do mesmo modo que não era atribuída mais, sob nenhuma hipótese, a criação humana a partir de Adão e Eva. Cuvier¹⁴⁵, Lamarck¹⁴⁶ e principalmente Charles Darwin¹⁴⁷ já haviam teorizado de forma convincente, capaz de combater essas crenças no seio da humanidade. Logo, era muito mais lógico pensar a língua como uma instituição humana, e não propriamente como um modelo humano derivado da forma perfeita de comunicação, como buscavam os idealistas do Romantismo.

A estrutura das pesquisas de Whitney demonstra sua preocupação com o processo de transformação que ocorre no interior do indivíduo, quando sua capacidade de linguagem passa a ser acionada e a língua começa a ser realizada enquanto estrutura lógica. Whitney partiu de um único princípio, que se demonstra evidentemente como um início nessa circunstância: a aprendizagem infantil, quando a capacidade de linguagem é realmente acionada. Chama a atenção a preocupação sincrônica desse trabalho; não que ele tivesse a preocupação de separar a estrutura histórica da estrutura momentânea da língua, mas sua preocupação estava voltada para o material que era encontrado em uso na sociedade. Ele não estudou o aspecto do sistema fonético, que separa o simultâneo do sucessivo. Esses conceitos só apareceram de modo claro, como é compreendido na modernidade, em Saussure. Assim, a preocupação de Whitney era demonstrar que a língua é algo instalado no indivíduo pelo exercício que ele pode praticar diariamente.

Humboldt argumentou que o exercício mental é necessário para que o indivíduo se aproxime da perfeição ideal no uso da capacidade de linguagem numa língua. Então, o exercício da língua e da capacidade de linguagem são necessários em função da busca desse modelo de perfeição. Em Whitney o modelo ideal não existe, uma perfeição ideal nem mesmo

¹⁴⁵ Barão Georges Cuvier, naturalista francês, 1769-1832. Formulou as leis da anatomia comparada: subordinação dos caracteres, correlação das formas; aplicando essas leis aos fósseis, lançou os fundamentos da paleontologia animal.

¹⁴⁶ Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet Lamarck, naturalista francês, 1744-1829. Em 1809 publicou a *Philosophie zoologique* e, em 1815, *Histoire naturelle des animaux sans vertèbres*, em que expõe uma teoria da evolução depois denominada “lamarckismo”.

¹⁴⁷ Charles Darwin, naturalista inglês, 1809-1882. Formulou um sistema de história natural, denominado “darwinismo”, cuja conclusão extrema é o parentesco fisiológico e a origem comum de todos os seres vivos, com a formação de novas espécies por um processo de seleção natural.

pode ser imaginada; existe, sim, uma perfeição social a ser buscada, para que o indivíduo se situe cada vez melhor no meio em que vive.

Em Humboldt existe uma clara noção da condição ideal para o ser humano, e a língua apresenta ou representa essa forma ideal. Essa concepção humboldtiana é só um dos elementos que compõem a forma de pensar da época, que não é propriamente de Humboldt, mas de todo o Romantismo. Whitney e Saussure estão dentro de um pensamento muito diferenciado do de Humboldt e os românticos, pensamento que após 1850 é classificado como realista.

Saussure não poderia pensar num conceito de língua e de linguagem, idealizando a forma, como pensou Humboldt. Saussure estava num momento histórico em que o homem já estava consciente de que seu destino só pertencia a ele. Tudo, inclusive a língua, no contexto da vida neste planeta, estava a cargo da eficiência ou da ineficiência dos seres humanos. Partindo desse princípio, pode-se entender melhor o pensamento sobre a língua desenvolvido por Saussure, como sendo ela um produto da ação coletiva de todos os indivíduos. Todas as questões da sociedade em que ele estava inserido já tinham sido aceitas como explicáveis pela ação de agentes materiais existentes no espaço físico do planeta, afastando qualquer hipótese de ação de algo sobrenatural.

Ele não teve dificuldades para encontrar diferenças entre um modelo psicológico e um modelo idealista de linguagem, como aconteceu com Humboldt; e nem teve que desenvolver para a língua um pensamento novo, como sendo ela um fato social, como fez Whitney. Esses modelos, psicológicos e sociológicos, já eram amplamente estudados e muito bem explicados por ciências que se aplicavam diretamente sobre esses objetos de estudo. Saussure encaixou todos os estudos de linguagem feitos durante o século XIX num modelo científico que era amplamente desenvolvido nos seus dias: a explicação do objeto a partir da estrutura desse objeto. A linguagem não era uma doação divina ao homem como parte de sua alma, era uma parte de sua inteligência espiritual. A língua não poderia ser mais um modelo humano de um processo ideal de comunicação, como nos românticos. Em Whitney, a língua já era apenas uma fórmula a ser aprendida, e não a ser desenvolvida. A língua não era mais ilimitada quanto à perfeição que podia atingir, mas era limitada à capacidade individual que cada ser humano tem de realizar a língua de sua nação.

Toda essa concepção de linguagem, língua e discurso já estava explicada por Humboldt. No final do século XIX, não havia conceito que fosse completamente novo a aparecer no contexto dessa nova ciência, a Linguística. A novidade vem da formulação e da proposta de estudo que Whitney fez e que Saussure aperfeiçoou.

Essa comparação dos pensamentos pode ser feita em todos os pontos das teorizações dos três estudiosos da linguagem. Cada um em seu momento redescobriu a fórmula inteira da linguagem humana e a reconstruiu brilhantemente segundo o modelo de pensamento sociocultural que envolve o mundo em que está inserido. Humboldt foi romanticamente um estudioso da linguagem; Whitney buscou um modelo gramatical para a formulação da língua humana; e Saussure construiu um modelo linguístico que simbolizava o processo de realização da linguagem humana. Em Saussure, como nos outros dois, cada ser humano tem um modelo material e simbólico de toda a fórmula linguística humana.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação Lexical*. São Paulo, Ática, 1990.
- AMBELAIN, Robert. *A Franco-maçonaria*. São Paulo, Ibrasa, 1990. Trad. de Alcione Soares Ferreira.
- ARAÚJO, Carlos Roberto Vieira. *História do pensamento econômico*. São Paulo, Atlas, 1995.
- BAINVILLE, Jacques. *Histoire de France*. Paris, Tallandier, 1926.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1986, 3ª ed.
- BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique française*. Paris, Presses Universitaires de France, s.d.
- BARRIÈRE, Pierre. *La Vie intellectuelle en France. Du XVI^e siècle à l'époque contemporaine*. Paris, Albin Michel, 1961.
- BARJOT, Dominique; CHALINE, Jean-Pierre; & ENCREVÉ, André. *La France au XIX^e siècle 1814-1914*. Paris, Presses Universitaires de France, 1995.
- BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. São Paulo, Cultrix, 1972. Trad. Izidoro Blikstein.
- BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo, Ática, 1989.
- BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre arte*. São Paulo, EDUSP, 1991. Trad. de Plínio Augusto Coêlho.
- BAUMER, Franklin L. *O pensamento europeu moderno. Volume II - séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, Edições 70, 1990. Trad. de Maria Manuela Alberty.
- BEAUD, Claude. "Industrie", *Dictionnaire du XIX^e siècle européen*, pp. 580-587.
- BÉDARIDA, F. "Las ciudades. Población y explosión urbana". Em: BRIGGS, Asa (Org.). *Historia de las civilizaciones - El siglo XIX*, pp. 146-183.
- BENVENISTE, Emile. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris, Gallimard, 1974.
- *Problemas de linguística geral I*. Campinas, Pontes, 1995. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri.
- BERSANI, Leo. *Baudelaire et Freud*. Paris, Seuil, 1977. Trad. de Dominique Jean.

- BEUTIN, Wolfgang (Org.). *História da literatura alemã: das origens ao Vormärz*. Lisboa, Cosmos, 1993. Trad. de Anabela Mendes, Fernanda Gomes, Manuela R. Sanches, Maria Assunção P. Correia e Teresa Cadete.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. São Paulo, Ática, 1995.
- BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. São Paulo, Nacional, 1972.
- BOUQUET, Simon. *Introduction à la lecture de Saussure*. Paris, Payot, 1997.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 3ª ed., 1987.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo, Ática, 1991.
- BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- BRIGGS, Asa. "Perspectivas. El siglo XIX ante el futuro". Em: ---- *Historia de las civilizaciones - El siglo XIX*, pp. 471-499.
- BRIGGS, Asa (Org.). *Historia de las civilizaciones - El siglo XIX*. Madrid, Labor, 1989. Trad. de José M^a. Balil Giró.
- BURKE, Peter. *A escola dos Annales 1929-1989. A revolução francesa da historiografia*. São Paulo, EDUNESP, 1991. Trad. de Nilo Odália.
- BURNS, Edward Mcnall. *História da civilização ocidental*. Porto Alegre, Globo, 1977. Trad. de Lourival G. Machado, Lourdes S. Machado e Leonel Vallandro.
- BURNS, Edward Macnall; LERNER, Robert E. & MEACHAM, Standish. *História da civilização ocidental: do homem das cavernas às naves espaciais*. São Paulo, Globo, 1995. Trad. de Donaldson M. Garschagen.
- CARPENTIER, Jean & LEBRUN, François. *História da Europa*. Lisboa, Estampa, 1992. Trad. de Manuel Ruas.
- CHASSANG, A. & SENNINGER, Ch. *Recueil des textes littéraires français (século XVIII e XIX)*. Paris, Hachette, 1966.
- CHATEAUBRIAND, François-René. *Atala-René-Les aventures du dernier Abencérage*. Paris, Garnier, 1958. Intr. de Fernand Letessier.
- CHRISTIANSEN, Rupert. *Paris Babilônia: a capital francesa nos tempos da Comuna*. São Paulo, Record, 1994. Trad. de Valéria Rodrigues.
- CHUQUET, Arthur. *Littérature allemande*. Paris, Colin, 1913.
- CITELLI, Adilson. *Romantismo*. São Paulo, Ática, 1990.
- CONSTANTIN, Émile. Anotações manuscritas das aulas de Saussure. Genebra, Biblioteca Pública e Universitária, caixa Ms. Fr. 3972.

- COSERIU, Eugenio. "Sulla tipologia linguistica di Wilhelm von Humboldt. Contributo alla critica della tradizione linguistica". *LINGUA E STILO* 2 (1973):235-265. Trad. de Giulia Cantarutti.
- *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/EDUSP, 1982. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.
- *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/EDUSP, 1979. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.
- *Tradição e novidade na ciência da linguagem*. Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/EDUSP, 1982. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.
- COULTHARD, Malcolm. *An introduction to Discourse analysis*. New York, Longman, 1992.
- D'ALMERAS, Henri. *La Vie parisienne sous la Restauration*. Paris, Albin Michel, s.d.
- DANTZIG, Charles (Org.). *Les Écrivains français racontés par les écrivains qui les ont connus*. Paris, Belle Lettres, 1995.
- DARNTON, Robert. *Boemia literária e Revolução*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989. Trad. de Luís Carlos Borges.
- *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- *O lado oculto da Revolução*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988. Trad. de Denise Bottmann.
- DAUMARD, Adeline. *Os Burgueses e a Burguesia na França*. São Paulo, Martins Fontes, 1988. Trad. de Antonio Padua Danesi.
- Dictionnaire du XIX^e siècle européen*. Paris, Presses Universitaires de France, 1997.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo, Martins Fontes, 1995. Trad. de Paulo Neves.
- *Da divisão do trabalho social*. São Paulo, Martins Fontes, 1995. Trad. de Eduardo Brandão.
- *Sociologia e Filosofia*. São Paulo, Forense, 1970. Trad. de J. M. de Toledo Carmargo.
- DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística*. São Paulo, Cultrix, 1977. Trad. de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira.
- ELIADE, Mircea. *Ocultismo, bruxaria e correntes culturais*. Belo Horizonte, Inter-livros, 1979.
- FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. São Paulo, Ática, 1991.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coessão e coerência textuais*. São Paulo, Ática, 1991.
- FICHTE, Johann Gottlieb. *La théorie de la science*. Paris, Aubier, 1967. Trad. de Didier Julia.

- FISHER, H. A. L. *Storia d'Europa III. L'esperimento liberale*. Bari, Laterza, 1937. Trad. de Ada Prospero.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo, Abril, 1979. Trad. de Araújo Nabuco.
- FONSECA, Pedro Cezar Dutra. "Evolução da ciência econômica". Em: SOUZA, Nali de Jesus de. *Introdução à economia*, pp. 41-66.
- FURET, François. *Pensando a Revolução Francesa*. São Paulo, Paz e Terra, 1989. Trad. de Luiz Marques e Martha Gambini.
- GAUTIER, Léopold & GAUTIER, Hélène. Anotações manuscritas das aulas de Saus-sure. Genebra, Biblioteca Pública e Universitária, caixa Ms. Fr. 3973.
- GÉRARD, René. *L'Orient et la pensée romantique allemande*. Paris, Didier, 1963.
- GIGLIOLI, Pier Paolo (Org.). *Language and social context*. Harmondsworth, Penguin, 1983.
- GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève, Droz, 1969.
- GOETHE, J. W. G. von. *Fausto*. Rio de Janeiro, Agir, 1968. Trad. e pref. de Sílvio Meira.
- *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo, Liberdade, 1999. Trad. e posfácio de Erlon José Paschoal.
- GOMBRICH, E. H. *História da arte*. São Paulo, Círculo do Livro, 1972. Trad. de Álvaro Cabral.
- Grande Enciclopédia Delta Larousse*. Rio de Janeiro, Delta, 1978.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Como o senso comum compreende a filosofia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro.
- HEISE, Eloá & RÖHL, Ruth. *História da literatura alemã*. São Paulo, Ática, 1986.
- HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções. Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. Trad. de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel.
- HOFFMANN, E.T.A. *Princesse Brambilla*. Paris, Phébus, 1980. Intr. e trad. de André Espau de la Maëstre, pref. de Stefan Zweig.
- *Trois contes*. Paris, Aubier, 1947. Trad. e apres. de Geneviève Bianquis.
- *O pequeno Zacarias chamado Cinábrio*. São Paulo, Poética, 1994. Trad. e pref. de Karin Volobuef.
- HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990, 2ª ed.
- HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. São Paulo, Perspectiva, 1988. Coleção Elos.
- *Les Misérables*. Paris, Garnier, 1956. Intr. de Marius-François Guyard.
- *Notre-Dame de Paris*. Paris, Garnier, 1961. Intr. de Marius-François Guyard.
- *Poèmes choisis*. Paris, Cluny, 1948. Introdução de Yves-Gérard le Dantec.

- HULIN, Michel. *Hegel et l'Orient*. Paris, J. Vrin, 1979.
- HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. *Sobre el origen de las formas gramaticales y sobre su influencia en el desarrollo de las ideas - Carta a M. Abel Rémusat sobre la naturaleza de las formas gramaticales en general y sobre el genio de la lengua china en particular*. Barcelona, Anagrama, 1972. Trad. de Carmen Artal.
- *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona, Anthropos, 1990. Trad. y prólogo de Ana Agud.
- *Escritos políticos*. México, Fondo Económico de Cultura, 1943. Trad. de Wen-ceslao Roces.
- *Estudios comparativos de las lenguas*. Buenos Aires, Instituto de Filología, s.d.
- “Lo Stato e la religione”. Em: ----- *Saggio sui limiti dell'attività dello Stato*, pp. 59-77.
- “Lo Stato e le leggi penali”. Em: ----- *Saggio sui limiti dell'attività dello Stato*, pp. 123-137.
- “Saggio sui limiti dell'azione dello Stato”. Em: ----- *Saggio sui limiti dell'attività dello Stato*, pp. 61-77.
- *Saggio sui limiti dell'attività dello Stato*. Milano, Giuffrè, 1965. A cura di Giacomo Perticone.
- *De l'origine des formes grammaticales et de leur influence sur le développement des idées*. Paris, A. Franck, 1859. Trad. de Alfred Tonnellé.
- *Cuatro ensayos sobre España y América*. Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1951. Trad. de Miguel de Unamuno e Justo Garate.
- HUME, David. *Investigação sobre o entendimento humano*. Lisboa, Edições 70, 1989. Trad. de Artur Morão.
- HUNT, E. K. *História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica*. Rio de Janeiro, Campus, 1982. Trad. de José Ricardo Brandão Azevedo.
- ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. São Paulo, Ática, 1992.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo, Civitá, 1983. Trad. de Valeiro Rohden e Udo Baldur Moosburger.
- KARDEC, Allan. *A Gênese*. Araras, Instituto de Difusão Espírita, 1994, 5ª ed., 48º ao 56º milheiro. Trad. de Salvador Gentile.
- *Evangelho segundo o Espiritismo*. Araras, Instituto de Difusão Espírita, 1993, 162ª ed. Trad. de Salvador Gentile.
- *O livro dos Espíritos*. São Paulo, LAKE, 1993. 2ª ed., 11º ao 50º milheiros. Trad. de J. Herculano Pires.

- *O livro dos Médiuns*. São Paulo, LAKE, 1993, 2ª ed., 11º ao 50º milheiros. Trad. de J. Herculano Pires.
- *O que é o Espiritismo*. Araras, Instituto de Difusão Espírita, 1995, 32ª ed., 247º ao 252º milheiro. Trad. de Salvador Gentile.
- KEHDI, Valter. *Morfemas do português*. São Paulo, Ática, 1996.
- *Formação de palavras em português*. São Paulo, Ática, 1992.
- KNOLL, Joachin H. *Wilhelm von Humboldt - L'homme politique et le pédagogue*. Paris, Internationes, 1967.
- KOERNER, E. F. Konrad. *Ferdinand de Saussure: génesis y evolución de su pensamiento en el marco de la lingüística occidental*. Madrid, Gredos, 1982. Trad. de Graciela García Montaña.
- KRISTEVA, Júlia. *História da linguagem*. Lisboa, Edições 70, 1974.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Cambridge, Internal Factors, 1994.
- LAGARDE, André & MICHARD, Laurent. *XIX^e Siècle: les grands auteurs français du programme*. Paris, Bordas, 1962.
- LANTIER, Jacques. *La Théosophie*. Paris, Culture, 1970.
- LANGENBUCHER, Wolfgang & HILZINGER, Harro (Org.). *Antologia humanística alemã*. Porto Alegre, Globo, 1972.
- LEHMANN, Winfred P. *Historical Linguistics*. New York, Routledge, 1994.
- LEMOINE, Bertrand. "Urbanisme", *Dictionnaire du XIX^e siècle européen*, pp. 1208-1210.
- LOBO, L. (Org.). *Teorias poéticas do Romantismo*. Rio de Janeiro, UFRJ/PROED, 1987.
- LOCKE, John. *Morale et loi naturelle*. Paris, Vrin, 1990. Trad. de Jean-Fabien Spitez.
- *Essai philosophique concernant l'entendement humain*. Paris, Renaissance, s.d. Trad. de Gonzague Truc.
- LODY, Raul. *Candomblé: religião e resistência cultural*. São Paulo, Ática, 1987.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo, Cultrix, 1995.
- MAIA, João Nunes. *Filosofia Espírita*. Belo Horizonte, Espírita Cristã, 1987. Pelo Espírito Miramez.
- MALMBERG, Bertil. *Histoire de la linguistique de Sumer à Saussure*. Paris, Presses Universitaires de France, 1991.
- MALET & ISAAC (org.). *La Naissance du Monde moderne 1848-1914*. Paris, Ha-chette, 1961.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo, Es-criba, 1968. [Não consta o tradutor]
- MATTOSO Câmara Jr., Joaquim *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1988.

- *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro, Padrão, 1989.
- MOUNIN, Georges. *Saussure ou le structuraliste sans le savoir*. Paris. Seghers, 1968.
- MELLO, Luiz Carlos M. F. de. *William Dwight Whitney: uma abordagem social da língua no século XIX*. FFLCH/USP, São Paulo, 1996. Dissertação de Mestrado, inédita, mimeo.
- MILANI, Sebastião Elias. *As ideias linguísticas de Wilhelm von Humboldt*. FFLCH/ USP, São Paulo, 1994. Dissertação de Mestrado, inédita, mimeo.
- “Wilhelm von Humboldt: o conceito de língua”. *FRAGMENTA 2* (1999):101-111.
- MUSÉE CARNAVALET. *La Vie parisienne à l'époque romantique*. Paris, Payot, 1931.
- NICOLA, José de. *Literatura portuguesa: das origens aos nossos dias*. São Paulo, Sci-pione, 1999.
- NICOLSON, Nigel. *Napoleão: 1812*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987. Trad. de Henrique de Araújo Mesquita.
- PORCHÉ, François. *Baudelaire et la Présidente*. Genève, Milieu du Monde, 1941.
- PADOVANI, Humberto & CASTAGNOLA, Luís. *História da Filosofia*. São Paulo, Melhoramentos, 1962.
- PATOIS, Henri Duchasal Charles. Anotações manuscritas das aulas de Saussure. Genebra, Biblioteca Pública e Universitária, caixa Ms. Fr. 3971.
- RÉMOND, René. *O século XIX*. São Paulo, Cultrix, 1990. Trad. de Frederico Pessoa de Barros.
- ROUSSEAU, J. J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo, Martins Fontes, 1993. Trad. de Maria Ermantina Galvão.
- RYCENGA, John A.; SCHWARTZ, Joseph. (ed.). *Perspectives on language*. New York, The Ronald, 1963.
- SAINT-PIERRE, Bernardin de. *Paul et Virginie*. Paris, Brodard et Taupin, 1984.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bailly & Albert Sechehaye et avec la collaboration de Albert Riedlinger. Paris, Payot, 1931 [1ª ed. 1916].
- *Curso de linguística geral*. São Paulo, Cultrix, 1995 [1971], 18ª ed. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.
- *Cours de linguistique générale. Édition critique par Rudolf Engler*. Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1968, tomo 1.
- *Cours de linguistique générale. Édition critique par Tullio de Mauro*. Paris, Payot, 1972.
- *Troisième Cours de linguistique générale, d'après le cahier d'Émile Constantin*. Edited and translated by Eisuke Komatsu & Roy Harris. Tokio, Pergamon, 1993.

- *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*. Genève, Jules-Guillaume Fick, 1881.
- *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Genève, Société Anonyme des Éditions Sonor, 1922.
- Anotações manuscritas sobre linguística geral. Genebra, Biblioteca Pública e Universitária, caixa Ms. Fr. 3951, 3952, 3953, 3954, 3957, 3970 e 3974 (em alemão).
- SCHLEICHER, August. *Les Langues de l'Europe moderne*. Paris, Garnier, 1852.
- SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1992. Trad. de Roberto Schwarz.
- *Maria Stuart*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1955. Trad. e pref. de Manuel Bandeira.
- *Poesia ingênua e sentimental*. São Paulo, Iluminuras, 1991. Trad. de Márcio Suzuki.
- *Sobre la gracia y la dignidad. Sobre poesia ingenua y poesia sentimental y una polemica Kant, Schiller, Goethe, Hegel*. Barcelona, Icaria, 1985. Trad. de Juan Probst y Raimundo Lida.
- SEIGNOBOS, Charles. *História comparada dos povos da Europa*. São Paulo, José Olympio, 1945. Trad. de Vivaldo Coaracy.
- SOUZA, Nali de Jesus de (Org.). *Introdução à economia*. São Paulo, Atlas, 1995.
- SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. São Paulo, Nova Cultural, 1985. Trad. de Luiz João Baraúna.
- STAËL, Madame de. *De l'Allemagne*. Paris, Garnier, 1968.
- STAROBINSKI, Jean. *Les Mots sous les mots: les anagrammes de Ferdinand de Saussure*. Paris, Gallimard, 1971.
- STAUB, Augustinus. *Hermann Paul, F. de Saussure e K. Bühler na linguística moderna*. Brasília, Thesaurus, 1981.
- STENDHAL. *Armance ou quelques scènes d'un salon de Paris en 1827*. Paris, Garnier, 1950. Intr. de Henri Martineau.
- *Le Rouge et le Noir*. Paris, Garnier, 1964.
- STEPHAN, Inge & STEIN, Peter. "O período da Arte (*Kunstperiode*)". Em: BEUTIN, Wolfgang (Org.). *História da literatura alemã: das origens ao Vormärz*, pp. 236-312.
- STURTEVANT, E. H. *Linguistic change. An introduction to the historical study of language*. Chicago, Phoenix, 1961.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- TEYSSÈDRE, Bernard. *L'Esthétique de Hegel*. Paris, Presses Universitaires de France, 1958.
- TODOROV, Tzvetan. *Teorias do símbolo*. Lisboa, Edições 70, s.d.

WHITNEY, William Dwight. *La Vie du langage*. Paris, Germer Baillièrè, 1880.

----- *Sanskrit Grammar*. Delhi, Motilal Banarsidass, 1977.

WOLFF, Christian. *Le Philosophe-roi et le roi-philosophe et La Théorie des affaires publiques*. Paris, Vrin, 1985. Trad. de Jean Deschamps.